

Perversas Intenções - lora leigh
(4º DA SÉRIE Bound hearts)

RESUMO

O controle sempre significou tudo para Tally Raines. Controle do escritório que dirigiu como secretária de Jesse Wyman, e agora também controle do escritório de Lucian Conover. Mas Lucian não está satisfeito sendo controlado por sua ardente secretária. De fato, Lucian pensa que precisa relaxar-se e libertar à mulher sexy e sensual que se esconde sob seu frio exterior. E ele a desafiará a fazer justamente isso... com um pouco de ajuda.

Prólogo

"Olá Jaded, como andam as coisas?" As palavras apareceram na tela do computador, e nos lábios de Tally se desenhou um sorriso divertido.

"Lentas, Wicked. Muito lentas," teclou ela, bufando com o eufemismo.

A vida cibernética que ela levava era completamente oposta à vida real da que escapava todas as tardes que tinha a possibilidade. Os mesmos homens, as mesmas festas, a mesma merda. Ela tinha se aborrecido das intermináveis ronda fazia meses. Por que se tinha aborrecido, ainda não havia resolvido.

"Seu chefe segue fazendo seus próprios arquivos?" Isso era uma brincadeira que tinha feito nos chat-room nos que participava. Tinha contado a história o primeiro dia que tinha ocorrido. Cada um tinha parecido intimidado por seu lucro. Ela pessoalmente tinha esperado ao menos uma discussão com Jesse Wyman então. Não tinha esperado que ele realmente fizesse seus próprios arquivos de merda.

"Infernos se sei" teclou ela finalmente. "Penso que ele me despediu hoje." Transladá-la, despedi-la, era a mesma coisa. Gostava de trabalhar com Wyman. Não era exatamente desafiante mas lhe deixava muito tempo para ir às compras.

"Despedida?" As palavras cintilaram. "Ele não se atreveria a te despedir." Ela riu dela mesma. Houve dias em que Wyman tinha querido matá-la, mas tinha resistido ao impulso com mais autocontrole do que ela pensou que tinha. É obvio, o casamento que Terrie planejava o tinha deixado bastante cansado. Isso ou as visitas dela a seu escritório pela tarde.

"Ele diz que é uma tranferência. Ele me enviou ao inferno, Wicked." Ela suspirou com o pensamento.



A fusão entre a Conover e Delacourte tinha sido mais que uma surpresa no mês passado. Inclusive maior foi a surpresa de que ela agora seria a ajudante pessoal de Lucian Conover.

"Transferida?" As perguntas curtas eram tão típicas de Wicked. Ela quase podia sentir sua impaciência. "Ao Inferno?"

"Ao Inferno," suspirou ela. "Meu novo chefe é Lúcifer. Isto não vai ser divertido. Aí se vão todas minhas horas de recreio.. (sorriso)" Ela teclou a expressão sentindo-se ofendida. Lucian Conover não era sua idéia de chefe perfeito. "Espero que ele esconda ao menos um pouco de senso de humor embaixo do cenho franzido que tem. Aposto que não sabe a diferença entre um ménage e uma margarida. A quem lhe direi todas minhas brincadeiras sujas?"

* * * * *

Lucian franziu o cenho. Filha da puta. Lúcifer, é? Não conhecia a diferença entre um ménage e uma margarida? Ele murmurou uma série de maldições voláteis quando se afastou do computador e começou a caminhar furiosamente. Sabidona, pequeno inseto viperina. Ele podia lhe ensinar um fodido ménage que recordaria até sua seguinte vida se seguia com esta merda. Ela não tinha nenhum sentido do decoro e lhe tinha mostrado zero de respeito cada vez que ele aparecia pelo escritório de Jesse. Ela o picava com essa língua viperina dela, sorria com satisfação cada vez que tinha a possibilidade e mostrava de cem modos diferentes que esperava que ele se arrastasse a seus perfeitos pés diminutos. Filha da puta. Por saborear esse doce, pequeno corpo ele poderia fazê-lo e isso era o que realmente lhe irritava.

"Ainda respira?" Sua ácida pergunta surgiu como uma mensagem instantânea com um suave som.

"Sim, só estava me perguntando a conexão entre o ménage e a margarida," teclou ele, amaldiçoando-se de mil formas diferentes. Estava louco para havê-la pedido como assistente pessoal. Tinha perdido sua nunca amorosa mente.

"Nenhuma conexão." Ele fez uma pausa com a resposta, franziu o cenho. Jaded sempre tinha uma razão para amaldiçoar em quase cada frase que dizia. A menos que ela fora infeliz. A menos que estivesse sozinha. Ele tinha aprendido isso durante o ano passado. Fazia de tudo para aprender tudo o que pudesse sobre ela: sua meta.

"Estás bem, Jaded?" Ele realmente não deveria preocupar-se, mas o fazia.

"Sim, estou bem" Suas palavras soaram depressivas, até pela impessoal caixa de comunicação. "Talvez irei às compras amanhã. Ouvi que há uma oferta em sapatos..."

"Uh Oh. Pobres vacas, sacrificando suas vidas para apoiar seu vício." Ele

sacudiu sua cabeça, ainda preocupado. Ela não estava normal.

"Vacas, jacarés, o que seja." Não!, este não era seu Jaded.

"Ouça querida, pode falar comigo, sabe." Ele a necessitava também.

Houve um comprido silêncio.

"Ela é minha amiga." As palavras finalmente chegaram com uma sensação de tristeza. "Não posso acreditar que ela tenha tão mal gosto com os homens."

"Sim?" Ele nem sequer pretendeu entender.

"Quero-a como uma irmã." Ela tinha que estar falando de Terrie.

Ele esperou a ver o que ela dizia.

"Não posso acreditar que ela realmente transou com Lúcifer! Está louca? perdeu o juízo? O homem é um emparelha. Não tem nenhum estilo. Nenhuma classe, e duvido que tenha um pênis de mais de treze centímetros de comprimento. Provavelmente só precisava um dedo ou dois para masturbar-se."

Ele se recostou devagar em sua cadeira. Seu pênis, os treze centímetros e vários mais, pulsava ultrajado. Seus olhos se estreitaram.

"O homem olha com o cenho franzido. É desprezível. Caminha como se fosse um touro em um negócio de louça da China. É tão aborrecido. Cristol!

Necessito de um novo trabalho."

Seus punhos se apertaram, seus dentes chiaram enquanto via tudo vermelho. A pequena bruxa viperina. Um touro em uma loja de louça da China? Pênis de treze centímetros? Pênis de treze centímetros?? Ohh, lhe mostraria muito mais que treze centímetros de merda. Maldição. A mulher tinha uma mordida que faria a um cão raivoso orgulhar-se.

"Se renunciar, pense em todos esses sapatos que chorariam." Era lamentável. Verdadeiramente lamentável, mas ele estaria condenado se teclasse seu ultraje pela Internet. Provavelmente guardaria a mensagem de merda para mostrar a todos seus companheiros de chat. Ele bufou. Oh, ela se surpreenderia.

"Bom, é verdade. Mas definitivamente o estou pensando."

Ele se acalmou. Pensando-o, verdade? Ele tinha previsto isto.

"Bem, boa sorte querida. Agora vou me desconectar. Entrevista quente esta noite."

Nada passou durante longos momentos.

"Bom. boa noite."

"Boa noite, carinho. Se anime, talvez tenha sorte e ele tenha mais de treze centímetros." Ele grunhiu.

"Como se isso pudesse lhe ajudar." Ele quase podia ouvir a vibração arrogante das palavras. "Onde. Oh onde se foram todos os alfa? Sua mãe deve te haver amamentado por muito tempo."

"Ou a tua te alimentou com veneno e especiarias em vez de doce leite"

teclou ele furiosamente. E ele o dizia a sério.

"UAU. Essa foi boa, Wicked. Se divirta por mim enquanto está fora.

Falaremos mais tarde"

Ele fechou a janela. Apagou o programa, malditamente perto de tremer de raiva e excitação. parou-se, empurrando seus dedos sem piedade por seu cabelo enquanto chiava seus dentes com cólera. Condenada. Lúcifer, verdade? Treze centímetros, verdade? Ele grunhiu enquanto caminhava pela casa, desprendendo a jaqueta de couro do poste da escada enquanto se dirigia para a porta.

A senhorita Jaded Tally estava pronta para uma maldita surpresa.

Capítulo 1

Simplesmente o chamavam de Clube. Era a grande casa de uma plantação sulina que se localizava nas cercanias da cidade em uma pequena área de bosques, possivelmente a um quilômetro e meio da estrada principal. Não facilmente acessível, mas tampouco difícil de encontrar.

Uma parede de pedra encerrava os quase dois hectares da propriedade; um guarda se sentava em uma pequena cabine na porta de ferro à entrada. A casa em si mesmo estava rodeada por carvalhos majestosos, dando à propriedade um ar de elegante riqueza.

Lucian entrou no oculto estacionamento, inspecionando os veículos já estacionados ali. O Clube servia a uma ampla clientela de todo o mundo, mas mesmo assim mantinha uma atmosfera de amizade pessoal. Nem todo mundo era convidado a entrar por suas portas, escolhia-se a uns poucos. Se precisava de muito mais que dinheiro, família ou influências para receber um convite dos membros do Clube. Era necessário um estilo de vida.

— Boa noite, Sr. Conover. — o mordomo e pacificador, Matthew Harding, abriu a porta e se manteve de pé de um lado quando ele entrou. — Posso guardar sua jaqueta, senhor?

Ele não era o típico mordomo. Lucian não podia imaginar Matthew trabalhando para qualquer das famílias influentes que ele conhecia. O ex-soldado de um metro oitenta e cinco de altura, das Forças Especiais poderia ter escolhido ter um emprego em qualquer agência de segurança. Em troca, tinha aceito um trabalho como mordomo e chefe de segurança na casa do Clube. As vantagens, Matthew freqüentemente dizia, eram melhores que o pagamento, que era condenadamente boa.

— Obrigado, Matthew. Parece que esta casa enche esta noite. — ele podia ouvir as vozes elevadas pela risada desde o quarto principal.

— Temos vários de fora da cidade esta semana, assim como muitos dos

assíduos. — Matthew pendurou a jaqueta de couro no amplo armário ao lado.

— A casa esta definitivamente cheia no momento.

O Clube manteve a planta da casa para a conveniência dos membros de fora da cidade. Não havia nenhuma necessidade de alojar-se em um hotel quando estavam fazendo um negócio perto da zona. A casa de três pisos contava com uma dúzia de dormitórios totalmente equipados, pessoal de cozinha, e serviço doméstico. Uma confiança estabelecida fazia quase vinte anos pelo fundador do clube privado se ocupava da maioria do cotidiano da casa. As cotas de sócio, que não eram trocadas, foram parar em uma conta para pagar os gastos gerais.

— Devril já chegou? — perguntou Lucian enquanto se dirigiam ao quarto principal.

— O senhor Devril deve chegar dentro de pouco tempo. — Matthew sorriu abertamente, seus olhos azul claro se acenderam com diversão. — Acredito que ele devia receber a senhorita Hampstead no aeroporto antes de vir aqui. Alyssa Hampstead era uma das poucas submissas cujo ingresso tinha sido aprovado. Ela era uma herdeira delicada, arrogante, com frescos olhos cor avelã e um exterior frio. Esquentá-la era um desafio que muitos dos membros do Clube abraçavam com entusiasmo.

Lucian percorreu o quarto principal, um salão de baile cavernoso que tinha sido remodelado para encaixar com as necessidades do Clube e equipado para o prazer dos membros. Uma barra estava colocada ao final; o resto do quarto estava cheio de divãs cômodos de couro, cadeiras e pequenos puffs para o prazer de seus patrões. Suas boas-vindas foi um agudo grito feminino de prazer e dor.

Ele fez uma pausa, seu olhar movendo-se a um casal próximo. Sax Brogan tinha sua raspada cabeça arremessada para trás em êxtase enquanto sujeitava a uma pequena ruiva sobre o seu pênis grosso que atravessava seu ânus. A cremosa pele branca da mulher contrastava bruscamente com os tons chocolate do grande homem. Suas pernas estavam amplamente estendidas enquanto Sax agarrava sua pequena cintura e a elevava, só para baixá-la devagar sobre o eixo rígido que separava suas nádegas.

Uns enjoados olhos de cor azul esverdeado olharam fixamente para Lucian enquanto ele olhava seus lábios abrindo-se pela excitação. Sua cara estava ruborizada, e debaixo, seus peitos cheios estavam inchados, os mamilos perfurados se erguiam duros e orgulhosos em excitação.

Sua vagina estava lisa e depilada. Alguns dos membros femininos desfrutavam da estimulação dolorosa de depilar-se que a casa lhes proporcionava. Sua nata permanecia espessa e brilhante sobre o pequeno montículo de sua vagina. Seu clitóris estava engrossado, uma pequena pérola brilhante aparecendo fora de seu capuz protetor enquanto os dedos dela

trabalhavam sobre ele, desesperadamente.

A mulher era mais jovem que a maior parte dos membros femininos. Apenas vinte e quatro, era a filha de um Senador sério, congestionado, que teria um ataque do coração se alguma vez imaginasse que sua pequena e perfeita moça era membro de um estabelecimento que satisfazia a machos sexualmente dominantes.

— Me foda, Sax. — ela montava o grosso pênis com movimentos vacilantes, fracos com a luxúria enquanto sua cabeça caía contra o ombro do Sax. — Me foda mais duro. Agora. Por favor, agora.

Sax gemeu detrás dela. Apesar de suas palavras, todos sabiam que rápido e duro não era o que gostava. Lhe gostava de ser atrasada sexualmente, ser empurrada às fronteiras de seu controle e despojada das reservas naturais às que se viu obrigada durante muito tempo.

Sax a tinha implorando antes que tivesse terminado com ela. Seus gritos ressonariam pelo quarto circundado de janelas, suas súplicas se fariam desesperadas antes que lhe permitisse qualquer liberação.

Ver isto não estava fazendo nada bem ao pênis de Lucian. A tenra vagina dela tinha florescido aberto, gotejando de excitação, avermelhado e inchado. Inviolável. Esta era uma das poucas restrições que ela tinha instalado antes de inscrever-se. A vagina da mulher nunca tinha sido violada e no momento, não o seria.

Uma fodida virgem com um pênis em seu ânus. Isto nunca deixava de assombrar Lucian.

Sacudindo sua cabeça ante a vista, virou e se dirigiu ao largo bar com a esperança de uma bebida forte. Tally o tinha deixado muito zangado inclusive para pensar tirar a tensão de seu sistema esta noite; além disso, ele não estava necessitando de uma das mulheres encantadoras e lascivas que havia ali. Tally tinha criado o monstro que palpitava em suas calças e ele acabava de colocar em sua mente que seria ela a que deveria ocupar-se dele. — Sax vai passar um tempo infernal comendo ela. — Thom comentou quando outro grito feminino os alcançou. — Ele esteve esta fodendo ela a quase meia hora já e ela ainda não gozou.

Havia um tom de compaixão na voz de Thom. Lucian sacudiu sua cabeça fatigosamente. Red era uma virgem, comprovada regularmente por ordem de seu estritamente moral pai. Se ouvia por aí que o dia que ela se levantasse sem sua virgindade, ou com o benefício de uma licença matrimonial que seu pai tivesse aprovado, então a enorme fortuna que sua mãe lhe tinha deixado a sua morte voltaria para seu pai por completo. Particularmente, Lucian suspeitava que havia muito mais que isso.

Ele deu uma olhada atrás para o casal.

— Não. Não. Ainda não... — ela deu um grito quebrado enquanto Sax

empurrava com força dentro das escuras profundidades de seu ânus e começou a estremecer na liberação. Embora, para o benefício dela, ele seguiu a penetrando.

Lucian acabou o uísque e pegou com a mão no cristal para pedir outro ao garçom. Sempre que olhava para outra mulher ele via Tally em seu lugar. Seu cabelo comprido negro umedecido por suor, sua cara avermelhada, suas coxas estendidas enquanto seu pênis perfurava sua vagina ou os apertados limites de seu ânus. Queria ouvi-la gritar quebradamente de luxúria, sua voz rouca, suplicando, rogando.

Era por sua própria culpa. Devril tinha estado esperando durante meses que ele fizesse seu movimento com ela. Seu gêmeo, Devril tinha ligeiramente menos paciência que ele. Tinha-lhe mostrado várias vezes o fato de que Lucian tomava muito tempo em provar os limites de Tally. Eles, como irmãos, tinham posto seus olhos nela quando começou a trabalhar para Jesse Wyman. Infelizmente para Tally, isto não seria uma questão de compartilhar uma noite ou duas simultaneamente com os irmãos. Era uma questão de compartilhar sua vida. A atadura que Lucian e Devril compartilhavam não permitiria outra coisa. O que Lucian desejava, naturalmente se convertia em um ansia para Devril também.

O que Lucian amava, Devril amava. E eles, ambos, tornaram-se muito interessados por essa sabidona e viperina Tally Raines.

Lucian podia sentir a antecipação de Devril pulsando nele. Parecia que eles eram cada um a metade de um tudo. O que tinha começado com sua separação quando eram meninos só tinha solidificado quando alcançaram a puberdade e logo a maturidade. A união natural que os gêmeos compartilhavam tinha sido intensificada, fortalecida de algum modo, até que eles puderam sentir cada um a dor do outro, seu prazer, e às vezes seus íntimos pensamentos.

Eles o tinham combatido em seus anos adolescentes, tinham-no negado quando cada um tinha lutado para desenvolver personalidades individuais. Mas quando eles alcançaram a idade adulta, tinham aprendido a aceitá-lo.

— Ei! Lucian. — Devril se sentou ao lado dele, sua cara escura refletindo sua própria tensão, os profundos olhos verdes preocupados.

Lucian virou sua cabeça. A noite e o dia, era o que eles eram. Devril tinha cabelo negro e parecia um menino de anúncio para a luxúria e o pecado.

Seus traços não eram classicamente atrativos; mas bem eram duramente afiados, quase selvagens. Os mesmos traços que Lucian possuía, exceto seu cabelo que era quase um puro e vívido loiro.

— Ela está indo muito longe. — Lucian suspirou, consciente de que Devril sabia que falava de Tally. — Começarei amanhã.

Devril se esticou em expectativa.

— O que quer que eu faça?

Lucian tomou um gole da bebida e estremeceu ao lhe queimar a garganta.

— Somente estar preparado. Meu controle é condenadamente débil agora mesmo, irmão. Estou preparado para chutar seu cú, e não me refiro de um bom modo.

As escuras sobrancelhas de Devril se elevaram com surpresa antes de que seus lábios se inclinassem para cima em um perverso sorriso zombador.

— Tanto como possa lhe ajudar. — se mofou. — Lembre-se, mantenha ela longe do equilíbrio. Proporcionarei uma distração. Ainda vamos derrubá-la.

Lucian grunhiu.

— Ou ela nos derrubar. Cabeçuda deveria ser seu segundo nome. Mas veremos o que acontece.

Detrás deles, Red gritava em seu orgasmo. Dando-a volta, Lucian viu que Sax a tinha inclinado sobre uma conveniente mesa, penetrando com força e profundamente em seu ânus enquanto seus dedos pinçavam entre suas coxas, ordenhando seu inchado clitóris enquanto ela explodia. Havia uma careta de prazer na cara dele quando encheu seu ânus com seu próprio gozo de novo, mas desta vez, ele a tinha conduzido também ao êxtase.

Virando-se, Lucian suspirou pesadamente. Se pelo menos Tally fosse tão manejável.

Capítulo 2

Lucian Conover ia ser a morte dela. Tally Raines colocou o último dos gráficos ele tinha pedido no arquivo de dados e suspirou de aborrecimento. A tarde se estendia diante dela e havia ofertas em Brighton, a exclusiva loja de sapatos da cidade.

Escapar do escritório estava ficando cada vez em mais difícil de fazer. Ela juraria que Lucian tinha câmeras ocultas no escritório para gravar o tempo que ela passava fora do escritório. Tinha uma hora para almoçar e só uma hora. Isso logo era suficiente para ir a sua cafeteria favorita e tomar um capuchino, muito menos para comer ou sair às compras. Trabalhar para Jesse tinha sido muito mais fácil. O que lhe tinha feito pensar que poderia tolerar trabalhar para Conover?

É obvio, tinha tratado de opor-se à mudança, mas foi em vão. Jesse tinha estado regozijadamente satisfeito de tê-la fora de seu escritório. Ela suspirou. Essa nova tocha de batalha que tinha contratado provavelmente fazia também os arquivos. O homem estava muito mimado, especialmente depois casar-se com Terrie.

Pensar em Terrie fazia com que uma tristeza agriçosa a percorresse. Jesse tinha ordenado não mais piercings, não mais tatuagens, e parecia

determinado a controlar cada saída que fazia com a outra mulher. Não mais aventura. Havia tão poucas de suas amigas que pudessem apreciar algumas de suas escapadas mais atrevidas.

E não é que tivesse havido alguma nas passadas semanas. Realizar suas tarefas favoritas se atenuou um pouco, embora não estivesse segura do por que. O fato de que tivesse começado a noite em que tropeçou com o pequeno ménage de Jesse, Terrie e Lucian não tinha nada que ver com isso, assegurou-se a si mesmo. Mas não podia afastar a visão disso fora de sua mente.

Terrie tinha estado intercalada entre os dois homens, o pênis de Jesse alargando seu ânus enquanto Lucian comia sua vagina com selvagem luxúria. Tally se tinha ido rapidamente, mas não podia esquecer o que tinha visto. Não podia evitar a excitação que tinha provocado em seu corpo e isso a estava deixando louca.

Não que ela realmente desejasse Conover, assegurou-se firmemente a si mesma, ignorando o calor pulsar entre suas coxas. Arrogante, vil e tão previsível como era, ela certamente poderia ter algo muito melhor. Ou não? — Tally, preciso do arquivo Charter. — Lucian entrou no seu escritório, com um cenho em sua cara enquanto a olhava fixamente.

Ela elevou uma sobrancelha com fria inquisição.

— O contrato Charter saiu a semana passada.

Virou-se para o computador e guardou a informação antes de recolher o arquivo no que ela tinha estado trabalhando e colocá-lo a um lado da mesa junto com outra dúzia. Virtualmente podia ouvir Lucian chiando os dentes.

— Te perguntei quando saiu? — perguntou-lhe brandamente. — Não acredito. E agora essa voz... Tally se esticou para controlar o estremecimento que queria percorrer sua espinha. Precisou de todo seu controle, mas manteve seus movimentos calmos, lânguidos, enquanto saía do programa e se recostava em sua cadeira antes de girar para encontrar-se com seu olhar de novo.

Cruzou suas pernas penosamente, ignorando o tremor de excitação quando o olhar dele se deslizou à carne coberta de seda e se esquentou com uma chama de luxúria. E se não estava equivocada, ele estava definitivamente excitado.

Manter sua expressão tranqüila ante a súbita piscada de fogo nos verdes olhos dele não foi fácil. Seus duros traços estavam quase grosseiramente delineados, a curva de seu lábio inferior apertando-se enquanto seu olhar se elevava a ela de novo.

Ela elevou lentamente uma sobrancelha, mais que consciente de que o perfeito arco que a sobrancelha em forma de asa formava lhe faria ficar

furioso. Se ele estava furioso, estava fora de controle. Um Lucian fora de controle ela poderia dirigir. O calmo, decidido Lucian tinha deixado uma grande agitação roçando através de seu sistema

As sobrancelhas dele se juntaram em um cenho enquanto seus olhos verdes de obscureciam por segundos compridos. Logo, como a calma que precede à tormenta, sua expressão se clareou. Isto poderia ser interessante. Ela forçou a si mesma a permanecer relaxada enquanto a cara dele se endurecia. — O arquivo Charter. — disse ele cuidadosamente. — Agora.

Ela suspirou com paciência exagerada.

— Muito bem. Embora não entendo para que necessita um contrato que obviamente saiu faz uma semana. Além disso, o dono é um verme. Você não gostaria.

Ela se levantou e caminhou lentamente para o arquivo enquanto continha sua própria raiva. Enquanto que Jesse houvesse provavelmente entendido sua relutância a tratar com os altos e imponentes arquivos metálicos, Lucian simplesmente permanecia de pé negligentemente contra o batente da porta e a olhava com olhos entreabertos.

Ele queria um arquivo que estava armazenado na gaveta superior. O arquivo media mais de dois metros de altura; Tally claro não alcançaria. Abrindo a gaveta, ficou nas pontas dos pés e começou a rastrear pelos arquivos até encontrar o que ele queria. Elevando-o, empurrou de novo a gaveta e caminhou com calma para ele.

Seu olhar era quente, mas não havia ira agora.

— Seu arquivo, senhor Conover. — ela o tentou, lutando contra o rubor que podia sentir subindo por suas bochechas enquanto o olhar dele caía para seus seios. Embora ela não pudessem impedir que seus seios formigassem ou que seus mamilos se esquentassem sob seu olhar. Respirou devagar e uniformemente, mas seu coração pulsava fora de controle.

— Sua blusa... — ele ignorou o arquivo, sua mão estendendo-se enquanto seu dedo se deslizava sob o tecido aberto.

Tally deixou cair seu olhar, quase estremecendo-se enquanto seu dedo se deslizava sob a borda de seu soutien de encaixe de corte baixo. Dois botões se arrumaram de algum jeito para soltar-se na blusa de seda branca, deixando-a totalmente nua sob seu olhar. A vista de sua carne, escura, embora não tão escura como a dela mesma, enviou vibrantes rastros de consciência ardendo por seu corpo.

De repente, a lembrança dele nu, seu pênis trabalhando entre as coxas de Terrie, lançou sua raiva derrubando-se por seu sistema. Inexplicável, desacostumada cólera. Ela não deveria preocupar-se com a quem ele comia ou quão freqüente o fazia. Não deveria se importar.

Ela elevou sua mão, lhe lançando um olhar por debaixo de suas sobrancelhas

enquanto percorria com um dedo um lado da malha.

— Quer este arquivo? — perguntou-lhe, sua voz baixa e sedutora ao princípio. Um segundo mais tarde elevou seu olhar e permitiu ao gelo sair à superfície livre de rédeas. — Ou o que apresentarei mais tarde por assédio sexual se não mover sua mão?

O olhar dele se elevou lentamente de volta para o dela e o calor em seus olhos quase a chamuscou. Ela podia sentir sua vagina inchar-se, seu clitóris doer em resposta a esse olhar. Elevou sua sobrancelha em arrogante pergunta.

— Faria-o? — perguntou-lhe ele. — Nunca pensei que fosse uma hipócrita, Tally. Mas se essa é a maneira em que quer jogar...

Afastou sua mão com relutância enquanto agarrava o arquivo da mão dela.

Um pequeno sorriso brincou em seus sensuais lábios.

Não, ela não era uma hipócrita, mas usaria qualquer argumento que pudesse conseguir.

— Se isto for tudo o que necessita, então irei almoçar.

Sem olhar abotou sua blusa descuidadamente antes de afastar-se dele.

— Falta meia hora para o almoço, Tally. — lhe recordou ele brandamente. — Terei que descontar seu pagamento.

Tally deu de ombros com indiferença. Isto o mereceria.

— Sobreviverei. — pegou sua carteira e se encaminhou para a porta.

— Não acreditei que fosse uma covarde. Possivelmente estava equivocado. — sua voz a deteve, enviando cólera a seu sistema enquanto se virava para ele.

— Uma covarde? — elevou sua sobrancelha enquanto assumia uma expressão de arrogante desdém. — E como chegaste a essa conclusão?

Ela cruzou os braços e lhe olhou fixamente. Maldito fora pelo asno arrogante que era.

— Porque me deseja. Sabe e eu sei, e apesar disso luta. — sua voz era baixa, escura e rouca. Ela odiava quando ele usava essa voz. Odiava o modo que fazia com que sua vagina pulsasse e zumbisse, o modo que a fazia desejar seu toque. Infelizmente, ela era também bem consciente do fato de que não havia modo no inferno de que funcionasse.

— Meu prezado senhor Conover. — ela suspirou divertidamente. — Sou o suficientemente adulta para entender que não posso ter tudo o que desejo nesta vida. Possivelmente esta seja uma lição que você deveria aprender também.

Foi uma lição que aprendeu com o coração. Algumas experiências, homens como Lucian encabeçando a lista, simplesmente não eram bons para as emoções ou a estabilidade geral da vida. Tally estava muito orgulhosa de sua estabilidade. Se pensasse por um momento que podia ir para a cama com ele, desfrutar de umas boas horas de sexo selvagem e acabar com isso, então

seria algo diferente. Algo a advertia de que esse não seria o caso, entretanto.

Permaneceu de pé, controlada, enquanto ele avançava para ela devagar. Era alto, amplo, e se o vulto dessas calças era uma indicação, estava totalmente excitado e tão grande como tinha parecido enquanto transava com Terrie. Deteve-se diretamente em frente a ela, olhando-a fixamente, forçando-a a elevar sua cabeça para lhe devolver o olhar despreocupadamente.

— É graciosa. — disse ele aparentemente gentil. Mas não a enganou. — Está atitude repentinamente antagônica não apareceu até que entrou naquele escritório enquanto estava transando com Terrie. Ciumenta, Tally?

A respiração dela se entupiu em sua garganta e soube que ele notou o estreitamento de seus olhos ante a assombrosa pergunta.

— Oh, sim, te vi entrar. — ele deixou cair o arquivo em uma prateleira próxima enquanto ela se afastava dele.

Estava muito perto; ela se sentia muito sobressaltada, muito fraca quando ele se inclinava sobre ela dessa maneira. Infelizmente não havia lugar para a retirada. Suas costas se chocaram contra a porta enquanto os braços dele a envolviam, mantendo-a firmemente no lugar.

— Seus mamilos estão duros, Tally. — disse ele. — E essa pequena fria expressão não pode esconder o fato de que está tão quente como o inferno agora mesmo. Deseja-me, e está condenadamente assustada para admiti-lo.

— Assustada? Com você? — ela logo que pôde demonstrar o desdém que queria. — Não especialmente, Lucian. Está deixando correr sua imaginação. Não é o primeiro homem que me faz responder sexualmente e não será o último. Não há dúvida disso. Mas eu digo com quem eu transo e com quem não. E não transarei com você.

— Porque está assustada. — ela viu como seu olhar se suavizava, a cor verde brilhante esquentando-se drasticamente. — É pequena, querida, mas pode tomar.

Suas palavras ultrajantes fizeram com que chamas de cólera — ou era violenta luxúria — a envolvessem.

— Oh, se afaste. — um divertido sarcasmo encheu sua voz; suas mãos se apoiaram contra o peito dele enquanto o empurrava para trás com força. —

Acredita que seu pênis é tão grande que tenho medo dele? — Endireitou as ombreiras de sua blusa de seda, alisando a dobra no alto de sua saia antes de lhe olhar de novo, permitindo a seus lábios curvar-se em uma sedutora sabedoria.

— Sonha, Conover. Não é seu pênis o que recuso, nem sequer seu hedonista modo de vida tal como é. Francamente, não pode me dirigir, e serei maldita antes que tratar com as complicações de seu orgulho ferido quando te der conta disso. Não é medo, é um fato. Agora, me toque de novo e me demitirei.

Não tenho por que tratar com seus avanços nem com sua irritável atitude. Irei antes.

Agarrou a maçaneta para abrir a porta enquanto corria para ir-se, só para ser detida abruptamente ao se chocar contra a escura e demoníaca versão da perversa aparição que havia atrás dela.

— Calma, coração. — a voz de Devril Conover era sexo puro, uísque a meia-noite e depravados desejos todo em um. Igual a Lucian. Estava encurralada entre os dois homens agora enquanto Devril agarrava seus quadris e a sujeitava a entrar totalmente na sala, empurrando seu rubor contra Lucian.

— Tudo bem? — perguntou-lhe Dev quando ela não falou. Ela não podia falar. Lucian a empurrava detrás enquanto Devril se pressionava contra seus peitos. O calor a envolvia. Como bandas invisíveis de aço a mantinham imóvel, curiosamente assombrada pela repentina impressão de amparo e força que emanava dos dois homens. Estava rodeada por seu calidez. Abrigada nela.

Lhe olhou surpreendida. Era a imagem diabólica do homem detrás dela, olhando-a acaloradamente, lhe recordando exatamente ao que ela estava renunciando ao sair por essa porta. Já era suficientemente mau ter Lucian tentando-a, mas ter também ao Dev, a moréia visão do pecado gêmeo lhe ajudando? Isso era completamente injusto, por isso a ela concernia. O destino o tinha disposto para ela, isso era tudo o que podia dizer.

— Justamente o que necessito. — ela suspirou com zombadora falsa paciência enquanto olhava fixamente Devril e piscava seus olhos sedutoramente. — Tweedle Dee unindo-se ao Tweedle Dum. Vocês moços fazem alguma vez algo sozinhos?

— E o que teria que divertido nisso? — perguntou Lucian colocando seus lábios contra seu ouvido, suas mãos nos ombros dela enquanto ela sentia o duro comprimento de seu pênis contra seu pequeno traseiro, e a de Devril contra seu ventre. — Ou que provocação? vou fazer que me rogue te tocar, Tally.

A tensão sexual se espessava enquanto ela se dava conta da implicação de suas palavras. A respiração se obstruiu em seu peito e a luxúria chispou em suas veias. Os dois? Irmãos? A tentação era malditamente impossível de negar. Não podia ter pensado em nenhuma experiência sexual que pudesse ser melhor. Ou que se aproximasse mais a suas fantasias.

Exceto.

Lucian era seu chefe. Seu posto como ajudante de vice-presidente da Delacourte — Conover poderia ficar extremamente precário e inclusive se ela se fosse, renunciasse ou fizesse greve, as intrigas que abundariam poderiam destruir sua carreira. Eles poderiam destruir seu coração.

— Ohhhhhhhhhhhh, tão certo. — se mofou ela penosamente, bem consciente de que tinha perdido sua aparência de calma e desinteressada enquanto

empurrava Devril de seu caminho para ir de novo para a porta. — Poderia fazer rogar a ti. — fez rodar seus olhos com forçada paciência. — Sem dificuldade.

Ela lhes deu as costas. Eram como a noite e o dia. Devril a olhava com visível luxúria enquanto que Lucian a olhava com uma mescla de interesse de predador e uma chama de ira.

— Esqueceremos que este episódio ocorreu. — lançou ela friamente enquanto eles a olhavam com sua sempre presente diversão. Lutando com o conhecimento de que se estava se separando de sua última fantasia sexual, segurou seu suspiro de pesar e em lugar disso lhes informou:

— Vou às compras. Voltarei quando voltar. — seu olhar se endureceu sobre Lucian. — E se descontar do meu pagamento então melhor que te assegure de trazer seu próprio café para o trabalho. Porque algo que consiga aqui não será segura para beber.

Virou-se e caminhou com calma pela sala, embora fechasse a porta um pouco mais forte do que tencionava. O sangue estava rugindo por seu corpo, calor e luxúria curvando-se em seu ventre enquanto sua vagina gotejava sua nata. Havia algo, alguma vez sido tão intensamente carnal? Não que ela soubesse. O que era aterrador. Eles eram uma debilidade que ela não podia permitir-se.

Tinha-os recusado. Inspirou ar profundamente e se deu um tapinha mental nas costas enquanto a parte mais escura de seus desejos mentais a golpeava. Poderia algo ser mais sedutor que o pensamento de ser dominada pelos dois anjos cansados da Delacourte —Conover? Para sua mente não. Mas, recordou-se a si mesma, havia algo mais perigoso?

Capítulo 3

Bem, assim ela tinha que avaliar suas opções. Tally se sentou em um pequeno banco no centro do parque para olhar fixamente o aprazível azul do lago, em cujas bordas se encontrava. O banco de madeira era duro, mas não incômodo. A leve brisa que fluía pelos ramos das árvores em cima dela era um calmante, embora fizesse pouco por refrescar os fogos que percorriam seu corpo.

Estava fora de controle. Ou ao menos, tão fora de controle como sentia que podia chegar a estar. Só era consciente de que tinha saído correndo daquele escritório, e de Lucian e Dev, como uma pequena virgem assustada. Era tudo exceto virgem. E só porque eles não eram conscientes disso, era bastante honesta consigo mesma para admitir a verdade.

Estava assustada.

Não tinha previsto isto quando foi transferida para trabalhar com Conover. Sentia luxúria por Lucian, sabia que queria uma oportunidade de

experimentar seu toque, de transar com ele até encontrar ao menos um pouco de alívio nos desejos que a atormentavam. Quando Dev se uniu à equação, o regozijo tinha sido maior. Dois homens a sua inteira disposição. Incrivelmente viris, capazes de satisfazer cada um de seus carnis desejos. Mas não tinha esperado também a dominação. Nem tinha esperado tal aumento em seus desejos. Suas necessidades a estavam quase consumindo agora. Necessidades que não tinha procurado.

Viu um pequeno bando de patos andar em linha através da erva da borda até a água fresca. Seus grasnidos preguiçosos e palhaçadas joguetes na água levaram um sorriso a seu rosto. Uma vez, há muito tempo, ela os teria seguido. teria se metido na água e teria desafiado a quem lhe negasse o prazer de fazê-lo.

Agora, ela ocultava seus prazeres, mantinha-os na escuridão e só os tirava nas circunstâncias mais estritas. Podia lhes dizer a Lucian e Dev que não ia permitir lhes decidir onde e quando aqueles desejos fossem surgir. Ou como ia atuar a respeito.

— Ainda fazendo hora? — A voz escura do Dev a fez saltar sobressaltada, virando a cabeça enquanto ele avançava para o abrigado banco e se sentava de frente a ela. Suas pernas ocupavam a maior parte do espaço; seu grande corpo parecia ocupar toda a capacidade do assento.

— Nunca faço hora. — lhe informou com um pequeno sorriso paciente.

Desejou sentir-se tão paciente como se obrigava a aparentar. —

Simplesmente desfrutava da paz.

Uma paz que estava certa de que se esfumou. Dev Conover parecia o típico menino mau. Com seu cabelo negro muito comprido, seus olhos verdes intensos e seu corpo duro, ele era o ideal prazer carnal de cada mulher. Ele era a escuridão e Lucian a luz, tão diferente fisicamente de seu irmão como se podia ser. Mas ela tinha a sensação de que por dentro, onde contava, eles eram malditamente iguais.

Ele a olhou atentamente, apoiando-se contra o banco, estirando seus braços para trás enquanto a diversão aparecia nas com as fissuras de sua boca.

— Eu te tinha pela Mulher Dragão. — finalmente disse tranqüilamente. —

Esperava que tirasse suas garras, não que fugisse assustada de nós.

Ela arqueou uma sobrancelha zombadora, apesar do fato de que ele havia descrito exatamente o que tinha feito.

— Devril, de verdade. — disse, sacudindo sua cabeça. — Algumas coisas merecem que se coma as unhas. Outras realmente não valem a pena.

Possivelmente você e Lucian estejam na última categoria.

— Possivelmente? — O gesto diabólicamente atrativo de seus lábios encheu sua boca de água.

Ela aspirou profundamente, abstando-se de pôr seus olhos em branco,

embora resistir o impulso fosse uma prova para sua paciência. Não importava o sexy que era, enfurecia-a como o inferno.

— Pescando elogios, Dev? — lutou por manter sua voz tranqüila, modulada. Não podia lhe deixar ver nenhuma debilidade. Como Lucian, ele se jogaria em cima imediatamente. — Necessitará de algo melhor como cena na próxima vez. — levantou sua sobrançelha divertidamente enquanto lançava um olhar insultante a seu colo antes de afastar o olhar. Nem por todos os demônios admitiria que aquele vulto era mais que excepcional.

Ele esteve calado durante longos momentos. O bastante para que ela se sentisse cômoda com os sons do verão que enchiam aquele escondido lugar. Calma, relaxada, ela se encontrava aqui mais a gosto que em qualquer outro lugar que conhecesse.

— Alguma vez fez sexo em público? — perguntou finalmente ele com diabólica diversão.

Lhe jogou um olhar zombador.

— Certamente. Embora haja superado o impulso de provocar que me prendam por escândalo público. Algo que você deveria fazer.

Seus olhos eram devastadores e se encheram de um desafio terminante.

— Hmmm. Talvez. — seus lábios se curvaram em um sorriso de conhecimento sexual. — Mas não é tudo parte da diversão? — Ele baixou seus braços do banco e apoiou os cotovelos sobre seus joelhos. Inclinado-se para frente, como estava agora, estava muito perto dela; o pequeno banco parecia estar cheio dele, a tensão sexual aumentava insuportavelmente.

Fortes e calosas mãos se deslocaram a ambos os lados dos joelhos dela, acariciando com seus polegares a carne sensível e coberta de seda. Ela olhou fixamente aquelas grandes e competentes mãos. Era muito fácil imaginar-lhe sobre sua pele.

— Quero transar com você, Tally. Tanto que é como uma fome. Ficou ao nosso redor e nos provocaste durante um ano, decidida a controlar cada passo deste pequeno baile no que fomos implicados. Não o aprendeste ainda? Não há nenhum controle aqui.

Tally estreitou seus olhos ante o desafio. Deixando escapar a respiração lenta e profundamente, inclinou-se para frente, notando com ar de suficiência a pequena labareda de surpresa que se refletiu no olhar dele quando passeou suas mãos por seus braços e sentiu a dura e musculosa carne de seus bíceps. Sentiu-lhe esticar-se, ao tempo que estendia suas pernas abertas para acomodá-la entre elas, rodeando-a com elas enquanto ela o olhava fixamente.

— Sempre há controle. — soprou um suave fôlego sobre seus lábios quando ele os separou, só ligeiramente. — Tudo depende do que esteja procurando. Moveu suas mãos desde seus ombros até os botões de sua camisa. Abriu o

primeiro, logo o segundo, estendendo o material para poder posar suas mãos contra o calor de seu peito.

O brilho de batalha cintilou em seus olhos.

— Pode ser que esteja abrangendo muito mais do que pode mastigar, gatinha.

— sussurrou ele quando suas unhas arranharam seus duros músculos. — Não estou absolutamente assustado por um processo de escândalo público.

Não, não o estava, pensou ela silenciosamente. Mas como lhe havia dito, tudo era questão de quem controlava e como.

Inclinou-se mais perto, tirando a língua para lambar seus próprios lábios, mas lhe mordendo o inferior em lugar disso, vendo como seu olhar se incendiava com calor sexual.

— Deixaria-me ter o controle, Devril? — perguntou-lhe enquanto as mãos dele se moviam por sua cintura, apertando-a ligeiramente. — Me deixaria fazer algo que deseje, quando for que o deseje?

Tudo o que ela precisava era sua promessa. Inclinou-se um pouco mais para diante, seus dentes caindo na tentação de seu lábio e beliscando-o com cuidado.

As mãos dele se esticaram um pouco mais.

— Quanto prazer pode agüentar, Dev, antes de que se rompa seu controle?

Deslizou suas mãos para baixo por seu peito, arranhando com suas unhas enquanto os olhos dele se estreitavam repentinamente. Não houve advertência. Não houve provocações, nem petições de licença. antes de que ela pudesse escapar, ele a colocou sobre seu colo, enredando uma mão nos largos fios de seu cabelo, inclinando sua cabeça para trás enquanto seus lábios a reclamavam.

Ele a devorou. Sua língua transpassou seus lábios ao tempo que sentia uma labareda aguda de calor em seu couro cabeludo que a fez ofegar de prazer. Era tão decadente, o estremecimento que recebia dos duros dedos que a agarravam e atiravam de seu cabelo enquanto seus lábios se moviam expertamente, queimando os seus.

Havia beijos e também uma conquista. Este era um beijo para conquistar.

Sua língua abriu seus lábios, avançado para dentro e reclamando sua boca como se esta tivesse sido criada só para ele. E sua boca estava de acordo.

Um gemido feroz saiu de sua garganta ao sentir as conflitantes sensações fluir por seu corpo; a dominação de seus lábios e língua tomando o que ele queria, suas mãos, uma enredada em seu comprido cabelo, a outra estendida sobre a parte inferior de suas costas enquanto a sujeitava perto dele, o calor de seu peito, seu pênis, duro e insistente sob seu quadril. Ela se retorceu contra a pesada ereção, estremecendo-se ante o duro gemido masculino que vibrou contra seus lábios.

Ela tinha pensado que ele tinha o controle? Dela, possivelmente, mas não de

seus desejos. Seus lábios devastavam os dela, mas isso não importava. Sua língua se enredou com a sua em um golpe imperioso, mas sem nenhuma objeção. Ela rodeou seus ombros com seus braços, lhe apertando forte, com suas unhas afundando-se em suas costas enquanto lutava por manter seu próprio controle, mas podia sentir como seus sentidos se dispersavam sob seu beijo.

A mão em suas costas se moveu, acariciando a curva de seu quadril, descendo por sua coxa até a prega de sua saia.

— Filho, não vá muito longe se não poderíamos ter um problema aqui.

Tally se congelou ante a divertida voz. Seus olhos se abriram com horror enquanto Dev levantava devagar a cabeça. A luxúria e a demanda acalorada enchiam seus olhos, mas a curva satisfeita de seus lábios falava por si mesmo.

— Oh. Você... — ela saltou de seu colo, lhe pegando nas mãos quando as esticou para tentar endireitá-la quando tropeçou.

A vergonha a alagou ao ver um funcionário do parque a vários passos de onde se encontravam. Ele tinha esse olhar de indulgência que os homens se davam uns aos outros. Uma careta que a fez querer arrancar suas caras de suas cabeças e alimentar com seus pênis aos cães. Estava furiosa.

— Bem, Tally. — a voz divertida de Devril foi como jogar gasolina ao fogo. Estreitando seus olhos com fúria, ela ignorou o guarda. Inclinando-se para diante, agarrou em um punho o cabelo de Devril, baixando os lábios para os seus como com luxúria enquanto colocava seu joelho entre suas coxas.

Seus lábios estavam só a um fôlego dos seus quando ela exerceu a quantidade justa de pressão sobre o tenro e sensível escroto que estava debaixo de sua rótula. Seus olhos se alargaram, sua cara empalideceu ligeiramente enquanto o guarda ria em silêncio detrás deles.

— Ehhh, Tally. — disse ele com vacilação. — Sabe onde está seu joelho?

— Ohh meu bem. — murmurou ela com sedutor calor. — Certamente que sei onde está meu joelho. Lembra, querido, sem dor, não há prêmio. Tem certeza de que quer seguir me tentando assim? — aumentou a pressão, lhe vendo respirar com força.

Ele clareou sua garganta, seus olhos verdes olhando-a cautelosamente.

— Pensa em toda a diversão que pode se perder mais tarde.

Ela o olhou estremecer-se quando se inclinou um pouco mais, sabendo que ele sentiria agora mais pressão.

— Há uma linha tão fina entre o prazer e a dor. — lhe disse ela, mantendo seu sorriso intencionalmente inocente. — Vemos onde está sua linha, Dev? Pequenas gotas de suor percorreram sua fronte, mas seus olhos brilharam com o conhecimento divertido de sua derrota.

— Rendo-me. — ele afastou suas mãos das dela, apertando as coxas,

preparando seu corpo em previsão da dor que ia chegar.

Ela se encostou mais, rendendo-se à tentação de morder seu cheio lábio inferior antes de mover-se para trás com calma.

— É tão fácil. — suspirou com pesar. — Muito mal. Tinha esperado mais desafio.

Ainda sem fazer caso ao funcionário do parque, ela recolheu os restos andrajosos de seu orgulho. Encolheu-se de ombros, ajustou sua camisa e alisou as leves dobras de seda que cobriam seus quadris antes de olhar desdenhosa a ambos os homens e partir do banco.

— Tally, Lucian me pediu averiguar onde está o arquivo Gallagher. Ele o procurava quando parti. — a voz divertida de Dev a deteve.

Virou-se com cuidado, mantendo sua expressão em branco enquanto o olhava fixamente, lutando por controlar a fúria que se elevava dentro dela.

— No inferno. Aonde ele pode ir. — sugeriu docemente antes de girar sobre seus saltos e encaminhar-se de novo ao escritório.

Capítulo 4

— Fique fodidamente longe de meus arquivos! — Tally atirou o arquivo Gallagher sobre o escritório de Lucian, diretamente em frente a sua cara.

Ele girou a cadeira para enfrentá-la, elevando a vista para ela com ar meditativo. Seu espesso cabelo loiro, quase branco, caiu sobre sua rosto, seus olhos brilhavam de luxúria.

— Nem sequer te atreva a pensar nisso. — lhe advertiu ela, incapaz de conter a cólera áspera que pulsava em sua voz. — Se me tocar, prometo-te que o lamentará.

Ele se inclinou para trás em sua cadeira, olhando-a estreitando os olhos.

— Isto é um escritório. — lhe disse ela com frio desdém. — Um lugar de trabalho. Não é um palácio de orgias, nem tampouco sua central pessoal para foder. Não me incomodará aqui durante os dias de trabalho.

— Possuo o lugar maldito. — grunhiu ele. — Se quiser foder nele, então o farei nos dias de trabalho, Tally.

— Não comigo. — ela apertou os dentes, fechando os punhos ante a necessidade de ação. — Não sou nenhuma putinha de escritório sem cérebro que vai deitar-se sobre sua mesa para seu prazer. Sou uma profissional, Lucian, e espero ser tratada como tal.

Ele se levantou devagar. Deveria ter se sentido intimidada, mas em troca se sentia enfurecida.

— Nunca atuo de outra maneira enquanto cuido dos meus negócios. — lhe recordou ele, com voz suave mas sem disfarçar sua cólera.

— Enquanto estejamos neste escritório...

— Tally. — ele não levantou a voz, mas o fio afiado fez com que ela elevasse as sobrancelhas com crescente cólera. — É meu escritório. Você é minha

mulher. Enquanto não estejamos trabalhando, se quiser foder até o desfalecimento, então é minha opção e minha prerrogativa.

— Ah, é assim agora? — Ela cruzou seus braços com cuidado sob seus peitos.

— E exatamente, quem decidiu que eu era sua mulher?

Ele sorriu lentamente.

— Nossa mulher. — disse, com voz escura e confiada enquanto se inclinava mais perto. — Não o duvide, Tally. Sei de quem vem. Sei o quente que ardeste em seus braços, e sei fodidamente bem que arderá de igual maneira nos meus. A dor do meus testículos bem merece a pena pela experiência. Assim nunca duvide de que foste reclamada.

O tom duro de sua voz enviou tremores de excitação a sua espinha dorsal apesar da ardente tormenta de fúria que percorria suas veias. Mas foram suas palavras as que a impressionaram. Ele havia sentido isso? Eles podiam sentir o que o outro sentia? Podia usar essa informação mais tarde; por agora, ainda tinha que tratar com a atitude de Lucian.

Era bem mais alto que ela. Sua cabeça logo alcançava seu peito, obrigando-a a jogá-la para trás enquanto permitia que um desdém satisfeito enchesse sua expressão.

— Realmente pensa que pode me controlar com o sexo, Lucian? —

Perguntou-lhe, com voz fria, carregada de aborrecimento. — Realmente pareço ser tão imbecil que quão único tem que fazer é me comer para me dirigir? Terá que pensar em outra coisa. — acentuou suas palavras lhe cravando um dedo no musculoso peito. — Ninguém me dirige. Nenhum homem me controla. Nem agora nem nunca.

Ele baixou a vista para seu dedo. Lentamente. Um segundo mais tarde seu olhar se fixou na sua outra vez.

— Eu te controlarei, Tally. — lhe disse, com um tom de voz em sussurro e cheio de dominação sexual, de uma excitação que ela só tinha imaginado antes. — Lhe controlaremos, e lhe prometo isso, rogará por isso.

Seus lábios se curvaram até quase deixar escapar um grunhido. Em toda sua vida, ela não podia recordar ter estado tão furiosa, tão ansiosa de pôr de joelhos a um homem como o estava agora. E poderia fazê-lo. Poderia o ter. Se tão somente pudesse dizer as palavras adequadas. Mas seu repertório de frases cortantes não lhe vinha agora à memória.

— E você aprenderá o quão rapidamente que sua própria arrogância te chutará o cú. — lhe informou com frieza antes de pôr distância e aproximar-se da porta. — Fique fodidamente longe de meus arquivos, ou se não, arquiva-os você mesmo. Você escolhe. Não te avisarei outra vez.

— Tally.

Ela parou na porta, voltando-se devagar, lutando contra as vontades de ir e lhe dar o que necessitava, o que ambos queriam.

— Não luta contra mim, querida, ou contra Dev. Lutas contigo mesma. E acredito que é o bastante inteligente para se dar conta.

— Está equivocado. — Ihe disse ela brandamente. — Por certo, justamente agora acabo de deixar ao Tweedle Dee no parque com minha rótula impressa em seu testículo. Segue me enchendo, e te porei as tuas na garganta. E agora vou voltar a trabalhar. — Ihe informou, fingindo não haver-se dado conta da recente admissão dele. A vingança se serve melhor fria, riu silenciosamente para si.

Saiu do quarto antes de que ele pudesse responder, antes de que ela pudesse vislumbrar qualquer conhecimento ou emoção em sua expressão. Tinha um trabalho a fazer. Um trabalho de que desfrutava, e tinha que recordá-lo. Inclusive se Lucian e Dev se recusavam a cooperar. E tinha que planejar uma vingança. Uma exigente e satisfatória vingança antes de que sua fúria terminasse em derramamento de sangue.

Capítulo 5

Planejar sua vingança lhe levou um ou dois dias. Tally sabia que não seria fácil separá-los, e que tampouco seria fácil convencer a um dos dois de ir-se com ela. Sobretudo furiosa que sabiam que estavam. Mas as arrumou. Dois dias mais tarde, no entanto Lucian se reunia com alguns de seus contatos militares, Tally recolheu uma pasta que tinha escondido no dia anterior e caminhou para o escritório de Dev, tomando cuidado de manter sua mão nas costas enquanto girava o pequeno mecanismo de fechamento da porta que automaticamente a fecharia.

— Necessito que assine isto, Dev. — Ihe disse asperamente enquanto caminhava para seu escritório, e o mostrava para ele, como se não sentisse absolutamente náuseas ao estar tão perto.

Pôs a pasta sobre a mesa em frente a ele, abriu-a e a estendeu enquanto se girava para lhe olhar.

Ele não pareceu absolutamente interessado nos papéis estendidos a sua frente. Estava mais interessado no fato de que vários botões se deslizaram liberando-se das casas da camisa azul intenso de linho dela.

— Estiveste outra vez nos arquivos. — Ihe disse brandamente enquanto ela olhava para baixo. Sabia que isso era o que ele acreditaria. Aparentemente ambos os irmãos desfrutavam enormemente do fato de que os arquivos faziam com que suas blusas se estirassem até que os botões superiores escorregavam fora de suas casas.

Ela suspirou com falsa impaciência.

— Certamente. Não é esse o objetivo de que agora me faça cuidar de seu arquivo? Possivelmente deveria ser você quem abotoa minhas blusas quando isto acontece.

Um sorriso zombador apareceu nos lábios dele. Não deveria ver-se tão condenadamente sexy e atrativamente libertino quando sorria dessa maneira, pensou ela, profundamente irritada.

— Eu estaria mais que disposto. — ofereceu antecipadamente, ao mesmo tempo que girava a cadeira para encará-la e aplaudia seu colo. — Sente-se aqui, querida e me deixe ver o que posso fazer por essa bonita blusa. Ela sabia que ele esperava que lhe rompesse os dentes por sua oferta, mas preferiu sentar-se com calma sobre suas coxas, olhando fixamente a expressão surpreendida dele com um sorriso inocente.

— Assim? — sussurrou de maneira sedutora, girando seu corpo para o dele enquanto um braço lhe rodeava as costas.

— O que é o que pretende? — Havia uma piscada de suspeita nas profundidades verdes de seu olhar enquanto a observava.

— Eu? — perguntou ela, seus olhos estreitando-se com falsa ira ao mesmo tempo que o observava cuidadosamente. — De verdade, Dev. Você se ofereceu. Mas se preferir não fazê-lo-se. - deu de ombros e fez um movimento para levantar-se, consciente que ele teria dado uma espiada ao sedutor e diáfano encaixe debaixo da borda de seu soutien.

— Ei, não disse não. — curvou o braço ao redor das costas dela, mantendo-a firme em seu colo. — Só estou me perguntando seus motivos, querida. Não esteve precisamente impaciente por jogar assim ultimamente. Ela teria rido se não estivesse tão decidida nesse momento.

— Bom, de verdade, Dev. — espetou ela. — Vocês dois juntos podem ser mas bem intimidantes. É suficiente para fazer cauteloso até ao mais enfasiado. Ela injetou justamente a quantidade adequada de irritação e observou com silencioso regozijante como se obscureciam reflexivamente os olhos dele. Ele suspirou, sacudindo lentamente sua cabeça.

— Por que não confio em ti, Tally?

Ela sorriu inocentemente, piscando para ele com uma estranha demonstração de encanto. Podia ser encantadora quando o desejava. Tinha-o sido freqüentemente no passado.

— Será por que seus testículos ainda levam a marca de minha joelho? — perguntou perversamente.

Ele riu baixo, relaxando-se ligeiramente.

— Poderia ser isso. — suas mãos rodearam sua cintura. — Se falas a sério a respeito da blusa, vêem então aqui onde posso te alcançar.

Agora, como ele conseguiu fazer isso? Tally o olhou fixamente assombrada segundos mais tarde ao encontrar-se de repente sentada sobre a borda da mesa, com suas nádegas nuas sobre a fresca madeira enquanto sua saia flutuava no escritório a seu redor.

— Escondido. — havia uma veia de respeito dado a contra gosto em seu tom.

Tinha-o feito tão brandamente que não tinha sido consciente de que suas mãos tinham deslizado a saia por suas pernas ao tempo que a levantava sobre a mesa.

— Obrigado. Pensei que apreciaria o movimento. — ele riu perversamente enquanto se aproximava. — vamos ver estes botões agora.

Desabotoou mais um.

Tally lhe franziu o cenho de forma sinistra, embora silenciosamente ela cantava de triunfo.

— Caminho incorreto, Conover. — permitiu que sua voz soasse sem fôlego e que a excitação que estava onipresente ao redor deles brilhasse em seu olhar.

— De verdade? — Desabotoou um mais. — Tem certeza?

Ele a observou, calibrando-a, provando-a. Ela permitiu que um sorriso tranqüilo de confiança se formasse em seus lábios.

— Não te atreveria. Lucian ficaria muito zangado. — lhe advertiu brandamente.

— De verdade? — Perguntou ele. — Está ocupado agora mesmo?

Ela franziu o cenho como se não estivesse certa.

— Estava revisando alguns contratos antes que eu entrasse aqui. por que? Fingiu ignorância. Era boa nisso quando precisava sê-lo. Mas se o que Lucian havia dito depois de sua pequena escapada no parque com Dev era certo, então ele sentiria cada carícia que seu irmão recebesse. Tally ia assegurar-se de que sentisse muitos carícias nos próximos minutos.

— Somente sentia curiosidade. — ele clareou sua garganta, outro botão caiu vítima de seus dedos quando tirou o tecido da cintura de sua saia. — Então, Tally, quanto deseja jogar esta tarde? — Perguntou com curiosidade.

— Não sei, Devril. — sorriu lentamente, de maneira sedutora. — Quanto controle pensa que tem?

Ele levantou divertidamente uma escura sobancelha.

— Dá o pior de ti, querida.

Ohh, um desafio. Ela sorriu lentamente, tirando sua língua para lambêr os lábios ao mesmo tempo que deslizava sua blusa com um encolhimento de ombros, afastava-se da mesa e se sentava escarranchado sobre uma dura coxa masculina.

— O pior de mim, né? — Perguntou curiosamente enquanto se inclinava mais perto dele, apertando com seu joelho, mas sem exercer pressão, a sensível área que ela quase tinha abusado antes.

Ele clareou sua garganta.

— Referia-me ao prazer.

— Certamente. — seus dedos se dirigiram à camisa dele, os botões

afrouxando-se com cada respiração que ele tomava enquanto ela se inclinava para frente e deixava que sua língua delineasse os lábios dele.

— Só agradar, Devril. por agora...

* * * * *

Lucian se esticou. Filho da puta. Era tudo o que podia fazer para não amaldiçoar em voz alta enquanto tentava seguir o fio da conversação entre Jesse e o general a respeito do novo contrato militar que lhes estava oferecendo.

Podia senti-la. Que demônios estava fazendo Dev? Ele era mais preparado que isso. Sabia que não devia permitir a essa pequena víbora estar a seu redor a sós durante as horas de trabalho. Mas de algum modo a pequena bruxa intrigante tinha conseguido lhe convencer. E Lucian estava paralisado. Não havia nenhuma maldita possibilidade de escapar da reunião, e nenhum modo de parar o que sabia que ia passar.

Sentiu seu beijo, essa língua tentadora delineando primeiro os lábios e logo deslizando-se brandamente, facilmente, na boca de Dev. O

calor atravessou seu corpo enquanto seu pênis respondia de forma imediata. Dura, demandante, ergueu-se contra suas calças enquanto sofria com a sensação de um banquete de lábios, línguas e gemidos sem fôlego.

Malditos fossem, ia matar a ambos.

Lutou por controlar sua respiração. Não lhe ajudaria ofegar diante de um general, um senador, um empreiteiro militar e, o pior de tudo, diante de Jesse. Mas podia sentir a transpiração brotar em sua fronte, e o calor açoitar através de seu sistema.

Onde estava a telepatia quando um gêmeo a necessitava? Infelizmente, esse não era um vínculo que tivessem desenvolvido Dev e ele.

Jesse o tinha advertido sobre Tally. Advertido sobre nunca, jamais, permitir que ela alguma vez suspeitasse da debilidade que os dois homens compartilhavam. Lucian tinha a sensação de ter feito precisamente isso com suas palavras espetadas a toda pressa quando ela tinha entrado como uma tromba em seu escritório ao retornar do parque. Agora, estava pagando por isso.

A sensação de lábios quentes se moveu para seu pescoço, descendo para seu peito. Dedos provocadores percorreram a longitude de seu pênis, logo mais abaixo, arranhando o tenso escroto antes de acariciar a sensível carne junto dele. Ia ficar louco. Ainda pior, sentiu o tato da carne suave dela contra as juntas de seus dedos. Os mamilos duros rodeados por pequenas argolas douradas. Calor liso, ardente quando dois dedos empurraram devagar dentro de sua escura vagina. Apertou seus punhos enquanto lutava por manter o controle e rezou para poder resistir ao prazer delicioso. Gozar no meio de uma reunião de negócios não era aceitável. Mas tinha a sensação de que

Tally estava lutando justamente por isso.

— Se sente bem, Luc? — o general Mornay o olhou de perto durante segundos compridos enquanto Lucian lutava por livrar do prazer aturdido de sua mente.

— Muito bem, General. — clareou sua garganta, pedindo ajuda a Jesse com o olhar. Não se supunha que ele deveria estar colaborando aqui?

Jesse lhe lançou um olhar cheio de estranheza antes de voltar-se para o General, graças a Deus com uma explicação a qualquer pergunta que ele tivesse feito.

As coxas de Lucian se esticaram; seu corpo inteiro gritava de necessidade de gozar enquanto a sensação de uma boca quente, úmida rodeava a cabeça de sua ardente ereção. Santo céu, rezou, ele não ia sobreviver a isto. Era impossível.

Podia sentir o suor que se juntava agora em suas têmporas, um riacho corria aos lados de sua cara e não se atreveu a mover-se para enxugá-lo. Suas mãos tremiam e sua palmas ardiavam com a sensação do cabelo sedoso dela que se deslizava sobre elas, curvando os dedos enquanto Dev a sujeitava com os seus, sustentando a boca dela sobre seu pênis e torturando a Lucian com a sensação.

Ele olhou fixamente, grosseiramente ao redor do sala, conectando finalmente seu olhar de novo com o de Jesse e soube então que mataria Tally. Jesse lhe olhou fixamente durante um segundo, de forma confusa, logo depois da maneira de que tomava lentamente conscientiza a respeito do que devia estar passando. Havia poucas pessoas que conheciam o vínculo que Lucian e Devril compartilhavam. Jesse era um deles. E se o brilho de diabólico entretenimento era um indício de algo, Lucian se preparava a pagar por fazer sofrer ao outro homem meses atrás quando Terrie se voltou extremamente amistosa sob o escritório de Jesse.

— Lucian esteve trabalhando exaustivamente neste projeto, cavalheiros. — disse Jesse seriamente, embora seus olhos brilhassem com satisfação. — Estou certo de que ele pode responder suas perguntas sobre o desenvolvimento.

O homem estava fodidamente louco. Lucian se mexeu em seu assento, lhe jogando a seu amigo um olhar de vingança enquanto todos os olhos se giravam para ele. Tally escolheu aquele momento em particular para raspar seus dentes sobre a cabeça do pênis de Dev, quase provocando em Lucian uma parada cardíaca. Deus querido, o prazer corria por suas veias como cometas através de um céu noturno, somente para explodir em seu cérebro. Supunha-se que ele tinha que falar nestas condições?

Clareou sua garganta. Bem, era a primeira vez em muitos anos, mas não a primeira vez que Dev o tinha colocado nesta posição. Podia passar por

isso. Clareou sua garganta outra vez.

Caramba! Ele se esticou quando dedos exploradores lançaram sensações desde seu pênis a sua cabeça em uma quebra de onda de êxtase diferente a algo que ele pudesse ter imaginado. Que demônios estava fazendo ela? Sua boca sugava firmemente, sua língua delineava a cabeça acampanada, seus dedos massageavam os testículos tensos com golpes firmes, mas estava fazendo algo mais. Pressionava contra a base do pênis, agéis dedos mindinhos aplicavam pressão ao mesmo tempo que as juntas de seus polegares giravam. Ele inalou forte, seus olhos alargando-se quando sentiu que seu gozo começava a formar-se.

* * * * *

— Ainda não. — Tally aliviou a pressão de sua boca sobre o pênis de Dev, seus dedos pressionando sobre a base para atrasar a liberação que podia sentir subindo pelo eixo de carne firme e dura. — Vejamos se não podemos fazê-lo melhor.

Dev a olhou com olhos semicerrados, a respiração agitada, a cara vermelha enquanto ela alcançava o copo de água com gelo que estava sobre sua mesa. Seus dedos se deslizaram sobre a borda, tirando um bloco de gelo do líquido frio. Ela viu a luz tênue de diversão em seus olhos e se perguntou se Lucian estaria igualmente assombrado por suas habilidades.

Logo não podia refrear sua risada. Podia imaginar o inferno que tinha que estar atravessando enquanto estava sentando naquela reunião com aqueles retrógrados e afetados tipos do governo.

Abrindo sua boca devagar, consciente de que Dev observava cada movimento, ela pôs o gelo sobre sua língua, permitindo ao frio penetrar sua carne quente enquanto se derretia rapidamente.

— Agora veremos se pode manter esse controle. — sussurrou com uma pequena risada enquanto sua cabeça baixava novamente para a tensa carne.

* * * * *

Lucian estremeceu. Um gemido estrangulado saiu de sua garganta quando a pressão sobre a base de seu pênis cessou, só para sentir a cabeça totalmente rodeada de uma rajada geada um segundo antes de que o calor retornasse como nunca antes. Quente, incrementando-se, brilhando ante seus olhos enquanto seu testículos se apertavam e se endureciam, lhe advertindo de que a liberação estava só a segundos de distância.

— Senhor Conover? — O prefeito lhe olhava fixamente com preocupação. — Se sente bem?

O olhar de Lucian se dirigiu a Jesse, que rapidamente perdeu a diversão que antes via. O prazer era muito intenso, muito destrutivo.

Caralho. Ele ia matar a ambos.

Seu pênis palpitou como advertência, lançando uma pequena quantidade de

sêmen preorgásmico que umedeceu o tecido de sua cueca.

Lucian se pôs de pé de um salto e sem nenhuma desculpa, sem uma explicação, correu através do escritório em direção ao banheiro do lado.

Fechou de repente a porta, seus dedos tremiam quando pôs o trinco na porta com uma mão e rasgou a zíper de suas calças com a outra.

Tão logo conseguiu liberar a carne torturada de seu confinamento, explodiu.

Logo não pôde conter um gemido estrangulado, sua cabeça caiu para trás enquanto apertava os dentes, sentindo seu sêmen sair disparado violentamente da cabeça de seu pênis.

Duros espasmos sacudiram seu corpo, esticando cada músculo com força e encerrando o fôlego em sua garganta enquanto lutava por estabilizar-se, por conter o áspero grito masculino que sabia que tinha estalado na garganta de Dev.

Filho da puta. estremeceu-se com a sensação de uns lábios gentis chupando as últimas gotas do gozo de seu pênis tenso antes de retirar-se devagar. Lutou por respirar, seu peito agitado, sua compostura nesse momento desaparecida. Nunca, em sua vida inteira, nunca tinha conhecido algo tão foddidamente bom, e tudo o que tinha tido para seu prazer era um eco de sensações por meio do vínculo que compartilhava com Dev.

Suas pernas tremiam; o suor banhava sua carne, umedecia sua camisa e fazia pouco por refrescar o calor que ardia sob sua pele. Com mãos trementes limpou o lavabo que tinha sido salpicado com os sedosos jorros de sêmen disparados por seu pênis e logo recompôs lentamente sua roupa.

Seus olhos se estreitaram ao mesmo tempo que apertava os dentes com fúria. A pequena bruxa. Ela ia pagar, por Deus que se asseguraria de que ela pagasse bem.

Saiu do banheiro para retornar ao escritório.

— Jesse, cavalheiros, pareço estar afetado por algum estranho vírus neste momento. Se vocês me desculparem...

— Lucian. — Jesse o deteve enquanto se dirigia à porta. — Melhore rápido. Você e Dev têm que pegar um vôo em duas horas. Acompanharão o general a Washington para apresentar a idéia ao comitê. Espero que esteja em condições de ir.

Lucian os olhou fixamente, lutando por manter uma expressão tranqüila.

— Estou certo de que isto é simplesmente uma afecção temporária.

Somente necessito uns momentos. Me desculpem.

Saudou rigidamente com a cabeça aos três homens antes de lançar-se a abrir a porta do escritório e dirigir-se para o escritório de Tally.

Ali estava ela sentada, tão fresca e triunfante como uma rainha em seu trono. Ela sorriu lentamente, uma pequena curva satisfeita que apareceu em seus lábios, lhe advertindo de seu comportamento vitorioso. Mas seu

olhar era quente, selvagem. Não estava impassível, não tinha encontrado sua própria liberação. Maldita mulher obstinada. Ele deu uma olhada a Dev, que estava furioso, de pé na porta de seu escritório, olhando-a acaloradamente.

— Movimento errado, coisinha doce. — Ihe disse brandamente Lucian, inclinando-se para ela enquanto plantava seus punhos sobre a mesa observando fixamente sua expressão satisfeita. — Valente. Atrevido. Mas o momento equivocado, o lugar equivocado. Decidiu escolher uma reunião para provar suas habilidades durante horas de escritório, horas de trabalho. Sem se dar conta. Não cometa o engano de pedir alguma vez por algo assim tampouco. Quando retornar dessa pequena viagem que acaba de obter com suas travessuras, me distraindo durante essa reunião, é melhor que esteja à espera, porque tenho a intenção de te comer de seis formas a partir de domingo. Talvez, somente talvez, quando tivermos terminado estará muito fodidamente cansada para causar problemas.

Ela pôs os olhos em branco. Ele chiou os dentes com fúria ante a expressão zombadora.

— Querido. — falou ela arrastando as palavras. — Eu causaria problemas se estivesse morta. Está supervalorizando novamente suas próprias capacidades.

Supervalorizando? Lucian se inclinou mais para perto, quase nariz com nariz, a pequena luz vingativa nos olhos dela lhe estava deixando louco por comê-la.

— Faça-o, Tally? — perguntou-lhe gentilmente. — Quando conseguir pôr minhas mãos sobre ti, vou açoitar seu pequeno e apertado traseiro até que grite para gozar para mim. Vou fazer te suplicar.

Os olhos dela se alargaram.

— Oh, papai, faça-o, faz que eu gosto.

Ela ria. A pequena bruxa estava tendo o melhor momento de sua maldita vida. A impressão o fez quase cair de costas do golpe. Alguma vez tinha visto ele seus olhos cintilarem assim? Tinha visto tanta alegria em seu rosto? Ela o torturava e o estava desfrutando.

Por um momento, somente um momento, a calidez se enredou em seu coração. Sua risada, sua alegria, era como um vício, mas maldito fosse ele se podia sobreviver a outro episódio como o que acabava de experimentar.

— Está louca. — grunhiu, dirigindo um olhar direto para ela enquanto franzia o cenho. Sua risada era baixa, brilhante.

— Sim. Estou. — assentiu ela. — Viva com isso.

Viver com isso? Deu a volta e lançou uma olhada a Dev. Viver com isso? Estavam totalmente fodidos.

Capítulo 6

Tally soube o momento exato em que Lucian e Devril entraram no grande salão do Wyman quase uma semana depois. Outros projetos, além do contrato militar, tinham-nos retido fora da cidade, deixando-a só no escritório com assuntos pendentes. Não tinha previsto o muito que os sentiria falta nem a excitação que percorria seu corpo quando eles estavam perto.

Mas os sentiu detrás dela e seu corpo repentinamente voltou a vida. O pêlo de sua nuca se arrepiou devido a um primitivo instinto e desviou sua atenção do arrumado Diretor de Marketing com o que tinha estado conversando.

Sua cabeça girou; de forma distante, ela sentiu seu comprido cabelo negro ondular em cima de seus quadris, acariciando a seda de seu cômodo vestido cor bronze. Incomodou-lhe a sensualidade que experimentou, já que lhe fez ser consciente de que a tensão sexual que houve entre eles aquela tarde da semana passada não tinha diminuído e de que seu corpo estava disposto e impaciente por seu toque. Já não era só Lucian a quem seu corpo ansiava, mas também a Dev.

Devril nunca tinha tomado parte de nenhuma de suas fantasias sexuais com Lucian, até o mês passado. Durante a semana passada, enquanto permanecia em sua solitária cama fantasiando com Lucian, apareceu a imagem de Devril, de suas mãos tocando seu corpo, enquanto ela imaginava o pênis de Lucian, sua ereção enchendo sua boca ao tempo que a de seu irmão enchia sua vagina. Isso tinha sido extremamente erótico. Tinha sido extremamente inoportuno. Já era bastante difícil se manter separada de um dos irmãos; não precisava adicionar ao outro à equação.

— Desculpe. — murmurou ela ao jovem com o qual tinha estado falando e se encaminhou para a mesa por outra taça de champanha. Valor líquido.

Necessitava algo que a ajudasse a fazer frente à tarde que lhe aguardava.

Tally tinha que admitir que tinha esperado que nenhum dos dois retornasse a tempo para assistir à pequena festa que ofereciam Jesse e Terrie para celebrar os seis meses da amistosa e muito lucrativa união das empresas de eletrônica Delacourte e Conover. Cada uma das companhias tinha diferentes pontos fortes e áreas de experiência que, combinados, produziriam com o tempo uma empresa líder nas manufaturas eletrônicas. Isto e os contratos governamentais que as duas empresas unidas pudessem atrair as levaria a vanguarda.

Sorvendo sua champanha, Tally manteve uma distância prudente entre ela e os irmãos Conover. Maldição, não tinha considerado que eles fariam um dobro jogo com ela da forma em que o faziam. Mas deveria havê-lo sabido. Tinha sido muito tonta para não dar-se conta. Sabia que eles eram parte dos tão nomeados Troyanos, um grupo de elite dominante que freqüentemente

praticava *ménages sexuais* com suas mulheres.

Várias ex-esposas de membros do grupo tinham cometido o engano de falar com alguns bons amigos sobre o pequeno grupo e os comentários se estenderam como rastro de pólvora entre a pequena comunidade de cidadãos influentes. Exatamente o que eram os Troianos ninguém sabia realmente. Sexualmente dominantes, eram homens cujos gostos em questão de sexo estavam fora do que se considerava natural.

Seu melhor amiga, Terrie, casou-se com um dos membros e Tally sabia que parte da relação com seu novo marido implicava, sem dúvida nenhuma, a um terceiro companheiro. Era algo do que Terrie falava muito pouco, mas Tally sabia que a outra mulher tinha encontrado aquilo que sempre tinha faltado em sua vida.

Isso não significava que Jesse não fosse extremamente possessivo com sua esposa. Era-o. O amor que os unia era impossível de ignorar. Jesse nunca olhava a outra mulher, mas às vezes compartilhava a sua esposa.

Afortunada Terrie.

Tally suspirou enquanto atravessava as portas abertas para os jardins e escapava da tensão que a sufocava. Deveria ter sabido que era melhor não assistir à festa. Agora suas emoções eram muito intensas, seu controle muito frágil. Ela, que se orgulhava de seu controle, começava a preocupar-se com seus pequenos enganos. Lucian e Dev se estavam convertendo em uma debilidade que dificilmente poderia confrontar.

Silenciosamente, percorreu o caminho empinado que conduzia a uma seção do jardim mais profunda, sombreada por arbustos fluorescentes e árvores. Sabia que era criação de Terrie. Seu amiga tinha uma habilidade para a jardinagem que freqüentemente saía de controle, mas o jardim era uma obra professoral de serenidade. Quase meio hectare de vegetação viçosa e árvores em miniatura.

Finalmente, Tally chegou a uma isolada cascata na parte ocidental dos jardins e ao banco acolchoado oculto sob o refúgio de um pequeno caramanchão de ferro coberto de videira.

O banco era amplo, almofadado e, o mais importante, privado. Tally necessitava de tempo para se recompor antes de enfrentar Lucian ou seu gêmeo. Não era que o pensamento de um *ménage* com os dois homens a incomodasse. Era uma pessoa extremamente liberal em suas opiniões sobre a sexualidade e completamente honesta com o lado mais escuro de seus próprios desejos sexuais.

O fato era que em qualquer relação entre ela e Lucian, ou ela, Lucian e seu irmão, haveria problemas, pensando que suas emoções estavam envolvidas. Não estava segura de como tinha acontecido ou em que momento, mas soube quando se enfureceu ao entrar naquele escritório e ver Lucian transando

com Terrie.

Ela sabia que isso passaria com o tempo. Diabos, podia havê-lo evitado. Quando Jesse lhe perguntou se havia alguém que não devesse estar comprometido em tal situação com ele e Terrie, ela poderia haver dito algo, mas seu orgulho lhe exigiu calar.

Entretanto, isso não tinha nada que ver com que Lucian estivesse transando com outra mulher, embora soasse contraditório, mas sim com que ele não o fazia com ela.

Isto é tão estúpido. Pôs os olhos em branco ante seus próprios pensamentos. Em realidade, não estava ciumenta de Terrie. Só estava tão condenadamente consumida pensando em Lucian, e agora em Dev, que não podia prestar atenção a nada mais. Tinha sido assim desde sua primeira reunião em Eletrônica Delacourte e sua zombadora apreciação dela quando os conduziu ao escritório de Jesse.

Ela terminou sua champanha antes de reclinar a cabeça contra o banco e respirar o ar quente da noite. O som monótono da cascata, os aromas embriagadores da noite e seu próprio cansaço estavam a ponto de rendê-la. — Se escondendo, Tally? — a voz tensa e escura de Lucian fez que seus olhos se abrissem com resignação.

Ela sabia que ele a seguiria?

Levantou os olhos para ele, observando o halo de luz ao redor da loira platina de seu cabelo e a ampla silhueta de seus ombros.

— Acredito que é bastante evidente que não procuro companhia. — injetou o que ela esperava fosse a dose justa de fria brincadeira em sua voz, embora era difícil, depois de sua última confrontação.

Ele riu em silêncio. O som foi baixo e tão perversamente divertido, que ela se levantou para retornar à casa. Tinha estado muito furioso quando partiu na semana anterior, ele e Dev expeliam fumaça, literalmente, por isso ela tinha feito. Ela esperava que essa ira retornasse agora.

— Tally. — a mão em seu braço a obrigou a deter-se, mais por surpresa que por outra coisa, quando passava junto a ele para partir.

Ela o olhou sob a luz mortíça, surpreendendo-se por sua expressão séria. Havia-o visto zombador, sarcástico e francamente furioso, mas nunca tinha observado essa expressão em seu rosto. Seus olhos estavam sombreados por um sentimento de pesar.

— Senti saudades. — sussurrou, enquanto deslizava a mão por seu braço até tomar a dela brandamente e levá-la para sua cara.

Tally lutou contra a tremente resposta que se iniciou em seu ventre e começou a estender-se por seu corpo. Seu contato era gentil ao pressionar a mão dela em sua bochecha. Tally podia lutar contra seu domínio, mais ainda, desfrutava fazendo-o, mas esta gentileza era destrutiva, debilitava-a.

— Lucian. — o deteve, tentando clarear a garganta. Ela não tinha esperado isto. Não esperava esta ternura, esta necessidade que revolveu uma parte de sua alma a que não sabia se poderia responder.

— Pensei em você quando estava longe. — virou sua cabeça para pressionar os lábios contra sua palma. — Sonhei com você. Frequentemente. Sua mão tremeu. A voz dele era escura e profunda, acariciava seus sentidos como a brisa da noite em sua pele. Isto era incrivelmente sensual, lhe debilitaram.

— Tudo esteve bem no escritório. — disse ela desesperadamente, sem saber como responder, como reagir. — Sax teve alguns problemas com um dos contratos...

— Tally, não me importa o condenada escritório. — ele se aproximou, colocou sua mão livre no quadril dela e a aproximou. — Controla esse lugar como um sargento. Não duvido que tudo tenha resultado como planejou.

Se ele estivesse zangado ou se sua voz fosse desagradável, poderia lutar contra ele, contra a fome que invadia cada célula de seu corpo. Em troca, um gentil tom de diversão se introduziu em sua voz cheia de desejo e fez com que o peito dela se inchasse de orgulho. Era uma assistente condenadamente boa e sabia.

Um segundo depois o escritório ficou no esquecimento enquanto ele punha as mãos de Tally em seu peito. Tomou seus quadris e antes de que pudesse protestar a levantou para ele e colocou seus lábios na abertura dos dela com uma ardente necessidade.

— Eu gosto de seu sabor, Tally. — sussurrou quando os dedos dela se curvaram sobre seus ombros. — Tão doce e quente. Sonhei com este sabor. Despertava ansiando por ele. Dev e eu logo que podemos passar a semana sem ti, ansiávamos por você e tão desesperadamente que nos doía.

— Nós? — ela tentava não gemer ao sentir o calor e a dureza de seu pênis contra seu ventre e perceber a tensão que os rodeava.

— Me diga que não o deseja, Tally. — lhe disse com gentileza quando sua mão lhe jogou para trás o cabelo enquanto a olhava à sombriamente. — Me diga que não quer que lhe toquemos, que lhe abracemos esta noite. Que não anseia saber que um de nós, ou ambos, estamos preparados para você em qualquer momento em que o desejo para te dar o que necessita.

— Em realidade, Lucian, deveria engarrafar seu encanto e vendê-lo.

Ganharia milhões. — ela inalou com força; a imagem que ele tinha provocado a tentava mais do que queria admitir ante si mesma.

— Dá-te conta do que lhe estamos oferecendo, Tally? Crê que pode jogar com os dois até que escolha qual quer? — perguntou-lhe com suavidade. — Não importaria se somente me tivesse, ou só o tivesse a ele. Não importaria em que parte deste planeta estivesse, eu o sentiria a ele dentro de ti.

Sentiria como sua vagina apertada fortemente seu pênis, sentiria o calor de seu corpo sob o seu.

Tally abriu os olhos com surpresa enquanto ele continuava.

— Este é o vínculo que compartilhamos, querida. O que eu amo ele o amará também. O que eu necessito ele o anseia também e viceversa. Pertence a ambos, Tally. Para sempre. Imagina isto, querida. Teria aos dois para nos torturar e nos deixar loucos. Pense nas possibilidades.

Oh, que tentação, que pensamento tão deliciosamente carnal. Todas suas fantasias, seus desejos, seus sonhos, contidos em dois homens ao seu dispor. O pensamento era tão tentador, tão erótico, que ela não desejava nada mais. A mão de Lucian se pousou na parte posterior de sua cabeça, imobilizando-a para que seus lábios roçassem os dela.

— Sente isto? — Sussurrou. — Seus lábios sob meus, o calor que cresce entre nós? Dev o sente. Pode sentir seus lábios igual a eu, sua plenitude, sua doçura. Tal como te provei a semana passada. Assim como ele reconheceria seu contato, você sabe que eu também o sentiria. Abra sua boca, Tally, me deixe provar realmente o paraíso.

Olhou aos seus olhos, indefesa, apanhada pela fome e o calor de seu olhar.

— Isto é um engano. — Tally lutou por manter o tom resolvido de sua voz, para recordar que frágil e vazia seria essa emoção à fria luz do dia.

— Um engano? — Perguntou ele com suavidade, tomando uma de suas mãos e deslizando-a por seu peito para seu duro abdômen, até que seus dedos se fecharam ao redor da rígida carne que ocultava a cueca de seda. — Sente isto, Tally. É realmente um engano?

Tally estremeceu, não porque ansiasse tão desesperadamente o que tocava com sua mão, mas sim pelo outro par de mãos e o duro corpo quente que apareceu repentinamente atrás dela.

Era sua fantasia pessoal. Como podia uma mulher lutar contra sua própria fantasia? Especialmente contra a que a tinha atormentado durante quase uma década. Dois homens, altos e fortes, dominantes, decididos e ambos os dois famintos dela.

Sua cabeça caiu para trás sobre o ombro de Dev quando ele se aproximou de seu pescoço. Ao mesmo tempo, inclinou-se também a cabeça de Lucian, sua boca cobriu a dela, sua língua se abriu passou com ferocidade entre seus lábios para enredar-se com a língua de Tally. Era abrasador, intenso. A sensação explodiu sob sua pele enquanto quatro mãos masculinas vagavam por seu corpo, aliviando-a, enviando quebras de onda de calor às profundidades de seu sexo.

Sentiu que morreria de prazer. Uma mulher não podia suportar tal grau de excitação carnal. Surgia através de sua corrente sangüínea, açoitava seu útero, palpitava nas profundidades de sua vagina.

— Suave. — sussurrou Dev, enquanto o beijo de Lucian destruía sua sensibilidade. — Tanto fogo. Está muito quente, Tally. Pergunto-me se sobreviveremos.

Suas mãos percorreram a seda de seu vestido ao mesmo tempo que Lucian movia uma mão justamente debaixo de seus seios. Ela gritou contra sua boca, ficando nas pontas dos pés, aferrando-se a seu pescoço para aproximá-lo mais.

— Poderia te comer viva. — grunhiu Dev, lhe segurando o cabelo, deslizando seus lábios sobre a parte sensível de sua garganta ao tempo que suas mãos vagavam por suas nádegas apertadas.

Tally estremeceu. Podia sentir os líquidos saindo de sua vagina, umedecendo sua calcinha enquanto ele agarrava a malha de seu vestido e começava a elevá-lo.

Não podia respirar, mas não importava. A língua de Lucian a invadia, conquistando sua boca, tragando seus gritos surdos de prazer. Dev afastou a seda do vestido e deslizou seus dedos na carne nua.

Suas mãos estavam segurando no cabelo de Lucian. O prazer rasgou seu corpo, a antecipação calcinava cada um de seus terminais nervosos.

— Diabos, tem a bunda mais linda do mundo, Tally.

Os lábios de Lucian se moviam frenéticos sobre os seus, sua língua se afundava em sua boca enquanto ela se retorcia em seus braços. Umas quentes mãos masculinas separaram suas pernas e Dev se ajoelhou atrás dela. Tally se perguntava se poderia sobreviver um segundo mais a esse contato.

A mão de Dev brincava com as curvas de seu ânus; Lucian afastou a boca de seus lábios e a enterrou em seu pescoço, ao mesmo tempo que suas mãos deslizavam os magros suspensórios de seu vestido por seus ombros até que os topos de seus seios estiveram nuas. Se não a estivessem tocando ambos, teria podido protestar, teria se preocupado de que alguém os visse.

Lucian introduziu um duro mamilo de Tally em sua boca enquanto Dev lhe mordiscava o traseiro, apertava-lhe com mãos firmes as nádegas e sua língua começava a riscar ardentes e rápidos desenhos cada vez mais próximos à franzida entrada de seu ânus.

— Oh, Deus! Não mais. — se arqueou entre os braços de Lucian e, apesar de suas palavras, sustentou-o contra seus seios enquanto sentia que Dev retirava sua calcinha de entre suas nádegas.

A sucção de sua boca em sua carne, sua língua atormentando seu mamilo perfurado, seus dentes atirando alternadamente do pequeno aro dourado provocava em seu sexo uma necessidade frenética. Estava ardendo, sentia que se fundia. De repente, Dev separou mais suas coxas para colocar a cabeça entre eles; sua língua era como um látigo de êxtase atormentador

quando lambia os sucos que se derramam por seu traseiro, enquanto um dedo diabólico começou a procurar a entrada dele.

Lucian colocou ao redor de seu quadril a perna dela, para que os lábios e a língua de Dev comessem a torturar a carne nua de sua vagina. Sua língua se deslizou dentro de sua vagina, bombeando com força enquanto ela estremecia nos braços de Lucian.

Era insuportável. Se parassem ela morreria.

O dedo de Dev começou a introduzir-se lentamente em seu ânus, usando os sucos que escorregavam de sua vagina. Quando os músculos de Tally se adaptaram a essa pequena penetração, Dev introduziu um dedo mais, mantendo viva a ardente tensão, essa pequena faísca de prazer e dor quase suficiente para levá-la além dos limites.

— Está tão quente que nos queimará vivos. — gemeu Lucian em seu peito enquanto continuava imobilizando-a para as explorações de Dev. — Se sente bem, querida? Você gosta que sua língua lhe coma, que seus dedos lhe preparem?

Tally estremeceu, aturdida pelo prazer. Isso era muito bom. Era mais do que ela tinha sonhado que poderia ser.

— Poderia te levantar agora, Tally, introduzir meu pinto em sua apertada vagina enquanto Dev toma seu ardente ânus. Tudo o que tem que fazer é pedir isso me diga que o deseja, Tally. — sua voz estava rouca pelo desejo enquanto levantava a cabeça para observá-la sob a pálida luz. — Agora, Tally.

Ela abriu a boca, as palavras tremiam em seus lábios.

— Tally, está aí? — a voz imperiosa de Terrie os congelou. — Tenho uma emergência em casa. Preciso de sua ajuda.

Como um balde de água gelada a voz de sua amiga encheu seus sentidos. Dev amaldiçoou enquanto lhe baixava o vestido sobre seu traseiro. Lucian levantou a cabeça e a olhou com uma fome que chegou diretamente a sua alma.

— Tally. Preciso de você agora. — a voz de Terrie não admitia negativas. — Sei que está aqui fora.

— Vêm para casa conosco, Tally. — sussurrou Lucian, seus dedos acomodaram seu vestido enquanto ela tentava recuperar a prudência. — Te prometo que não te arrependerá.

— Tally. — voltou a chamá-la Terrie, mais perto cada vez.

— Tally? — a voz de Lucian era suave, inclusive quando lhe ordenava. Uma demanda que sacudiu seu interior.

Por muito que o desejasse, por muito que soubesse que o lamentaria um segundo depois, estava convencida de que o preço que teria que pagar seria muito alto.

— Não posso. — se separou dele rapidamente, olhando seus olhos entreabertos com a determinação estampada em seus traços. — Me dê um minuto, Terrie. — escutou sua própria voz rouca, instável, mas não podia fazer nada. — Já vou.

O silêncio caiu sobre eles durante longos segundos.

— Esperarei aqui. — respondeu Terrie com determinação. Tally olhou para Lucian, furiosa com ele e com ela mesma.

— Isto não pode ser. — disse a ambos desesperadamente, sabendo que já era muito tarde para dar um passo atrás. — Não voltará a acontecer. O tempo das fantasias terminou, moços. Isto tem que parar.

— Sabe que voltará a acontecer. — Lhe advertiu ele, ainda com o desejo em sua voz, enquanto Dev amaldiçoava outra vez, sua voz irada, áspera por sua própria luxúria. — A próxima vez não haverá interrupções. Pense nisso, senhorita Jaded Tally.

Seus olhos se abriram mais quando suas palavras penetraram em sua cabeça e o olhou. Muito poucas pessoas conheciam sua identidade de Internet como Jaded. Tão poucas que ela poderia as contar com os dedos de uma mão.

Lucian não deveria ser nenhuma delas.

— Não te disse uma vez que sua pequena vida fictícia se revolveria contra ti e te morderia o traseiro um dia? Se considere mordida, querida.

Wicked. A fúria se precipitou por sua corrente sanguínea, quente e intensa. Ele era Wicked, o bastardo mulherengo do chat! O homem cibernético de seus sonhos fetichistas que tomava parte em todas as fantasias que Lhe tinham ocorrido a sua imaginação depravada.

— Bastardo. — assobiou. — Me mentiu todo o tempo.

— Como o inferno. — estava de frente a ela, quase nariz com nariz. — Lhe ganhou, querida, quando começou a falar de Lúcifer e seu microchip para o cérebro. Deveria manter seus insultos internautas e os pessoais separados se quer se esconder.

Ela tremia de fúria. Não podia recordar ter estado alguma vez tão zangada. Tinha compartilhado coisas com Wicked. Ele tinha sido alguém com quem estava bem, com quem se sentia compreendida. A dor rasgou seu peito enquanto reconhecia que deveria havê-lo esperado, já o tinha suspeitado uma vez.

— Renunciarei. — exclamou. — Que me condenem se continuo trabalhando para ti.

Lucian encolheu os ombros divertidamente.

— De qualquer maneira estará muito cansada para trabalhar uma vez que tenhamos terminado contigo, assim faz o que deseje.

Seus dentes chiaram pelo esforço de conter seus gritos de fúria.

— Não serei seu brinquedo. — Lhe informou com frieza. — Nem teu nem de

Devril.

Ele entreceerrou os olhos.

— Será muito mais que isso, Tally. — lhe disse misteriosamente. — Você goste ou não, agora começa a correr atrás. Desfruta de sua liberdade enquanto pode. Disse-lhe isso, querida, cometeu um engano esse dia no escritório. Não deu importância, maldita seja, será melhor que não te ouça pedi-lo.

— Isso soa como uma ameaça. — ela mostrava uma imperiosa calma, mas no fundo se sentia tão assustada como se cruzasse um ninho de serpentes.

— Prefiro vê-lo como uma promessa. — asseverou enigmáticamente. — Mas pode tomá-lo como te agrada. Algum dia lhe teremos, Tally.

— Em seus sonhos. — ela tremia de fúria; fúria e luxúria. Não sabia se queria matá-lo ou transar com ele.

— Tally? — chamou-lhe Terrie com firmeza. — Agora.

A boca de Tally se curvou de maneira insultante ao olhar para Lucian durante um longo instante antes de voltar-se e correr para Terrie. Estava ruborizada, furiosa e cansada. Tratar com Terrie nesses momentos não era precisamente algo que estivesse procurando fazer.

Capítulo 7

Terrie não tinha nenhum problema. À Tally quase foi gracioso quando compreendeu que sua amiga tinha seguido Lucian e Dev decidida a protegê-la de qualquer plano que tivessem. A emergência tinha sido simplesmente uma desculpa para conseguir tirá-la de seus braços e colocá-la em casa, desta maneira Terrie poderia assegurar-se de que Tally sabia onde se metia.

Estava furiosa, mas uma diminuta parte de seu ser estava assombrada e temerosa de que se arrumaram para enlouquecê-la tão eficazmente. Nunca lhe tinha passado antes. Era a primeira vez. Seria engraçado se não estivesse tão condenadamente zangada.

— Pode dormir aqui. — Terrie a conduziu ao quarto de hóspedes quase uma hora depois e depois de um discurso argumentando as vantagens que tinha de que Tally passasse ali a noite.

Tally teria preferido dirigir até sua casa do que permanecer em uma cama estranha, mas quando Terrie mostrou um enorme gesto de decepção foi impossível dizer que não. Tinham sido amigas durante muito tempo, tinham estado muito unidas para permitir que um homem destruísse aquela amizade.

— Trarei-te uma de minhas camisolas. — disse Terrie brandamente quando Tally se sentou fatigada sobre a cama. — Já sabe onde está todo o resto.

— Terrie, de verdade, isto não é necessário. — suspirou Tally. — De verdade que preferiria simplesmente ir para casa.

— E eu preferiria que deixasse de te esconder de mim. — disse Terrie com

esse tom de voz ferido que tanto Tally odiava. — Apenas me falaste poucas vezes nestes últimos meses, Tally.

— Jesse te mantém bastante ocupada. — disse Tally dando de ombros. — E temos feito coisas. saímos para jantar e para tomar algo.

Tally deslizou a vista pelo dormitório, evitando o olhar de Terrie. Não queria que sua amiga soubesse quanto tinha sentido falta dos bate-papos noturnos ou as periódicas visitas ao salão de tatuagens e piercing. Terrie era uma de suas poucas amigas que desfrutava com ela dessas excursões.

— Tudo muito correto e muito frio. — disse Terrie sentando-se de repente na beirada da cama. — Está brava desde aquela noite com Jesse?

Tally sorriu. Aquilo foi divertido. Ver Jesse Wyman algemado à cama, quente e a ponto de explodir enquanto Terrie e ela o atormentavam, era uma boa lembrança. Dar-se conta disso, tinha-lhe feito ser mais cauteloso e mais doce. Agora havia um homem que compreendia que não era inteligente tentar sua fúria.

— Não. Não estou brava por isso. — riu entre dentes. — Em realidade desfruto de sua cara de cervo assustado cada vez que o recordo.

A gargalhada de Terrie estimulou a própria.

— Sim, está mais assustado com você do que reconhece. — Terrie tombou na cama ante a risada que lhe produziu só de pensá-lo. — Inclusive me desafia a que o mencione.

Tally sacudiu a cabeça e também se sentou, olhando para teto.

— Foi divertido. — admitiu. — Até é mais divertido sabendo o cauteloso que se tornou. Possivelmente por isso recusou minha petição de parar minha transferência a Conover — suspirou, admitindo que nesse momento podia haver-se disparado um tiro no pé.

Terrie suspirou ruidosamente ante isso.

— Essa não é a razão.

Girando a cabeça, Tally a olhou interrogante.

— Então, por que?

Terrie deu uma olhada para a porta.

— Não pode repetir nenhuma palavra do que te diga. Supõe-se que não sei nada.

Tally pôs os olhos em branco.

— Sim, sim, sim. — agitou a mão expresivamente. — O prometo, com o do dedo mindinho e todas essas coisas. Agora me conte.

— Lucian o pôs como condição para a fusão. — disse brandamente, como se temesse que as paredes tivessem lembrança. — Lhes ouvi falar uma tarde antes do casamento. Jesse se assombrou ante a petição, até que Lucian, uhh... — sufocou uma risada.

— O que? — Tally pôde sentir como nesse momento se acrescentavam seus

nervos.

— Bom, Lucian lhe informou bastante claramente que se Devril e ele não lhe comessem logo, seus pênis iriam apodrecer pela falta de uso. — Terrie lutava por conter a risada. — Achei muito engraçado. Então, Jesse fez algum estranho comentário sobre os gêmeos e seus vínculos, e voltaram a falar sobre a fusão. Mas senti que havia algo oculto ali. Lucian não está jogando, Tally. Pretende te compartilhar com Devril.

— Demônios. — olhou de novo ao teto, tentando compreender por que Lucian chegaria a esses extremos para conseguir colocá-la em sua cama.

— Jesse não me contou muito. — disse Terrie preocupada. — Mas tenho a impressão, Tally, de que independentemente do que acontecer, não será só com um dos irmãos. E tampouco será de vez em quando, como fazem outros. Jesse o faz parecer como se Dev e Lucian lhe fossem compartilhar permanentemente.

Isso preocupava Terrie. Tally podia ver a inquietação no olhar de sua amiga.

— Sim, bom, deixaremos-lhes que conpirem e planejem. — deu de ombros, dirigindo a seu amiga um sorriso cheio de falsa confiança. — Posso dirigir isto, Terrie.

Pensar em ambos os homens compartilhando-a, tomando-a habitualmente cada dia, não era tão inquietante como a labareda de excitação, mesclada com possessividade, que começava a sentir pelos dois homens.

— Tally, não pode me dizer por que está brava comigo? — perguntou-lhe de repente Terrie, trocando de tema e surpreendendo-a com a pergunta. — Somos amigas a muito tempo. Odeio o que está se passando entre nós. A amizade equivalia a complicações, especialmente com uma relação tão próxima como a que tinham Terrie e ela.

Suspirou e voltou a olhar a sua amiga.

— Não estou brava com você. — disse com resignação. — Estou brava comigo mesma.

Levantando-se da cama, Tally observou a expressão interrogante de Terrie antes de dirigir-se à alta janela que havia ao lado.

— Entrei no escritório a tarde que estive ali com Jesse e Lucian. — disse finalmente Tally, com um sorriso sardônico desenhado em seus lábios. —

Fiquei com um terrível ciúmes, já sabe.

— Ciumenta? — Terrie lhe devolveu a pergunta, incrédula. — Por que?

— Porque estava com o Lucian. — disse brandamente, vendo o momento em que Terrie compreendeu com exatidão o que isso significava.

Terrie piscou surpreendida.

— Desejava Lucian?

Tally fez uma ligeira careta ante sua própria admissão.

— Desesperadamente, tenho até medo. — disse. — Mas o problema é, Terrie,

que sei que uma vez tenha estado com Devril e com ele, não querei deixar que nenhum deles se vá. Sou uma pessoa ambiciosa, já lhe isso dito antes. Podem me fazer mal. —acrescentou simplesmente.

— Oh. Querida. — Terrie a olhava assombrada. — Uhh, Tally, está apaixonada por Lucian e Devril?

Tally se moveu a uma cadeira ao lado da janela e se sentou pesadamente.

— Possivelmente. — encolheu os ombros. — Assim já vê, está ficando muito mais complicado.

— Surpreendeste-me bastante. — admitiu Terrie enquanto agarrava um dos macios travesseiros que havia na cama e o abraçava. — O que vais fazer?

Tally se alisou a saia do vestido lentamente, observando como seus dedos ajustavam a prega, como se queria assegurar-se de que o fizessem corretamente. Quando por fim levantou o olhar para Terrie, tinha conseguido controlar suas emoções.

— Tenho várias solicitações de uma empresa de Nova York. — admitiu finalmente Tally. — Se as coisas saírem bem, partirei logo.

— Fugir? — perguntou Terrie com incredulidade. — Tally, você nunca foge. Tally se recostou na cadeira, assumindo uma despreocupada pose de negligente abandono.

— Bom, pois parece que depois de tudo vou fazer isso. — disse ao fim com um sorriso de auto-desaprovação. — Um sentimento muito estranho, devo admitir. Mas não encontrei outra resposta.

Terrie sacudiu a cabeça em protesto.

— Por que não luta? Se os quiser, por que não vai a luta por eles? Recuar para atrás não é algo que compete fazer, Tally.

Normalmente, não o faria, admitiu Tally para si. Nunca tinha aceito a derrota em sua vida. Exasperava-lhe ter que fazê-lo agora.

— Neste caso, a única solução é recuar. — disse brandamente. — Confia em mim, Terrie, nunca funcionaria, e não querei ter o coração quebrado quando fracassar. É melhor que parta logo que possa. — definitivamente, era o melhor para seu coração. Assim como também era o mais seguro para Lucian, se por acaso alguma vez decidia que estava farto dela. Temia que pudesse lhe matar se tomasse a outra mulher depois dela.

Terrie a observou atentamente durante longos minutos, nos quais se fez um profundo silêncio a seu redor.

— Adoro como se engana, Tally. — disse ao final com delicadeza, levantando-se da cama enquanto Tally a olhava surpreendida.

— Nunca minto para mim mesma. — estalou, na defensiva.

Terrie sacudiu a cabeça lentamente.

- Quero-te como a minhas próprias irmãs. — suspirou. — Assim posso te dizer que está se enganando. O que te aterra é perder o controle que tanto

fez para ganhar, não a dor que pudesse sofrer. Lucian ameaça isso. Não pode lhe afastar, não pode lhe intimidar, assim em lugar disso, vai fugir. — gesticulou divertidamente. — Lucian vai ganhar por abandono, porque não é o suficientemente valente para ver qual de vocês é o mais forte. Tem medo de perder, assim que se renda.

— Não penso isso. — estalou Tally, incomodamente consciente do fato de que, freqüentemente, sua amiga, via muito. — Lucian não tem nada que ver com meu controle.

— É obvio que tem que ver. — Terrie soltou uma gargalhada alegremente. — O sacode cada vez que lhe olha. E não tente me dizer que quase não lhe tinha tirado isso de tudo no jardim. Escutei os gemidos. Perde os limites, Tally, e não pode suportá-lo.

Tally ficou lentamente em pé, entreabrindo seus olhos para a outra mulher.

— Não nesta vida. — conseguiu manter sua calma fria, mas pôde sentir como a cólera açoitava sua mente.

— De verdade? — Terrie cruzou os braços sobre seus peitos, com uma expressão de brincadeira. — Demonstra-o.

— Demonstra-o? — Tally teve vontades de grunhir. — E como esperas que faça isso? Não há nada que demonstrar.

— Não o há, Tally? — Terrie agora estava séria. Isso sempre era um mau sinal. — O que há a respeito de te provar que é digna de ter amor? Mas além disso, ou demonstrar que não é uma covarde. Sabemos quanto odeia aos covardes.

Tally grunhiu.

— Isso é jogar sujo, Terrie.

— Sim. — Terrie sorriu abertamente. — Faço coisas assim quando vejo minhas amigas colocar as caudas entre suas pernas e fugir como cachorrinhos. Especialmente quando se negaram a me deixar fazer o mesmo. Confia em mim, me agradecerá por isso.

— Te matarei. — estalou Tally. — Diretamente depois de que mate Lucian e Devril.

Terrie deu de ombros.

— Algo que te funcione, querida. Agora te desejarei boa noite, para que possa conspirar e planejar. É muito boa nos dirigindo a todos nós, Tally, nos deixe ver se pode dirigir Lucian tão facilmente.

Capítulo 8

Terrie a tinha manipulado. De algum modo, em algum lugar, tinha conseguido cegá-la e ao mesmo tempo, assegurar sua queda. Não era tanto pelo desafio, embora Tally se apaixonasse por um bom e honesto desafio; era bem o objeto do desafio. ela podia pôr Lucian e Devril de joelhos?

Tinha estado tão preocupada em proteger seu coração, suas emoções, que não havia verdadeiramente considerado ganhar os deles. Poderia fazer? Eram fortes, homens dominantes, alfas no sentido mais estrito da palavra, assim não seria fácil. Mas, possivelmente poderia fazer. O simples pensamento do êxito era suficiente para fazer com que seu sangue bombeasse, incrementando seu nível de excitação.

Eram homens, disse-se a si mesma enquanto entrava em seu escritório dois dias depois. Quão difícil poderia ser?

— Tally, já era hora de que aparecesse. — Lucian fechou com um forte golpe a gaveta superior do arquivo, franzindo o cenho enquanto ela se aproximava com calma a sua mesa e guardava sua bolsa. — Chega tarde.

— Logo que. — informou ela com frio desdém enquanto olhava o relógio sobre o arquivo. — De fato cheguei um minuto antes. Por que está mexendo em meu arquivo?

Era uma das razões pelas que odiava tratar com arquivos. Podia mantê-los em perfeita ordem, então Lucian, igual tinha feito Jesse, podia revolvê-los todos com aparentemente nenhum esforço absolutamente.

— Procurando um arquivo, obviamente. — grunhiu ele. — Onde esteve todo o fim de semana? Te liguei.

E o tinha feito, várias vezes ao dia

— Não é de sua conta aonde estive o fim de semana. Que arquivo está procurando? — arqueou suas sobrancelhas inquisidoramente.

— O do Anderhaul. — ele a estava olhando intensamente agora. — E o estou fazendo que seja da minha conta. Não estava em casa nem conectada. Averigui.

— Não saberiam se estivesse conectada, Lucian. — lhe disse calmamente enquanto abria o arquivo e tentava ocultar seus esforços para olhar a gaveta superior enquanto começava a procurar através dos arquivos. Só lhe levou uns segundos localizá-lo. — Aqui está. — o atendeu eficientemente antes de fechar o arquivo e voltar para sua mesa.

— Por que não ia, ou seja se estava conectada. — ele estava definitivamente furioso.

— Porque agora te bloqueei. — ela deu de ombros. — Eu não gosto dos mentirosos e me recuso a falar com eles. — manteve sua voz cuidadosamente modulada; sabia que era uma garantia para pôr seus nervos no limite.

— Não menti, Tally. — virtualmente grunhiu ele. — Poderia ter continuado com a charada mas não queria isso entre nós.

— Que decente de sua parte. — ela mostrou seus dentes quando sorriu. O simples pensamento das coisas que tinha compartilhado com ele a deixava furiosa.

— Poderia te dar as coisas que necessita, Tally. — disse ele brandamente. — Todas essas escuras pequenas fantasias que trata tão fortemente de manter a distância; poderiam ser tuas.

Tally se sentou em sua mesa, alisando a saia sobre suas pernas e ajustando os punhos de sua blusa de seda azul royal antes de elevar seu olhar para encontrar o dele com serenidade.

— Tem uma entrevista às nove e meia com o chefe de segurança para discutir as medidas que estão instalando nos novos laboratórios, e logo depois disso uma reunião com Jesse para discutir o programa informático que os engenheiros desenhistas estão desenvolvendo. Deixei os arquivos fora na sexta-feira antes de ir. — ignorou o oferecimento dele, embora não pudesse ocultar o estremecimento de perigo que explodiu através de seu sistema.

Os olhos de Lucian se estreitaram sobre ela.

— Tenha disposto café e pães. Precisarei de você durante na reunião com Jesse já que conhece as primeiras etapas do contrato para desenhar o programa informático. Trabalharemos durante o almoço, assim possivelmente queira encarregar-se de algo.

Genial. Trabalhar durante o almoço. Tinha esperado poder escapar dele ao menos um momento.

— Entrarei em contato com a Breilla. — fez uma anotação para chamar um dos melhores estabelecimentos da cidade. — Algo mais, Amo? — perguntou sarcásticamente.

— Me deixe ver esses piercings dos mamilos. — a petição foi feita igualmente fácil como se tivesse sido um arquivo.

Tally se recostou na cadeira e lhe olhou curiosamente. Ela não se atreveria, não com a porta aberta, mas como gostaria de lhe baixar um pouco as fumaças. Elevou uma mão provocativamente, seus dedos percorrendo os pequenos botões perolados enquanto lhe sorria insultantemente.

Era muito divertido, lhes provocar a ele e a Dev desta maneira. Era quase aditivo.

— O que me dará você? — perguntou flertando, com seu olhar mergulhando para o vulto que se estirava contra suas calças enquanto levantava uma sobrancelha sugestivamente.

A diversão cintilou em seus brilhantes olhos verdes e curvou as comissuras de seus lábios.

— Mantereí sua provocação em minha cabeça até o momento em que te tenha cruzada sobre meu colo, preparada para receber os açoites que estou seguro de que merece e que você Oh! tanto vais desfrutar. — murmurou ele enquanto se aproximava mais de sua mesa, olhando-a com uma repentina e escura fome que fez com que o pulso dela se acelerasse em resposta.

Ela suspirou expresivamente, baixando seus olhos com recato antes de jogar uma olhada para ele através de suas sobrancelhas.

— Prometido? Até então, sei um bom chefinho e vá fazer algo útil para que eu possa terminar minhas próprias tarefas. Te farei saber quando chegarem seus convidados. — o despediu com serenidade, virando-se para ligar o computador e começar o dia.

Tally manteve o aspecto de conter um sorriso zombador, embora sua vagina estivesse umedecendo-se, apertando-se de excitação. Era consciente dele olhando-a durante longos momentos e da reflexiva expressão que cruzou seu rosto enquanto ela continuava lhe ignorando. Não tinha dúvida de que estava planejando seu castigo com grande prazer. Mas o tinha estado fazendo durante meses.

— Há dias, Tally. — finalmente suspirou ele. — em que é uma maldita boa coisa que te tenha tomado tanto carinho. De outra maneira, acredito que procuraria um muito, muito profundo buraco para te enterrar nele.

Pela extremidade do olho ela viu como se virava e se dirigia para a porta aberta de seu próprio escritório. Quando a porta se fechou atrás dele, ficou olhando ao leve tremor de seus dedos. Tomado carinho? Era muito pouco, mas pulsou uma corda dentro dela. Não eram as palavras, a não ser o tom. Profundo, intenso, fazendo o que ela queria acreditar que suportava muito mais que as palavras fortes.

Otimismo. Respirou fundo, lutou por recuperar sua compostura e se virou para o computador. Não tinha tempo para o otimismo.

Lucian conseguiu, com muita dificuldade, deixar de lado a fome que crescia em seu pênis e atender os negócios essa manhã como requeriam. Era a tarde o que ele esperava. Sua agenda estava limpa para o resto do dia e ele tinha a intenção de iniciar a sedução de Tally então. Sabia que estava ganhando um julgamento por perseguição sexual; diabos, se ele fosse Tally já lhe teria dado um bofetão na cara. A única coisa que lhe salvava, sabia, era que lhe desejava tanto como ele a ela.

Ele sabia que ela o fazia. Podia ver em seus olhos, o conhecimento de que ele sustentava a chave de seus mais escuros desejos. Ele a conhecia como poucos. Lhe tinha dado a chave de sua própria queda e isso era algo que a deixava totalmente louca.

As reuniões avançaram rapidamente. Graças a Deus, parecia que não havia nenhuma interferência nos projetos atuais e tudo rodava como a seda. Comeram o almoço durante a reunião final com o Anderhaul enquanto discutiam a ultimização do contrato. A reunião se desenvolveu rapidamente e justo antes das duas horas o escritório se limpou e não ficaram mais que Lucian, Devril e Tally.

Não era que Tally não tivesse tentado escapar, mais de uma vez. Graças a Deus, o complicado trabalho de tomar bem as notas durante a reunião e o ajudar a limpar o escritório depois a mantiveram ali.

— Tally, faz uma anotação para contatar com Jesse sobre os novos chips que necessitaremos para o projeto Anderhaul. Deveria ir rápido e nos conseguir um pequeno benefício ao terminar.

— Anotado. — ela fez o apontamento em seu caderno de notas ao tempo que se tirava um comprido cabelo negro sedoso que tinha pousado sobre seu ombro.

Lucian se deteve, olhando-a. Era pequena, tão pequena que ele se perguntava se poderia aguentar o que Dev e ele tomassem de uma vez. Ambos eram homens altos e amplos. Tally era delicada, esquisitamente curvada com peitos cheios e luxuriosos quadris, mas diminuta ao mesmo tempo. Não deixava de lhe surpreender a fome que sentia por ela. Não era o tipo de mulher pelo que ele pensava que seu coração se decidiria. Era uma bruxinha, friamente zombadora e possuía um engenho afiado que freqüentemente lhe deixava chiando os dentes e soltando fumaça de ira. Na outra mão, o fazia ficar tão condenadamente quente que logo não podia respirar comodamente, e sabia que fazia o mesmo com Devril.

Aí estava a essência da questão. A diferença de outros membros do Clube, compartilhar a sua mulher não seria algo ocasional. Tinha aprendido cedo em sua vida que o laço que compartilhava com seu gêmeo nunca lhes permitiria algo convencional. No momento em que puseram seus olhos em Tally, ambos os homens souberam imediatamente o que queriam dela. Não teria um amante, a não ser dois, todas as noites, diariamente, porque pertencia aos dois corações.

Lucian lançou uma olhada a seu irmão, sentindo sua crescente excitação, igual a sabia que Devril estaria sentindo a sua própria. Era uma conexão a que se acostumaram com o passar dos anos e Lucian sabia que não o desejaria de nenhum outro modo. Tal e como sabia que poderia eventualmente lhes custar a mulher que amavam.

Voltou seu olhar para ela, olhando-a enquanto começava a endireitar os arquivos dispersos através da mesinha de café na área de reuniões. Sua saia era conservadora, a seda negra terminava a uns centímetros por debaixo de seus joelhos. Sapatos de salto baixo encaixavam em seus pequenos pés, cômodos. Exalava classe e boa criação, dinheiro velho e distinguida sensibilidade. Até que lançou uma olhada às partes que ela conservava cuidadosamente ocultas.

Jaded. Era seu Nick na Internet, mas havia vezes nas que Lucian suspeitava que também descrevia sua perspectiva das relações e os homens. Ela era, no fundo, uma gata selvagem que tinha desistido de conseguir o cumprimento

de suas fantasias. Fantasias que Lucian e Devril estavam decididos a trazer para a vida.

Lucian fechou com chave o escritório com decisão. O estalo do pequeno mecanismo fez com que Tally se esticasse, levantando a cabeça devagar enquanto olhava para ele. Seus mamilos se endureceram imediatamente. Ele o estava esperando, precisava vê-lo.

Devril se recostou prazerosamente no amplo sofá olhando-a igualmente, embora deixasse o primeiro movimento para Lucian.

— Desabotoe sua blusa. — ordenou brandamente Lucian enquanto começava a avançar para ela. — Devagar.

— Pareço sua stripper pessoal? — perguntou ela maliciosamente, a diversão brilhando em seu olhar.

Ela tinha estado esperando isto. Ele podia vê-lo em seus olhos, na excitação que fazia palpar a veia de seu pescoço.

— Se for o que quero. — disse ele cuidadosamente. — Estamos a ponto de estabelecer algumas regras aqui, Tally. — ele viu o calor fazer ignição em seus olhos, na maneira em que seus peitos pareceram inchar-se sob a seda de sua blusa.

— Oh, sim? — perguntou-lhe ela brandamente. — Suas regras, suponho.

Ele negou com a cabeça devagar.

— Nossas regras, Tally. Não só as minhas e de Dev. As de todos. Estamos sozinhos agora. Sem negócios, sem testemunhas. Sem jogos. Vamos, querida, não quer ao menos ver quão bom pode ser? — ele manteve sua voz suave, gentil.

Tally era uma perita com as réplicas. Podia fazer as suas em qualquer confrontação. Ele não queria que sua relação fosse uma confrontação.

Queria-a doce e selvagem em seus braços, que seu nome fosse um grito em seus lábios.

Ela piscou antes de lamber os lábios na primeira amostra de nervosismo que ele tinha visto nela, enquanto considerava suas palavras.

— Não podemos continuar assim, querida. — disse ele gentilmente, olhando-a, lhe deixando ver sua necessidade agora. — É sua escolha. Se sair daqui agora, então tudo bem. Não haverá mais. Nunca forçamos uma mulher em toda nossa vida. Não começaremos agora.

Ela inalou ar profunda e fortemente.

— E se escolher ficar? — perguntou-lhe.

— Então terá a ambos. Separados, juntos, de qualquer maneira que o queiramos, em qualquer momento no que o trabalho não interfira. Isto não funcionará como com Jesse e Terrie, ou como James e Ella. Devril e eu compartilhamos, Tally, consistentemente, habitualmente

Ela lançou uma olhada pelo escritório.

— Vocês alguma vez, meninos, fazem algo sexual fora do escritório? — perguntou.

— Se a oportunidade se apresenta. — disse Devril. — Infelizmente, estive se escondendo as passadas semanas. Isso limitou as opções. Seu olhar se desviou para Devril ligeiramente nervosa.

— Vamos querida, desabotoe sua blusa. — indicou Devril então, mais que ordenar o começaremos aqui.

Capítulo 9

Tally logo não controlava o tremor de seus dedos enquanto levantava a blusa para tirá-la de sua saia. Tentando fazer cada movimento sedutor, tranquilo. A excitação corria por seu corpo, mas esse não era motivo para não desfrutar da experiência. Não tinha nem idéia do que eles queriam e isso tinha criado um nervosismo algo incômodo que notava por todo seu corpo. Sobre tudo na área entre suas coxas. Estava mais molhada do que recordava ter estado em nenhuma outra situação sexual e isto lhe dava medo. Quando a prega de sua blusa saiu de sua saia, ela lhes lançou um olhar através suas pálpebras semicerradas. Eles estavam quentes, duros. Suas caras estavam ruborizadas pela excitação, seus olhos brilhavam por sua necessidade dela. Ela o adorava. Este era seu maior desafio, o controle destes dois homens.

Começou a soltar devagar os botões, observando como seus olhos seguiam cada movimento, suas mãos apertadas formando punhos enquanto lutavam por manter o controle de seus próprios desejos. Uma emoção elétrica correu por suas veias. A antecipação crescia em ondas de consciência sexual enquanto ela realizava o audaz e zombador strip-tease.

Levava somente uma liga para prender suas meia monopolizada sob sua blusa; o soutien semitransparente fazia pouco por esconder os aros dourados que perfuravam seus inchados mamilos. Com sua camisa desabotoada, era muito pouco o que ficava escondido de seus profundos olhares.

Em um momento, eles estavam de pé a seu lado, a só uns centímetros dela enquanto o último botão se deslizava livremente e as partes de sua camisa se separavam. Ela os olhou estreitamente, consciente da tensão sexual e da aura abrasadora de energia que parecia emanar deles até rodeá-la.

Já tinha estado com dois irmãos antes, não tinha nenhum medo da experiência que estava por vir, mas havia algo diferente em Lucian e Devril. Uma sensação intangível, como a carícia de uns dedos fantasmas que a tocavam e lhe negavam sua capacidade de recusá-los.

Era experimentada, mas não promíscua. Tinha quase trinta anos e era bem consciente de seu poder como mulher, até que chegaram estes dois homens. Com eles, sentia-se nervosa, inexperiente, como uma virgem que confronta a

seu primeiro amante.

— É incrivelmente linda. — disse Devril enquanto se aproximavam.

Tally se manteve quieta enquanto os dois homens se colocavam um a cada lado dela. Eram como duas torres sobre ela, sua cabeça logo que chegava à altura de seus peitos, fazendo-a vulnerável, lhe fazendo ser consciente de sua feminilidade, da debilidade de seu pequeno corpo. Era uma sensação a que não estava acostumada.

— Vêem aqui, querida. — Lucian pressionou sua cabeça contra seu peito, sustentando-a ali enquanto com sua outra mão imitava Devril e afastava sua blusa da carne torcida de seu peito.

Os dois homens gemeram pesadamente enquanto revelavam o prêmio que tinham estado procurando.

— Que linda. — suspirou Lucian enquanto o dorso de seus dedos acariciava a curva de seu peito, ao mesmo tempo que Devril pegava o outro em sua mão de trabalhador.

O calor da palma da mão de Devril queimou a astes de seu soutien meia-taça enquanto os dedos calosos de Lucian acariciavam o inflamado mamilo do outro peito. Quando o pequeno mamilo endurecido se fez mais sensível, o peso do aro dourado se fez mais pronunciado, atormentando-a com seu ligeiro peso.

Lutou por não ofegar, mas mesmo assim pôde sentir um ligeiro fio de transpiração que se formou em sua fronte. Os tremores de excitação se faziam mais difíceis de conter a cada minuto que passava. Podia sentir que seu controle ameaçava derrubar-se e lutou contra isso com cada fôlego que tomava.

— Tão fria e controlada. — murmurou Devril com uma sombra de diversão tingindo sua voz enquanto seus lábios desciam por seu ombro. — Durante quanto tempo poderá manter este controle, Tally?

Ela fechou seus olhos, alagada pela sensação, o prazer, enquanto Lucian trocava de posição, sua mão ainda em sua nuca, mas baixando sua cabeça. Ela gemeu quando sua boca cobriu seu mamilo. Sem poder conter o som, ou seu próprio prazer. Sua língua jogou sem piedade com o peso dourado, sua boca tomando sua carne profundamente enquanto Devril fazia o mesmo com o outro montículo. Ela estava apanhada entre eles, um banquete de sensualidade para seus apetites luxuriosos.

Tally apertou suas coxas fortemente enquanto as bocas dos gêmeos trabalhavam em sua carne, consumindo-a, alimentando-se dos duros e eretos mamilos, lambendo e sugando enquanto ela se arqueava ante seu toque, com seu corpo ardendo de excitação. Um prazer intenso bombardeou seus sentidos com a necessidade de ser tomada. Sua vagina ardia, abrasando-a pela fome, exigindo satisfação.

Ela se retorceu entre os dois homens, procurando alívio enquanto lutava contra as súplicas, os profundos gemidos de rendição. Precisava ser tocada, tomada.

— Maldita seja, Tally, está me matando. — Lucian grunhiu contra seu peito enquanto, repentinamente, Devril assumia a responsabilidade de sujeitá-la erguida.

A boca de Lucian deixou seu peito, lhe dando com sua língua uma última lambida antes de que Dev se afastar dela para seu peito e se abaixasse até cair sobre a cadeira que estava detrás dele. Suas mãos cobriram seus peitos, seus dedos esfregaram seus mamilos, sujeitando os aros dourados ao mesmo tempo que Lucian se ajoelhava diante deles.

Tally lhe olhou com olhos aturdidos. Detrás dela, Devril respirava fortemente; sua cabeça baixou até seu pescoço, para que seus lábios e língua acariciassem sua carne com resultados devastadores.

Ela lutava por respirar quando Lucian começou a empurrar para cima sua saia por suas coxas. Devril lhe ajudou levantando-a, ajustando-a sobre seus joelhos até que ficou estendida diante de Lucian como uma oferenda sensual a sua luxúria. Suas mãos acariciaram suas pernas, suas coxas, enquanto ele empurrava a saia por seus quadris, revelando um calcinha azul que cobria os nus e inchados lábios de sua vagina.

Ela conteve o fôlego duramente enquanto Devril abria ainda mais suas coxas com seus joelhos, abrindo-a para o prazer de Lucian enquanto ela o olhava fixamente, com fascinação e um pouco aturdida. Lutou por restabelecer seu domínio, por preparar-se para seu toque, mas quando chegou, foi como uma baforada de duro prazer que chegou diretamente a sua espinha.

Seus dedos logo que fizeram mais que apartar o úmido triângulo de tecido enquanto abria seus lábios, lambendo-lhe devagar com a língua.

— Está molhada, Tally. — sussurrou Lucian asperamente.

— Parece que sim. — disse ela sarcásticamente, resistindo ao gutural gemido que se elevava por seu peito.

Ele sorriu abertamente, seus olhos flamejaram com diversão ante seu sarcástico tom.

— É uma moça muito má. — sussurrou ele ao mesmo tempo que seu polegar localizava o pequeno anel que perfurava seu clitóris.

— Você crê? — Sua respiração era espasmódica, sua voz rouca. — E o que vai fazer a respeito?

Lucian riu entre dentes, soltando seu quente fôlego sobre a úmida e torcida carne.

Tally se sacudiu em resposta, suas pálpebras revoaram até fechar-se quando o prazer a afligiu.

— Vais me provocar durante todo o dia ou vai fazer algo? — Ela não ofegava,

assegurou-se assim mesma. Embora controlar o ritmo de sua respiração se fazia mais difícil a cada segundo que passava. Sentia-se débil, aturdida. A sensual provocação de Devril sobre seus peitos, seus dedos mexendo com os aros enquanto seus lábios percorriam seu pescoço, era bastante intenso. Mas ter Lucian ajoelhado entre suas coxas, com seus dedos retirando brandamente a úmida calcinha, era algo que quase a estava jogando no precipício.

— Vou fazer algo. — sussurrou Lucian. — Vou te fazer gritar, Tally.

Se alguém podia, esse seria Lucian, mas Tally estava decidida a manter até o último ápice de seu controle. Ela nunca tinha gritado. E não estava disposta a começar agora.

Impotentemente apanhada contra o duro corpo de Devril, ela viu descer a cabeça de Lucian. Seus polegares estenderam os avultados lábios de sua vagina, revelando seu inchado clitóris e o aro dourado que o adornava.

Ele parecia fascinado com o piercing. Sua língua brincou com o aro, afastando-se dele sensualmente, movendo o de um lado a outro, de cima abaixo, até que Tally começou a elevar-se contra sua boca, sentindo as chamas escapar de sua vagina para queimar o resto de seu corpo com a enloquecedora necessidade de um orgasmo.

Era intenso. Muito intenso. Ela podia sentir sua mente diluir-se sob o rápido e sensual prazer, suas terminações nervosas pegando fogo enquanto um nó de sensações começava a apertar-se em seu corpo.

Tinha que ser penetrada. Necessitava-o agora. Já tinha bastante desta tortura, destes jogos... Seu gemido ressoou quando Lucian introduziu brandamente seu dedo dentro das ardentes profundidades de sua vagina. Sua língua jogava sádicos jogos de luxúria contra seu clitóris enquanto seu dedo a penetrava com breves e pouco profundos golpes.

— Lucian, me coma. — ela ofegava agora. Ofegar estava bem. Maldição, sentia-se tão bem, tão abrumadoramente quente e excitante que ela logo não podia agüentá-lo.

— Ainda não. — sussurrou ele contra sua carne empapada. — Logo, querida, mas ainda não.

— Não. — ela sacudiu sua cabeça contra o peito de Devril, que estava mordiscando seu pescoço com os dentes. — Agora. Me coma agora. — se arqueou empurrando contra seu dedo, apertando seus dentes na agonia da necessidade, enquanto suas mãos se enredavam em seu cabelo, lutando por alcançar sua liberação.

Os dedos de Devril apertaram seus duros mamilos, lhe enviando um intenso estalo de prazer e dor, semelhante a um raio, através de seus peitos ao mesmo tempo que Lucian acrescentava outro dedo ao primeiro e os empurrava com força dentro de sua apertada vagina.

Tão perto. Gemeu, seu fôlego entrecortado pela intensidade do prazer enquanto lutava por alcançar o final da soleira. Por que a atormentavam? Podia sentir em suas costas o duro pênis de Devril, como uma barra de aço sob seu jeans, e sabia que o de Lucian era uma longitude de ferro sob suas calças. por que não a penetravam? Sobre tudo quando ela o necessitava tão fodidamente.

— Goze para mim, Tally. — sussurrou Lucian contra seu clitóris, seus dedos fodendo-a com excitante rudeza, enquanto os músculos de sua vagina se esticavam ao redor deles.

Ela necessitava mais. Estava chegando desesperadamente ao topo do clímax, mas ainda não estava ali.

— Me penetre. — Ihe agarrou o cabelo mas fortemente, tratando de aproximá-lo mais, desesperava-se agora por encontrar a liberação que atormentava seu corpo.

— Ainda não. — ele respirava duramente, asperamente. — Goze para mim, Tally. Agora.

Seus lábios se abraçaram a seu clitóris, sugando-o em sua boca enquanto sua língua flutuava sobre ele com aveludada brutalidade. Tally não pôde evitar o soluço que escapou de seu peito. Não era suficiente. Ela sabia que não seria suficiente. Mordeu o lábio, contendo a fúria e os gritos de desilusão enquanto se esticava contra ele, lutando por chegar ao clímax, por escapar do abrasador conhecimento de que seu corpo necessitava de mais.

Foi como se Ihe tivesse jogado um balde de água gelada em cima, saber que não encontraria sua liberação, que Lucian e Devril suspeitariam o segredo que ela lutava tão desesperadamente por manter escondido. Agonizando, com seu peito explodindo de medo, tomou a única opção que ficava. Fingi-lo. esticou-se nos braços de Devril, dissimulando sua liberação, fazendo trabalhar os músculos de sua vagina com movimentos espasmódicos enquanto deixava escapar um apagado gemido de satisfação. E assim, seu segredo estaria seguro.

Capítulo 10

Lucian dissimulou sua surpresa, sua comoção. Não era fácil, estava seguro de que ocorria o mesmo a Devril. Ela tinha tentado fingir um orgasmo. Não podia acreditá-lo; afastou os dedos do apertado orifício de sua vagina, sentindo as contrações na suave malha. Afastou-se enquanto se esforçava em moderar sua ira.

Não podia acreditar que ela se atreveu a fazer algo tão imprudente, tão desnecessário. Em lugar de ceder a seus próprios desejos, às demandas de seu corpo para liberar do controle que tanto defendia, tinha fingido um

orgasmo tão evidentemente falso que tivesse querido espancá-la só por tentá-lo.

Lucian levantou o olhar e o fixou nela. Estava olhando o teto, com expressão tensa, seu corpo estava rígido pelo nervosismo e o desejo não satisfeito.

Tinha razão em estar nervosa. Lucian encontrou o olhar de Devril e viu em seus olhos a mesma cólera que ele sentia crescer em seu interior.

— Deixem-me ir agora. — disse com voz fria, tranqüila, como se um momento antes não tivesse suplicado que a comessem, como se não tivesse tremido em seus braços enquanto estava a ponto do orgasmo.

Lentamente, Lucian lhe fez um sinal com a cabeça a seu irmão e viu que afastava suas grandes mãos dos seios ruborizados pela paixão que acabava de acariciar. Os mamilos de Tally estavam duros, avermelhados; sua excitação ainda não tinha desaparecido. Não só os tinha enganado a ele e a Devril, mas também a si mesma, e de tal maneira que ele se perguntava com que frequência o tinha feito antes. Era uma jogada hábil, que um homem de menos experiência não teria notado, mas ele sim, e embora não fosse o momento de obrigá-la a abandonar o controle que tanto lutava por manter, estava seguro de que logo obteria que ela fizesse isso e muito mais.

Lucian ficou lentamente de pé. Ela se afastou de Devril, tomou sua blusa do respaldo da cadeira e a pôs. Suas mãos tremiam; seu cabelo comprido estava enredado e suas bochechas ruborizadas, tanto pela cólera como pelo desejo. Permanecia cabisbaixa, mas ele podia ver as emoções que se refletiam em seu rosto, o medo e a vulnerabilidade, a luta por recuperar o controle. Ela e seu maldito controle, já tinha tido bastante disso.

— Pensa que sou tão idiota, Tally? — perguntou-lhe brandamente.

Ela deteve seus intentos de abotoar sua blusa, permaneceu imóvel diante dele, procurando desesperadamente alguma boa explicação.

— Não se incomode em mentir, Tally. — lhe levantou o queixo para poder olhar fixamente aqueles incríveis olhos castanhos e pela primeira vez notou uma vulnerabilidade que nunca tinha imaginado encontrar nela. — Me diga por que.

Ela inalou com força antes de pôr distância entre eles; rapidamente se abotoou os botões restantes de sua blusa e colocou os pés em seus sapatos.

— Vou embora. — sua voz era rouca, com remanescentes de desejo e temor.

— Não voltarei.

Ele cruzou de braços enquanto Devril se aproximava dela.

— Realmente pensa que fugir te servirá de algo, Tally? — perguntou-lhe Dev com gentileza. Lucian podia sentir a necessidade de atuar de seu irmão, de aliviá-la, de afastar dela a dor e o medo que podiam ver em sua cara.

Ela levantou a cabeça, a fúria tingiu suas feições por um breve momento antes de que se empossasse delas uma fria brincadeira.

— Que arrogância. — exclamou com desdém. — Não estou fugindo, simplesmente não me interessa agora. Tentaram-no e falharam. Muito mal, que lástima. — deu de ombros descuidadamente. — Não acontece nada. Então levantou sua cabeça com orgulho e, Lucian pôde sentir sua necessidade de fazer uma saída elegante, vigorosamente correu para a porta.

— Tally, de verdade pensa que isto acabou? — ele a seguiu, detendo-se na porta e vendo como tomava sua bolsa da mesa.

Quando ela se voltava para lhe responder, abriu-se a porta exterior e entraram Jesse e Terrie, que se detiveram e olharam para Tally assombrados. Dev observou o horror que se refletiu brevemente em seu rosto antes de que se equilibrasse sobre eles e saísse do escritório.

— Maldição! — exclamou Devril com fúria enquanto se dirigia para a porta.

— Espera. — lhe advertiu Lucian. — Deixa-a ir agora.

— Que diabos aconteceu aqui? — Perguntou Terrie afastando-se da porta, com a cólera acendendo sua cara. — O que lhe têm feito?

— Não o suficiente, suspeito. — Lucian passou seus dedos fatigosamente entre seus cabelos enquanto se virava para Devril. — Se assegure de que chegue bem em casa. Estarei lá mais tarde.

— Não deveria deixá-la ir. — disse bruscamente Devril, seus olhos verdes brilhando com uma fria ira. — Maldição, Lucian, ela não se encontrava bem para sair daqui.

— Não estava em condições de lutar. — suspirou Lucian. — Segue ela até em casa. Decidiremos o que fazer mais tarde.

Devril saiu dos escritórios e Lucian se voltou para enfrentar-se à preocupação de Terrie e Jesse.

- Você e eu temos que conversar. — disse a Terrie. — Obviamente há alguns detalhes sobre sua amiga Tally que esqueceu de mencionar nestes meses passados. Acredito que seria uma boa idéia que me dissesse isso agora.

* * * * *

Comportou-se como uma idiota. Tally acelerou ao sair do estacionamento da companhia; esteve a ponto de atropelar um empregado que entrava quando tomou uma curva e se enfiou para a estrada.

Aspirou profundamente, lutando contra o excesso de emoção que lutava por sair. Precisava gritar ou bater em algo. Nunca havia se sentido assim. Nunca antes um orgasmo a tinha evitado completamente de tal modo. Com frequência seus orgasmos não eram muito satisfatórios, logo não saciavam um pouco sua fome, mas poucas vezes tinha falhado em alcançar qualquer tipo de alívio, e com tão horríveis resultados. Eles se deram conta. Seus dedos apertaram o volante enquanto o medo e a humilhação a alagavam. Eles sabiam que ela tinha fingido o orgasmo, que tinha sido incapaz de alcançá-lo

apesar do prazer feroz que a devorava.

Deus, havia-se sentido tão bem. Suas mãos, suas bocas, os lábios de Lucian em seu clitóris, sua língua que esfregava o aro de ouro que o atravessava. Nunca em sua vida havia sentido um prazer semelhante, afogando-a, sensibilizando cada nervo e célula de seu corpo até que a necessidade de gozar a tinha consumido. Quanto mais se tinha esforçado em alcançá-lo, mais se tinha afastado.

Agora estava ardendo. Sua saia estava manchada sem remédio com seus próprios líquidos, e horrivelmente enrugada. As rugas eram um sinal de desalinho, tanto de mente como de aspecto; as freiras da escola católica em que tinha estudado lhe tinham insistido uma e outra vez sobre esse ponto. Sua blusa nem sequer estava bem abotoada. Apertou os dentes para sossegar o impulso esmagante de gritar de mortificação.

Anos e anos de controle cuidadoso, de pensar cada movimento que fazia, controlando cada impulso oculto e mostrando um aspecto firme e tranqüilo tinham sido destroçados pelas mãos de dois homens que agora conheciam seu segredo mais vergonhoso.

Ela necessitava da dor.

Um grunhido de fúria escapou de seus lábios antes de que ela pudesse estrangulá-lo em sua garganta, forçando-se por controlar sua fúria interna. Por desgraça eles eram dominantes. Troyanos. Eram parte desse Clube sobre o que se murmurava tanto. Gostavam do sexo selvagem e duro, as mulheres submissas que gritavam, sem queixar-se pela gentileza de seu toque. Ela tinha pensado que os únicos homens que podiam lhe dar um orgasmo avassalador eram, sem dúvida, Lucian e Devril.

O trajeto para seu exclusivo complexo de apartamento fez em tempo recorde. Não queria admitir que tinha excedido o limite de velocidade, pois nunca tinha violado a lei e isso era algo de que se orgulhava. Quão mesmo uma saia sem rugas, o cabelo liso e uma pele imaculada eram motivos de orgulho. O interior de uma pessoa se refletia na maneira em que se comportava, no modo em que solucionava os problemas. Ela fez uma careta mental. Por que essas regras velhas e rígidas a atormentavam agora? As boas freiras da Academia de São Agustín formavam parte de seu passado, ou pelo menos ela o tinha acreditado assim.

Tally, só as prostitutas usam a saia por cima dos joelhos. Deve estar por cima de tais impulsos hedonistas. Seus pais merecem muito mais que uma filha tão desrespeitosa...

Que vergonha ocasiona a seus pais, Tally. Que desgraça...

Se sua mente deve converter-se no pátio de jogos do Diabo, o menos que poderia fazer é dar uma aparência de decência. Inclusive as prostitutas que percorrem as ruas mostram mais decoro...

Ela sacudiu a cabeça. Estacionou o carro e se dirigiu rapidamente para o frio silêncio de seu apartamento. Necessitava de uma ducha. Uma ducha fria. Tinha que esquecer que era diferente, que suas necessidades eram tão depravadas que nem sequer um Troyano podia as satisfazer.

O silêncio lhe deu a boas-vindas quando entrou em seu apartamento. Estava escuro, perfeitamente asseado e imaculado, e incrivelmente frio. Tally olhou os tons desérticos da sala de estar. Apesar das cores quentes, a habitação era fria, estéril e pouco acolhedora, como sua vida.

Apertou os punhos, lutando contra a necessidade de quebrar algo, algo. Dispersar por todo o piso o potpurri que preenchia o floreiro de jade. Tacar o cristal contra a parede. Queria destruir a essência mesma daquilo no que se converteu sua vida. Estéril. Não vivida nem amada.

— Pare! — aspirou ruidosamente, afastando-se da porta e cruzando a grandes pernadas a sala. O comichão não era diferente. A pesada mesa de carvalho nunca tinha conhecido nenhuma mancha de alimento. Não podia recordar a última vez que tinha usado o forno da cozinha.

O piso escuro de madeira nunca tinha tido nenhuma mancha, igual os tapetes que, depois de cinco anos pareciam impecáveis. Seu dormitório... Entrou no quarto e o olhou em silêncio. Não havia vida nele. Nenhuma lembrança, nem sequer suja. Nunca tinha levado um amante a sua casa, nunca tinha sujado seu dormitório com os desejos antinaturais que se enredavam em sua mente. Nunca se tinha dado conta do perfeitamente que a tinham ensinado as boas freiras. Não se tinha dado conta quão vazia era sua vida até agora. Até que a tinham obrigado a andar. — não, não tinha andado, tinha fugido. — de algo que não se deu conta que necessitava. Lucian e Devril.

Caminhou para a cama, sua mão alisou a suave colcha branca, tentando ignorar o impulso de apertar o tecido, rasgá-la e jogá-la ao chão.

Suficiente. Endireitou os ombros e se deu a volta, obrigando-se a ir com calma para o banheiro. Despiu-se, jogou a saia e a blusa no cesto de roupas para antes de jogar também o soutien meia-taça.

Girou a torneira de água fria da ducha, olhando o chão que salpicava o cubículo de cristal antes de entrar nele. Reteve o fôlego enquanto o frio parecia envolver sua pele, deslizando-se por seu cabelo e sua cara, lhe tirando a respiração, lavando a evidência das ardentes lágrimas que finalmente derramou.

Capítulo 11

O autocontrole, que tanto procurava, em ocasiões a tão lamentada virtude, não deveria ter os matizes destrutivos, implacáveis, que Dev tinha vislumbrado nos olhos negros e feridos de Tally. Isso não

deveria causar que uma mulher apaixonada, vibrante, negasse o coração mesmo de sua sexualidade, nem deixá-la soluçando sob a força de uma ducha cuja frieza podia ser sentida fora do cubículo de cristal onde ela estava. Mas isso era exatamente o que tinha causado.

Dev e Lucian sabiam faz tempo que Tally Raines era única, um desafio, diferente de qualquer mulher que tivessem conhecido em suas vidas. O fato de que eles, com o passar do ano passado, lentamente, apaixonaram-se por ela, não era o ponto. Eles tinham visto nela uma força de vontade, que freqüentemente tinha refletido a sua própria, e uma solidão que ressonava em seus peitos.

Ele e Lucian, apesar de todas as aparências, tinham vivido uma tranqüila, freqüentemente, solitária vida. O laço que compartilhavam era mais intenso que o da maioria de outros gêmeos, que provinha, pensava ele, do fato de que eles eram fraternais mais que gêmeos idênticos. Os primeiros anos de suas vidas tinham sido separados por seus pais divorciados, vendo o um ao outro só de vez em quando e inclusive então as visitas tinham sido breves. Só com a morte de sua mãe depois de seu décimo aniversário lhes tinha dado, finalmente, a possibilidade de conhecer um ao outro. Desde esse momento, tinham sido inseparáveis.

Dev era o tranqüilo. Ao que um raramente lhe prestava muita atenção. Ele preferia olhar as debilidades dos homens e silenciosamente aprender dos enganos dos outros. Lucian era o irmão mais sociável. Tinha prosperado na carreira, freqüentemente exaustiva, que tinha escolhido e tinha desfrutado dos desafios que lhe apresentaram. Dev estava mais que contente de trabalhar nos bastidores, coordenar e ver os projetos, em lugar de meter-se na frente, brigando com competidores que haviam feito com os contratos mais lucrativos.

Era por esta razão que Dev tinha dado um passo para trás e tinha permitido a Lucian começar a primeira onda de assaltos sensuais contra Tally. Ela se sentia atraída por ambos, eles sabiam isso desde o começo, embora ele duvidasse naquele tempo de que ela fora consciente da cuidadosamente planejada sedução e da queda que eles tinham arrumado para ela.

Quão facilmente seus planos tinham explodido em suas caras. Dev parou fora da ducha, apoiando-se contra a parede, a cabeça baixa, escutando os débeis sons de seus soluços. Eles a tinham feito chorar.

Sacudiu sua cabeça ante aquele pensamento. Não, eles não a tinham feito chorar, ela tinha permitido que sua necessidade de autocontrole lhe impedisse de chegar ao orgasmo que esteve se construindo dentro de seu corpo. Aquela mesma necessidade lhe tinha feito fugir deles, tinha-lhe feito lutar por reunir os andrajosos fragmentos de seu orgulho e retirar-se tão rapidamente como fora possível dos dois homens que tinham visto sua queda.

Ele se moveu com cuidado, devagar, fora do banheiro. Não queria alertá-la de sua presença, de que em sua confusão ela tinha esquecido de fechar a porta da rua e tinha dado livre acesso a um dos homens, ele sabia, que considerava como o inimigo.

Passou ao dormitório e começou a prepará-lo para ela. Lucian chegaria mais tarde, mas por agora, Dev tinha o controle, e Tally poderia ter aprendido como dirigir a seu irmão, mas ela não tinha nenhuma idéia de como dirigir a ele.

Ele sorriu ante o pensamento enquanto punha laços nos quatro cantos de sua cama. A corda de suave nylon e as sujeições para o tornozelo permitiriam a suficiente liberdade de movimento para assegurar seu prazer mantendo-a no lugar, de maneira que ele pudesse assegurar sua liberdade das estritas demandas de seu autocontrole.

Pôs vários outros artigos sobre a mesinha de cabeceira. Colocou em um lado um tubo de gel lubrificante, um vibrador anal inflável e um grosso vibrador gelatinoso. Depois veio um jogo de bradeiras de mamilos que vibravam e uma pequena mordaca de bola.

Lançou uma olhada para a porta enquanto cessavam os sons da água caindo. Ela entraria no quarto dentro de minutos, inconsciente de sua presença, perdendo, ao menos, o equilíbrio de seu controle. Ele tinha o pressentimento que se lhe dava a oportunidade de recuperar aquele controle então todos perderiam. Tally não se permitiria a possibilidade de falhar uma segunda vez. Rodearia-se de todas aquelas brincadeiras e esse comportamento frio, como uma capa de amparo, e sempre lhes manteria, a ele e ao Lucian, à longitude de um braço. Ele não podia permitir isto. Ele não ia permitir.

Tomando assento em uma cômoda cadeira do outro lado do quarto, apoiou suas costas e esperou. Seu pênis palpitava; tão condenadamente duro e inchado que se surpreenderia de poder caminhar. Se alguma vez tinha tido uma ereção tão exigente com outra mulher, não podia recordá-lo.

A porta do box se abriu e se fechou. Minutos mais tarde se pôde escutar o som de um secador de cabelo e Dev apoiou suas costas no assento para esperar. O cabelo de Tally era comprido e grosso, uma sensual meada de seda de um negro meia-noite que caía sobre seus quadris, e que fazia que suas mãos lhe picassem por querer tocá-lo. Mas devia ser um inferno secá-lo. Teria gostado de estar de pé detrás dela, dirigindo o secador, olhando os fios lentamente secar-se sob o calor do aparelho. Em lugar disso, sentou-se e esperou. Os foguetes por vir já seriam bastante quentes; ele não tinha que tentar uma explosão tão cedo.

Uns longos minutos mais tarde o secador de cabelo desligou. Dev se ergueu na cadeira, estreitando seus olhos enquanto olhava a porta. Tally caminhou

através dela lentamente, com seu característico deslizamento sensual um pouco menos depravado que o habitual. Seu cabelo comprido caía sobre suas costas, acariciando seus quadris, mas o resto de seu corpo estava nu. Nu e perfeito. O ouro brilhou em seus mamilos e Ihe piscou os olhos de entre suas coxas perfeitas enquanto ela se parava abruptamente no meio do caminho.

— Que diabos faz aqui? — Seus olhos quase brilharam com furioso calor, suas rosas bochechas ruborizando-se de cólera.

As sobrancelhas de Dev se elevaram pela surpresa. Sua voz era arenosa pela emoção, seu corpo tremia por isso. Esta não era a tranqüila e controlada sereia que tinha atormentado seus sonhos durante tanto tempo. Esta era melhor. mais do que ele poderia ter esperado.

Ele cruzou o tornozelo sobre seu joelho, reclinando-se na cadeira enquanto ela agarrava uma grande camisa de seda de cor nata da pequena cadeira junto à mesinha de noite e a punha com rápidos e zangados movimentos.

Ainda não tinha visto as ataduras ou os aparelhos sexuais sobre a mesinha.

— Vá! — Ihe espetou, enquanto fechava a camisa ao redor de sua magra cintura. — Agora.

Dev suspirou com força.

— Não sou Lucian, Tally. Sua cólera não me incomoda como incomoda a ele. Lucian, apesar de sua atitude freqüentemente sarcástica ante o caráter normalmente frio de Tally, tinha aquela básica agitação masculina quando estava por provocar a uma mulher imprevisível. Diferente de seu irmão, esta era uma arte que Dev tinha aperfeiçoado em sua juventude e regularmente o tinha aplicado durante os anos.

— A prisão te preocupa? — Ela cruzou seus braços sob seus peitos enquanto o olhava fixa e acaloradamente. — Entrar assim é ilegal.

— A porta estava aberta. — Ihe informou ele, olhando com satisfação como seus olhos se alargavam pela surpresa.

Agora, ele podia ler suas emoções tão claramente como um livro aberto. As brincadeiras tinham desaparecido, deixando nua à mulher debaixo delas, enquanto ela o olhava fixamente com atormentada emoção.

— Não me importa se estava totalmente aberta. — ela mostrou seus dentes em um grunhido que fez que seu pênis se esticasse. — Levanta seu traseiro e vá.

Ah, agora sim era a Tally que ele sabia que existia sob o cuidadosamente gentil exterior. Vibrante, explosiva, seu caráter era mais que um fósforo para a dominação que pulsava, espessa e quente, por seu sangue e o de Lucian.

Levantou-se lentamente, olhando-a com cuidado.

— Francamente acreditou que sua pequena atuação de antes não ia ser

notada, Tally? - Perguntou-lhe, mantendo sua voz suave, embora sem fazer nada por ocultar o desconforto que palpitava debaixo. — Deveria ter esperado que um de nós se apresentasse preparado para brigar, se não os dois.

Seu olhar fixo piscou. Dev controlou a risada que cruzou seus lábios. Ela tinha esperado Lucian e tinha estado segura de que poderia mandá-lo embora. Obviamente, ela tinha julgado sua paciência como uma debilidade, e tinha suposto que ele seria mais fácil de controlar que Dev.

— Pobre Tally. — suspirou. — Julgaste mal ao Lucian, mas aprenderá isso bastante rápido. Ainda pior, subestimou-me. Não te deixarei fugir tão facilmente. O jogo se acaba aqui e agora.

— O que acontece com vocês dois? — espetou ela, com sua voz espessa pela fúria, sua cara avermelhada, seus olhos brilhantes de emoção. Maldição, ele tinha pensado que era linda antes, mas agora lhe deixava sem respiração. — Não podem aceitar a derrota? Não podem aceitar que há uma mulher viva neste mundo que não responde a vocês? Provaram, falharam, agora me deixem em paz.

Sua voz se rompeu com a última palavra, enquanto a emoção parecia faiscar como eletricidade estática nela.

— Não acredito. — ele deu um passo mais perto. — Não era consciente de que nos tinha tomado ao Lucian e a mim por tolos. Que calmamente faríamos a um lado e lhe permitiríamos te esconder porque está muito assustada para ir pelo que quer. Não pode manter esse indomável autocontrole e encontrar a satisfação que necessita, Tally. Não funcionará.

Ele não a tocou. Não ainda. Espreitou a seu redor, olhando-a com cuidado, vendo o nervosismo nu em seu olhar enquanto ela o olhava com cautela. Ela conhecia o Lucian muito melhor que a ele. Ele, deliberadamente, manteve-se a distância dela, ficou-se no exterior de seu círculo de amigos, lhe dando em estranhas ocasiões a possibilidade de dissecá-lo com aqueles olhos perspicazes.

Ela fazia isso. Olhava às pessoas, esperando que eles lhe revelassem cada segredo escuro, para que então ela pudesse usar esses segredos para mantê-los a raia, assegurando-se de que tinha cada arma disponível para impedir que se aproximassem muito.

— Não sabe do está falando. — ela respirava fortemente, embora ele pudesse notar que lutava corajosamente por controlá-lo. — Lamento te ferir o ego, Dev, mas você e Lucian poderiam não ser os orgasmos femininos caminhantes que pensam que são.

Poderiam não ser. Ele notou que ela não o declarava como algo definitivo.

Seus lábios se curvaram em um sorriso zombador.

Deteve-se detrás dela, sem tocá-la, não se atrevia. Seus ombros ficaram

rígidos, sua respiração se fez ainda mais áspera ao tempo que ele se elevava sobre ela.

— Se tivesse esperado, teria tido o que necessitava, Tally. — ela descruzou os braços, deixando-os cair dos lados e esticando o tecido de sua camisa.

Ele podia ver a difícil ascensão e baixada de seus peitos, podia quase sentir sua luta pelo controle.

— Típico de um homem. — se mofou ela. — Possivelmente sou frígida. Não é essa a típica desculpa masculina?

— Ou possivelmente é muito teimosa, está muito absorvida em manter o controle, em ser a Ama, para admitir que pode haver um Amo. — sugeriu ele brandamente. — Sei o que necessita, Tally. Sei, e vou me assegurar de que o tenha.

Ela pareceu congelar-se, ficando rígida como resposta, não somente pelas palavras, mas também pela promessa subjacente que vinha com elas.

Quando ela comesse a correr, ele estaria preparado para ela. Estava decidido a conseguir que Tally não fugisse mais.

Capítulo 12

Tally estava escandalizada. Este não era o gentil gigante que sempre pensou que era Dev. Este era um homem em sua plenitude, mais forte que ela e decidido a sair-se com a sua. Apanhou-a enquanto se movia para fugir do quarto, com uma risada ressoando em seu ouvido enquanto seus braços se envolviam ao redor dela, apertando-a bem perto. Um segundo depois sentiu que sua camisa se afrouxava enquanto lutava com ele, lutando por separar-se de seus musculosos braços enquanto ele tirava a camisa de seu corpo.

— Bastardo. — gritou quando a levantou e a derrubou sobre a cama. Seus dedos se curvaram como garras enquanto a fúria a sobressaltava. Uma quente e cega raiva queimava seu estômago enquanto grunhia e se agitava.

Ganhou pouco mais que uma escura risada ao mesmo tempo que ele se sentava escarranchado sobre ela, e em poucos segundos e para seu completo horror, estendeu seus braços e pôs em suas mãos grilhões acolchoados de nylon.

— Deixe-me ir. — afastou-se dos grilhões, olhando suas mãos com incredulidade enquanto via como as magras algemas que provinham do nylon se negavam a romper-se.

Instantaneamente seu peso se foi, mas não para soltá-la. Chiou com incredulidade, tentando atirar de seu pé quando ele começou a pôr grilhões sobre seus tornozelos. Agora estava presa, aberta de braços e pernas, nua sobre a cama enquanto ele a olhava com diversão.

— Filho de um cadela! — gritou ultrajada, aterrorizada. Sem importar o desesperadamente que lutasse, não podia liberar-se, igual a não podia conter a ira que ia crescendo nela. — Te matarei por isso. Arrancarei seu pinto de seu corpo se não me deixar ir.

— Que linguagem tão obscena, Tally. — a repreensão com diversão enquanto se sentava na cama e tirava as botas. — Só relaxe, querida, e economize seu fôlego. Necessitará de energia para gritar de prazer mais tarde.

— Ah, como se não tivesse escutado isso antes. — se mofou, chutando os grillhões que sustentavam suas algemas de novo. — Um pouco presumido, não, Dev?

— Presumido? — repetiu, enquanto ficava de pé e desabotoava a camisa branca que levava. — Acredito que simplesmente crédulo. Grunhindo, amaldiçoando, Tally lutou contra as ataduras, desesperadamente tentado ignorar o fato de que Dev estava despindo-se a um lado da cama. Seu musculoso peito não deveria ver-se tão atrativo e quando se desfez de suas calças e as cômodas cueca, a dura e grossa longitude de seu pênis não deveria ter feito com que perdesse o fôlego faminta.

— Maldição Dev, não pode fazer isto. — negou com voz rouca, sabendo que qualquer possibilidade que poderia ter tido de reunir suas defesas se estavam indo ao inferno. — Deixe-me ir.

Ele estava de pé a um lado da cama, olhando-a quietamente, seus olhos percorrendo seu corpo, detendo-se em seus peitos, olhando os endurecidos mamilos perfurados. Seu olhar foi mais abaixo, e Tally fechou seus olhos com vergonha, bem consciente dos espessos sucos que cobriam os grossos lábios de sua depilada vagina.

— Diga "sapatos". — disse sorrindo, enquanto seus olhos retornavam a seu rosto. — Em cada relação dominador e submissa há uma palavra chave. Uma palavra que detém qualquer ação em caminho e obriga a deter-se o que seja que esteja ocorrendo. Mas te advirto, Tally, se a disser então tudo termina. Não importa quanto nos preocupemos com você Lucian e eu. Não importa quanto lhe necessitemos, termina-se. Diga "sapatos" e te liberarei e me afastarei agora. Se não o disser, então pode lutar até que o inferno se congele, mas enquanto seu corpo responda, enquanto encontre prazer, não terá paradas.

O estrangulado grunhido de raiva que escapou de sua garganta a surpreendeu, e a Dev também, a chama de seus olhos foi uma indicação.

— Vá para o diabo. — amaldiçoou furiosamente. — Não rogarei por nada, gigante Neandertal. Beija minha bunda.

— Açoitarei-o em lugar disso. — suas palavras a fizeram esticar-se de assombro um segundo antes de começar a brigar de novo. Ele liberou os grilhões de seus tornozelos, rapidamente afastou-se deles e os assegurou outra vez. A longitude das algemas das mãos era a suficiente para lhes permitir cruzar-se e adaptar-se à nova posição. Agora ofegava com surpresa e fúria, por não mencionar a excitação que começava a percorrer seu corpo. Mas isso não lhe impediu de seguir lutando enquanto ele ajustava as restrições, uma vez mais estendendo-a na cama.

— Tem idéia de quanto fantasiei açoitando este pequeno e redondo traseiro? - sussurrou junto a seu ouvido, sua mão percorrendo suas costas e logo seu traseiro. — Olhá-lo avermelhar e arder, e logo estender essas suaves e pequenas nádegas e foder com meu pênis esse pequeno buraco que escondem.

Ela girou a cabeça, abrindo os olhos com assombro e surpresa. Não era que nunca tivesse tido sexo anal. Ou inclusive um ménage. Era o tom de sua voz. Áspero, carnal, pecaminoso. E sua expressão igualava o tom de sua voz. Parecia um anjo cansado, seu cabelo negro caía sobre sua frente, seus brilhantes olhos verdes acesos com luxúria.

— Vai ser tão bom, Tally. — retirou uma mecha de cabelo de sua bochecha. — Não posso esperar para ter meu pinto dentro de ti, sem restrições, te comer com tudo o que sonhei te dar durante tão maldito tempo.

Sua mão caiu sobre a curva de seu traseiro. Não foi um pequeno golpe, não foi uma tímida palmada; picou. Atravessou seu ventre, ardendo através de sua vagina e a fez ofegar de prazer. E ele seguia olhando-a, seus olhos sustentando seu olhar, sua cara perto dela enquanto lhe dava outro golpe similar na outra nádega.

Tally se debateu nas algemas de novo, choramingando enquanto lutava por sustentar essa compostura da que tão orgulhosa estava. Mas isto era muito bom. A depravação completa era suficiente para mandá-la girando de cabeça para uma excitação que desafiava à razão. A luxúria floresceu como uma deflagração, deixando-a dolorida, ansiando a liberação.

— Pare. — espetou, conduzida tão longe como podia suportar. Meses de excitação e provocação. Necessitava alívio, e esperar por ele não era uma opção. — Maldição, Dev, simplesmente me coma e acaba com isto.

O tamanho de seu pinto a queimaria, estiraria-a, encheria-a, brindaria-lhe suficiente intensidade, embriagadora e dolorosa, como para ao menos sentir algum tipo de liberação. Se ele seguia assim, não

haveria maneira de agüentá-lo.

— Tudo ou nada, Tally. — Ihe recordou ele. — Toma tudo ou me afastarei. Lucian se afastará. É realmente tão covarde que seu controle significa mais que alcançar todo o prazer que sempre sonhaste que podia ser teu?

Era-o? Era-o. Enterrou a cara na colcha, respirando severamente, lutando contra a assustadora necessidade de gritar a palavra chave e ganhar sua liberação.

— Pensa-o, Tally. — sussurrou. — Seu traseiro vai arder. Vou te fazer pagar por tão sequer considerar a idéia de fingir um orgasmo. Mas primeiro vou me assegurar de que saiba o que está pensando deixar acontecer se sussurrar a palavra que o deterá.

Afastou-se dela. Tally levantou a cabeça, Ihe olhando surpreendida enquanto levantava um dilatador anal e um tubo de gel lubrificante.

— Isto. — girou o dispositivo em sua mão. — É um dilatador inflável, Tally. Tiveste um antes?

Não o tinha tido. Podia sentir seu coração palpitar enquanto olhava o magro tubo que acabava na bomba de pressão. Era magro, mas se faria maior.

— Não é necessário. — Ihe informou, tratando de soar altiva, mas sabendo que só obtinha desespero. — Não sou virgem aí, Dev. Nem em nenhuma outra parte.

Ele sorriu devagar.

— Querida, não é só para preparar seu pequeno e luxurioso ânus. Não lhe deu tempo a responder. Antes de que pudesse soltar o fôlego para amaldiçoá-lo por sua arrogância, ele estava entre suas estendidas coxas, surpreendendo-a quando elevou seus quadris e pôs dois travesseiros baixo ela.

— Dev, pagará por isso. — lutou contra suas ataduras, atirando contra ele, que ria com perversa ênfase enquanto ajustava os travesseiros sob seu elevado traseiro. — Não o faça assim.

— Sinto muito, meu bem, perdeu a opção de escolher com esse pequeno truque que te tirou da manga no escritório. — golpeou seu traseiro de novo, fazendo-a saltar pelo prazer que Ihe causava sua calosa e ampla mão. — Agora pode aceitar o que conseguiu.

Exatamente da maneira em que sempre Ihe quis dar isso. Tinha uma cronometragem excepcional. Ela abriu a boca para gritar uma série de impropérios que o teria envergonhado até a raiz. E o teria feito se ele não tivesse escolhido esse preciso momento para percorrer com seus dedos, devagar, os úmidos lábios de sua vagina. Seus dentes se fecharam para afogar um gemido. Não podia recordar um momento

em sua vida em que essas tenras dobras tivessem sido tão sensíveis.

— Está molhada. — murmurou agradado. — Muito molhada, Tally.

Acredito que você gosta disto mais do que deixa ver.

Girou seus dedos ao redor do apertado buraco de seu ânus enquanto ela tratava de respirar devido ao incrível prazer. Estava atada, deveria estar gritando, lutando, amaldiçoando. Sabia exatamente o que pretendia. Queria que perdesse o controle, que lhe rogasse. Quão decepcionado estaria quando isto não funcionasse. Não podia perder o controle. Congelaria-se. Encerraria-se dentro até que nenhuma sensação pudesse acender a faísca que a enviaria direta ao orgasmo. Suas mãos apertaram a colcha enquanto seu fôlego se entrecortava pelo medo. Não queria isto. Não queria a humilhação que sentiria ao ver o abrasador conhecimento nos olhos de Dev ou Lucian.

— Dev. — a palavra chave estava pronta em seus lábios quando seu dedo pressionou o apertado buraco de seu ânus e se introduziu nele. Conteve o fôlego. Quanto tempo tinha passado desde que havia sentido essa pequena espetada de fogo, esse apaixonado conhecimento do quente prazer que estava por chegar? Mordeu os lábios, seu fôlego entrecortado quando o medo e a necessidade começaram a brigar dentro dela.

— Não tem que te controlar, Tally. — lhe sussurrou sedutoramente. — Não tem que fazer nada nem fingir ser alguém que não é. Só ser você mesma. Uma criatura de prazer, uma forma deliciosa de energia e sexualidade, isso é tudo o que precisa ser. Sem demandas, sem esperas. E sem represálias. Nenhuma, querida.

Seu dedo se deslizou mais profundo, estendendo a fresca essência do lubrificante que utilizava enquanto separava os delicados músculos de seu sensível ânus.

— Não posso. — manteve sua cara oculta, sua vergonha coberta. — Não o entende. Congelarei-me. Não posso deixar ir.

Açoitou seu traseiro. Uma sensação quente de prazer atravessou seu corpo, arqueando-se enquanto um estrangulado gemido saía de seu peito.

— Congela-te e farei que seu traseiro esteja tão dolorido que não se sentará por uma semana. — disse ele, com voz decidida, assinalada enquanto seu dedo se deslizava rapidamente por sua apertada passagem.

Ela se retorceu contra os travesseiros. O calor desse abrupto açoite tocou as profundidades de sua vagina como um relâmpago. Um segundo depois se mordeu o lábio, choramingando com pesar quando a grossa presença saiu de sua diminuta entrada e a ponta do aplicador

do lubrificante entrou nela. O gel se introduziu em seu interior, enchendo sua passagem com fresco alívio durante um segundo. Quando o retirou, ela sentiu a ponta do dilatador anal pressionando contra a entrada.

Bem, ela sabia como fazer isto. Tinha tido sexo anal antes. Era fácil. Relaxou seus músculos, tragando um gemido quando o magro dispositivo entrou. Só tinha cinco polegadas de comprimento, realmente não era grosso, a não ser flexível. Quando esteve totalmente dentro dela respirou devagar. Duvidava que se inflasse muito; não parecia o suficientemente comprido para inflar-se a um tamanho que pudesse pôr a prova seu controle.

— Tão tranquila. — a voz de Lucian a seu lado a fez ofegar com assombro.

Sua cabeça virou ao mesmo tempo que ele se sentava a seu lado e sua mão retirava o cabelo que tinha sobre a cama enquanto a olhava.

— Isto não funcionará. — sussurrou Tally com pesar. — Só vai nos ferir a todos ao deixar que isto continue.

— Conhece a palavra chave? - perguntou-lhe Lucian gentilmente.

— Sim, mas... — Se deteve, seus olhos aumentando-se ante a repentina pressão em seu ânus.

Devagar, insidioso, o dilatador começou a alargar-se, a inchar-se, enchendo-a de modos que nunca tinha esperado. Seu fôlego se obstruiu em seu peito enquanto seus músculos começavam a esticar-se, com os nervos protestando, ardendo enquanto Dev continuava inflando o dispositivo.

— Ela foi uma má garota hoje, Dev. — Lucian não rompeu o contato visual com ela enquanto falava. — Acredito que precisa ser açoitada enquanto esse aparelho enche seu pequeno ânus. O que pensa você? A resposta de Dev foi um palmadinha nas suaves curvas, logo outro. E outro. Tally tremeu enquanto o fogo debaixo de sua pele começava a surgir, o prazer e a dor combinadas em uma conflagração que começou a estender-se pelo resto de seu corpo. Seu clitóris estava inchando-se, o pequeno anel que o rodeava logo que continha a pequena e torturante pérola, enquanto o dispositivo anal continuava inflando-se dentro dela, inclusive enquanto a mão de Dev levava a seu traseiro a um ardente rubor.

— Lucian. — choramingou. Nunca tinha conhecido algo tão incrivelmente excitante, tão destrutivo para seus sentidos. — Me ajude, Lucian. Por favor. Por favor não deixe que me congele...

Com o plugue totalmente inchado enchendo seu ânus, criou-se uma pressão que a manteve na borda de um agudo e doloroso prazer. Seus glúteos estavam tão sensíveis que a mais leve carícia a deixava sem fôlego; tender-se sobre eles resultou uma deliciosa tortura quando Lucian e Dev ajustaram de novo suas ataduras e a tombaram de costas.

Sua vagina estava incrivelmente úmida. Podia sentir como a espessa capa de açucarados sucos se deslizava ao longo dos inchados lábios que cobriam seu torturado clitóris. Sua excitação era tão incrivelmente cegadora que se perguntava se poderia sobreviver. Mas Dev e Lucian não tinham piedade. Colocando-se de cada lado dela, os dois homens começaram lentamente a atormentar seu corpo já supersensibilizado. O beijo de Lucian a drogava. Sua língua não terminava de encher sua boca, jogando lentamente com a sua, sem terminar de ceder ante a selvagem e desesperadora necessidade de conseguir um beijo mais quente, mais duro.

Seus lábios absorveram os dela; sua língua se deslizou com uma lentidão descarada ao longo de suas curvas antes de descender em sua boca enquanto ela gemia fortemente no beijo. Entretanto, Dev compensava a suavidade em seu peito. Seus dentes raspavam o duro e brutalmente receptivo ponto, com resultados devastadores. Sua boca sugava seus mamilos e sua língua atirava ligeiramente do anel de ouro que o perfurava. Retorceu-se debaixo deles, com suas mãos fechadas em punhos, seus pés apoiados sobre a cama enquanto seus quadris se elevavam para uma infrutífera necessidade.

Suava. Nunca tinha suado, mas agora o fazia. Sua pele estava empapada devido a isso, seu cabelo úmido enquanto se movia entre eles, com agonizantes gemidos de prazer ressonando em sua garganta enquanto os lábios de Lucian se deslocavam para seu ouvido.

— Está preparada, querida?

— Vou te fazer pagar por isso. — grunhiu. O excesso de emoções e a exigente necessidade de seu corpo faziam com que seus sentidos cambaleassem.

— Não posso esperar. — murmurou satisfeito. — Entretanto, até que seja livre e capaz, tenho algo mais para que desfrute.

Os lábios de Dev começaram a descer por seu corpo, desenhando com sua língua lascivos atalhos próximos ao êxtase enquanto cruzava seu abdômen e se situava entre suas coxas. Lucian se moveu a seu lado, lhe colocando um travesseiro debaixo da cabeça e inclinando-se para diante. Seu pênis, torcido e com abundantes veias, aproximou-se de seus lábios. A acampanada cabeça era quase de um tom púrpura, do tamanho de uma ameixa, e palpitava de desejo.

— Me chupe, Tally. Faça-o bem, querida, e veremos se Dev não pode fazer

com que essa bonita vagina se sinta igual de bem.

Ela abriu a boca com impaciência. Necessitava de alívio. Estava em um ponto em que não lhe importava se era um alívio menor, enquanto essa insuportável necessidade diminuía. Ele deslizou seu pênis, grosso e quente, dentro de sua boca ao tempo que ela fechava os lábios sobre ele, e o gemido dele ecoou com o seu no momento em que Dev começou a jogar diabólicamente com o anel que perfurava seu clitóris.

— Sim, amor. — vacilou roncamente Lucian. — Tome profundamente, querida, diretamente em sua garganta.

As mãos de Dev mantiveram seguro seus quadris, recusando a lhe permitir empurrar seu atormentado corpo com mais firmeza contra seus lábios, embora Lucian se movesse sobre sua boca, gemendo fortemente quando sua língua lhe acariciou seu eixo de baixo, devorando sua cabeça ao introduzir-lhe profundamente.

Sugou sua carne como uma mulher faminta e, francamente, estava-o. O principal objetivo de sua mente era alcançar desesperadamente o orgasmo, situado agora apenas fora de seu alcance, tentando-a. A boca de Dev a chupava, com demoníaco prazer, lhe lambendo os sucos que escorregavam de sua vagina, sugando seu dilatado clitóris ou usando seus dentes para atirar do pequeno anel e lhe provocando um desesperado grito de necessidade que ressonou ao redor do pênis de Lucian.

— Ah, querida. — gemeu Lucian, com uma careta de sublime prazer deformando sua cara. — Perfeito, perfeito.

Tomou a rígida carne em sua garganta, tragando, acariciando a palpitante cabeça enquanto sua língua se movia contra o sulcado eixo, enquanto se afastava para aproximar-se mais. O plugue de seu ânus era tão somente outra forte tortura, lhe recordando as sensações que surgiriam se um de seus amantes empurrasse a grossa longitude de seu pênis dentro dela.

Pensar nessa brilhante descarga de sensações fez que sua boca se movesse avidamente sobre a ereção de Lucian, gemendo ante o açoite da boca de Dev sobre sua atormentada vagina enquanto sugava a rígida carne.

Estava tremendo, seu corpo se sacudia estremecido pela excitação, empurrando-se para a boca de Dev. Não tinha a intenção de fazê-lo. Podia sentir como se rebelava seu corpo, como sua mente recusava as demandas de sua carne.

Tally tentou gritar ao redor do pênis de Lucian, lutando contra a definitiva humilhação enquanto as lágrimas enchiam seus olhos e sentia como a pressão que se formou em seu ventre começava a perder intensidade.

— Chupe-o. - a voz de Lucian se endureceu enquanto suas mãos a sujeitavam do cabelo e repentinamente seu pênis a penetrou mais rápido entre os lábios, sentindo como uma brusca labareda percorria seu couro cabeludo. — Vou

gozar, Tally. Diretamente em sua doce garganta, querida.

Um duro estremecimento convulsivo sacudiu seu abdômen enquanto seu corpo se contraía em uma repentina explosão de renovado calor. Os dentes de Dev raspavam seu clitóris com uma brutalidade apaixonada, um segundo antes de agarrar seu ânus e atirar enquanto inundava dois dedos na comprimida e extremamente apertada profundidade de sua selvagem vagina. Um estrangulado grito reverberou ao redor do pênis de Lucian, ao mesmo tempo que seus olhos se dilatavam e sua visão se obscurecia. O dilatado plugue tinha feito algo mais que criar uma dura pressão em seu ânus, tinha obtido que o interior já apertado de sua vagina estivesse muito mais estreito.

— Aí. — gemeu Lucian enquanto seus quadris aumentavam os golpes de seu pênis em seus lábios. — Chupa-o, Tally. Mais profundo, meu bem, vou gozar. Ela tomou seu pênis até sua garganta, tragando-a, flexionando sua língua contra a parte baixa e sensível de sua ereção enquanto tremia e explorava. Suas mãos se apertaram em seu cabelo, sujeitando-a, enquanto os duros jorros de sêmen desciam por sua garganta. Tragando convulsivamente, foi consciente da contínua carícia que isso suporia a sensível cabeça de seu pênis, captando cada capitalista corrente do espesso fluido.

Uns segundos mais tarde, quando se retirou de seus lábios, com seu membro ainda duro, grosso pela excitação, sentiu os dedos de Dev saindo dela e a ele elevando-se entre suas coxas. Ela suave, sacudia-se, sua vagina pulsava com a frenética velocidade do sangue que rugia através de seu sistema. Então, a mão de Dev aterrisou, dura e forte, nos lábios de sua vagina. Tally gritou, golpeando contra a cama quando violentas sensações de prazer atravessaram seu corpo. Nunca ninguém se atreveu a golpear sua vagina. Outro golpe aterrisou diretamente sobre seu clitóris, fazendo-a arquear as costas, pressionar a cabeça contra o colchão e deixando-a sem respiração. Explosivos raios de prazer e dor atravessaram seu clitóris, seu ventre, e terminaram estendendo-se ao longo de seu corpo até sua fechada mente. Não havia controle.

A palmada seguinte a destruiu. Seus olhos voaram abertos enquanto um orgasmo, seu primeiro orgasmo verdadeiro, decadente, explosivo, destroçava seus sentidos. Um suave gemido reverberou em sua garganta enquanto lutava por recusar os tremores quase violentos que atravessavam seu corpo, mas uma vez que a tinha empurrado pela borda, Dev não tinha intenção de lhe deixar recuperar algum tipo de controle.

Seu pênis, fogueiramente quente, grosso e duro como o aço, empurrou na entrada de sua contraída vagina. Seus músculos lhe sujeitaram, fechando-se fortemente enquanto ela lutava por sair da esmagante liberação.

— Tome, Tally. Agora. Tudo. — a voz de Dev era dura e perigosamente

masculina enquanto começava a mover o eixo dentro dela com fortes e decididas investidas.

Polegada a polegada, a carne dela cedia, e polegada a polegada a espiral de calor que tinha explodido em sua vagina começava a construir-se de novo. O plugue, ainda inflado em seu traseiro, dava pouco espaço à robusta largura de sua ereção, e Dev lhe deu pouca importância ao extremamente apertado de sua contraída vagina.

— Oh, sim, querida... tão fodidamente apertada... tão fodidamente bem ao redor de meu pênis... — ofegou, com sua ereção golpeando energicamente em sua sobrecarregada vagina.

Ia gozar outra vez. Ah Deus, isso a mataria. Não poderia sobreviver a outra explosão tão violenta, tão poderosamente destrutiva. Mas sabia que ia passar. Seu pênis lhe enviava raios de excessivo prazer e dor que atravessavam as terminações de seus já sensibilizados nervos, enquanto estirava o insuportavelmente apertada vagina para acomodar seus golpes.

— Não. Não mais! — Gritou grosseiramente enquanto seu pênis golpeava com força e profundamente, destruindo suas terminações nervosas. — Não mais...

— Goze para mim, Tally. — gemeu Dev. — Uma vez mais, querida. Uma vez mais. Me deixe sentir como goza sobre meu pênis, meu bem. Olhe, Tally, olhe quão doce e molhada estás. Só uma vez mais.

Seus olhos voaram ao ponto onde seus corpos se uniam. Suas mãos sustentavam seus quadris longe da cama, sua ereção se afundava dentro e fora dela, dura e molhada, brilhando com seus sucos quando se retirava; sua carne esbofeteava umidamente contra ela quando empurrava para diante. Isto era muito. Muito prazer, muita sensibilidade. A fodia dura e profundamente, separando a suave malha e os contraídos músculos; então, ela lançou para trás sua cabeça, arqueou o pescoço e seu corpo se esticou até sentir que quase se podia romper. E logo o fez. Não podia gritar, não podia fazer nada mais que permitir que toda uma vida de necessidades reprimidas, luxúria e emoções saíssem a fervuras de sua alma, derramando-se junto aos duros fluidos do clímax que saíam de sua vagina, mesclando-se com os poderosos jorros do sêmen de Dev.

Tally só foi ligeiramente consciente, longos minutos depois, de que Lucian e Dev a liberavam das sujeições de suas algemas e tornozelos. Flutuava, lânguida e relaxadamente, sobre uma nuvem de satisfação totalmente diferente a qualquer outra coisa que tivesse conhecido antes.

Protestou com um leve gemido, quando sentiu como se desinflava em seu traseiro o plugue anal, mas quando se deslizou para fora de seu corpo, percorreu-a um estremecimento de prazer. Delicioso. Queria mais, mas parecia que não podia animar-se a fazer mais que tentar respirar.

— Vêem aqui, querida. — foi Lucian quem a atraiu a seus braços enquanto se deitava junto a ela. Detrás dela, foi consciente de Dev ao colocar-se também na cama. O calor a rodeou. Os braços de Lucian a mantiveram abraçada, com o peito de Dev a suas costas.

— Posso ficar com vocês? — Logo que foi consciente de que o pensamento que tinha aparecido em sua mente, inconscientemente, tinha sido expresso em palavras.

— Para sempre, Tally, nos terá para sempre. — sussurrou Lucian quando a beijou na frente, enquanto Dev a beijava no ombro e a escuridão a envolveu.

Capítulo 14

Pela primeira vez em mais anos dos que podia recordar, Tally não fez nenhum esforço por parecer apresentável antes de sair de seu apartamento. Escapar era a única coisa que havia em sua mente.

Vestindo um par de jeans e uma blusa de seda cor bronze, introduziu seus pés em umas sandálias de couro e rapidamente saiu correndo da porta até seu carro. Lucian e Devril ainda dormiam quando ela os deixou na cama depois de despertar. Sair do meio dos dois não foi tarefa fácil e só o tinha podido levar a cabo sob a promessa de voltar para cama em poucos minutos. Por sorte, no quarto vago havia roupa mais antiga, da que em estranhas ocasiões levava, e um pequeno banheiro. Depois de uma rápida ducha, vestiu-se, deixando o cabelo úmido, e tinha fugido. Como a covarde que era, saiu correndo do apartamento.

Assim, aonde diabos ia ela agora? Logo que tinha amanhecido em um dia memorável, seu cabelo estava molhado, não tinha posto nada de maquiagem e estava tremendo como uma folha enquanto dirigia seu carro aos subúrbios de cidade.

Tudo isto era por culpa de Terrie, decidiu com desespero e infundido pelo pânico. Se não tivesse deixado Jesse escolher Lucian como o terceiro componente de seu pequeno ménage, e se não tivesse sido ali mesmo no escritório, então Tally nunca teria irrompido aonde estavam eles. Nunca o teria visto, nem se tivesse ficado sobressaltada por sua luxúria. Não teria visto seu pênis, grosso e duro, fodendo a alguém que não era ela. Seus instintos possessivos não teriam sido despertados, e portanto, seu controle não teria desaparecido. Sua calma não teria sido quebrada. E não estaria conduzindo por um caminho rural quase deserto com o cabelo tão molhado que estava empapando uma de suas melhores blusas de seda.

Sentiu-se perdida. Em seu coração e em sua mente, tinha perdido algo que a tinha mantido centrada ao longo dos anos, algo que era mais que controle. Se isto era o que o amor o fazia a uma pessoa, então não estava segura de que valesse a pena. Ela agora se estava afogando em seus próprios medos e

demônios.

— Maldita seja, Terrie. — limpou do rosto as lágrimas trementes que se desprendiam de suas pálpebras enquanto amaldiçoava sua amiga.

Perversa, depravada empregada como era, Terrie tinha permitido que Jesse a compartilhasse com um dos homens que Tally ansiava para si mesma. Era culpa de Jesse. Tudo. Ela grunhiu silenciosamente ante esse pensamento. Ele sabia que ela não queria que convidasse ao Lucian a aquele pequeno trio. Ao menos o tinha suspeitado, porque se não nunca lhe teria perguntado esse dia no escritório se havia alguém que não devesse considerar. Ele deveria ter escolhido a algum outro.

Estreitou os olhos enquanto tomava a saída para a propriedade Wyman. Já que tudo isto era por sua culpa então eles bem poderiam compartilhar sua miséria.

Entrou na curva do caminho de acesso à casa Wyman e estacionou o pequeno Lexus antes de sair com movimentos rápidos do carro e dirigir-se à porta principal. Pressionou a campainha com força. Uma vez. Duas vezes. Logo levantou seu punho e esmurrou exigentemente a porta de madeira.

— Maldição, Terrie, não me importa quão bom ele seja fodendo. Só abre a maldita porta. — quanto mais tempo pensasse nisso, mais tempo estaria ali de pé, e mais frenética ficaria.

— Tally? — A porta se abriu repentinamente, mas não foi Terrie quem lhe dava as boas-vindas, a não ser o peito nu de Jesse Wyman, que obviamente estava de muito mau humor.

— Você e seus amigos são uma ameaça para a sociedade. — ela o golpeou sobre seu peito nu, entre os abas de sua camisa desabotoada, com força, mas não sentiu nenhuma satisfação, já que seus olhos só se alargaram ligeiramente e ele logo que saltou para trás quando sentiu a aguda unha de seu dedo.

— Ehh, alguns amigos em particular? — foi para a um lado lhe deixando a passagem livre enquanto ela caminhava com passos decididos pela entrada. Seus olhos se centraram nele, que a contemplava um pouco assombrado, mas também com ar satisfeito.

— Alguns amigos em particular. — lhe imitou ela. — Por exemplo, o filho da puta que ajudou a comer a sua esposa. Ele e seu perverso irmão, você, James... este maldito grupo inteiro é uma ameaça. Um perigo para cada mulher sã que vive neste planeta. Todos deveriam estar trancados à chave. Lhe estava gritando. Ignorou o lento conhecimento que começava a aparecer em seus olhos, e a forma em que seu olhar se deslizou sobre ela quase comocionado, ao tempo que a paixão enchia repentinamente sua cara.

— Tally, Terrie descerá em um minuto. — sua voz se abrandou enquanto ela permanecia de pé diante dele, com seus punhos apertados, respirando

áspera e pesadamente. — Estava na ducha.

— Não te atreva a se compadecer de mim. — suas mãos estavam apertadas em seus flancos, com a fúria envolvendo-a enquanto o enfrentava, sabendo por sua expressão que nunca recuperaria o respeito com o que ele a tinha tratado uma vez.

— Tally? — Ele se salvou de responder pela voz incrédula de Terrie enquanto descia pelas escadas. — Tally, seu cabelo ainda esta molhado e está usando jeans?

Tally se virou para ela, vendo a preocupação na cara de sua amiga, e lutou contra as lágrimas que repentinamente obstruíram sua garganta. Estava tremendo. Deus, odiava a sensação dos nervosos tremores que estremeciam seu corpo.

— Tally. — os olhos de Terrie se alargaram enquanto olhava Jesse, para voltar logo para sua amiga enquanto entrava no vestíbulo. — Tally, o que aconteceu?

Tally inalou com força.

— Realmente preciso de alguma bebida. Algo forte.

Deu-se a volta, e se moveu rapidamente para o balcão do bar na grande sala de estar. O ambiente, de cor verde escuro e nata, não estava iluminada, o brilho débil do sol nascente da rua era a única iluminação que ela usou para guiar seu caminho.

— Uma bebida? — Terrie gritou enquanto se precipitava atrás dela. — Tally, são apenas seis e meia da manhã. Nunca bebe antes da tarde.

Tally agarrou a garrafa de uísque de detrás do balcão, agarrando um copo e dispondo-se a enchê-lo quando Jesse agarrou sua mão. Acalmou-se, respirando fortemente, enfrentando-se ao entristecedor impulso de atacar.

— Tally, isto não ajudará. — disse ele brandamente, deixando a garrafa no balcão do bar enquanto com a outra mão lhe tirava o copo de cristal. — O que for que tenha acontecido não pode ser tão mau.

Ela tentou acalmar o grunhido que tremia em seus lábios, embora seus dentes se apertassem pela fúria. Voltando-se para ele, apertou com seus punhos as partes de sua camisa de uma vez que lhe sacudia com força, olhando seus olhos surpreendidos enquanto ele se inclinava sobre ela involuntariamente.

— Ainda posso te causar danos, Jesse. — grunhiu enquanto lhe observava estreitamente. — Deveria me temer. Em cada ocasião. E sempre. Está me entendendo? Não está seguro comigo. Nunca pense que o está.

Jesse tinha sofrido com cafés tão espessos como o alcatrão, rosquinhas rançosas, armadilhas para ratos na gaveta de seu escritório, tachinhas em sua cadeira e um sem-fim de pequenas surpresas repugnantes por tentar

pô-la em seu lugar no passado. Sua arrogância tinha sido uma completa dor no traseiro. Seu treinamento não tinha sido fácil e agora, ela estaria perdida se se permiti perder o terreno que tinha ganho com ele.

— Certamente, Tally. — ela viu a pequena luz de preocupação em seus olhos, embora sua tentativa de sarcasmo fosse suficiente para enganar a sua esposa.

Assentindo bruscamente, ela o liberou, mas não voltou para o licor.

Necessitava de uma cabeça limpa para passar por tudo isto.

Inalando profundamente, lutou contra os tremores de seu estômago, os nervos faziam com que suas mãos tremessem e que seu coração golpeasse com um ritmo frenético dentro de seu peito. Aterrorizar Jesse sempre parecia ajudá-la a restaurar seu equilíbrio. Se ela podia dominá-lo, certamente também poderia amestrar Dev e Lucian. Poderia?

— Tally, esquece que é meu marido? — Perguntou-lhe Terrie, embora houvesse um pouco de humor no tom de sua voz enquanto olhava a discussão com interesse.

Tally aspirou profundamente.

— Sim, bom, ele foi meu primeiro problema. — lhe recordou. — Tenho anos de sua tortura por compensar. Ele poderia me haver deixado marcada, já sabe, por trabalhar para seu depravado traseiro.

— Te marcar? — Jesse grunhiu em seu com o tom de depravado traseiro? Ao menos meu irmão tem a sua própria esposa.

— E fez entrar Lucian quando sabia que o desaprovava. — ela se deu a volta com calma, sua voz fria, sarcástica. Aqui e agora, pisava em terra firme. — Você, meu amigo, merece a dor. Mas serei agradável já que Terrie é minha amiga.

Sim, isto lhe devolveria seu sentido da generosidade. Vê? Disse ela docemente, toda a esperança não estava perdida.

Jesse grunhiu asperamente, jogando uma olhada a sua esposa enquanto ela lutava por conter uma gargalhada.

— Tenho entendimentos com uma mulher louca. — soltou um estalo, assinalando com seu dedo Tally enquanto ela arqueava uma sobrancelha imperiosamente. — Vou tomar banho. Quero-a fora quando retornar. Saiu a pernadas da sala e subiu as escadas murmurando maldições que criaram um minúsculo sorriso na cara de Tally.

— Adoro quando eles me temem. — suspirou com satisfação. — Parece fazer melhorar meu dia.

— Então, assume que Lucian e Dev não estavam muito assustados com você?

— Perguntou Terrie enquanto se dirigia para a cozinha, fazendo um sinal a Tally para que a seguisse.

Tally olhou a sua amiga com o cenho franzido. Esse disparo era uma vingança

por lhe recordar que seu marido tinha seu próprio lugar na Perfeita Ordem de Tally. Não havia nenhuma outra explicação.

— Preciso de um café, se não posso tomar um uísque. — disse seguindo-a. — Logo tenho que partir. Só sei que aqueles dois pensam que agora podem me manipular. — disse com raiva, pensando na satisfação que haviam sentido quando ela gritou sob o impulso do pênis de Dev na noite anterior. — Estou segura de que Jesse os chamou logo que escapou daqui. Sabia que não podia confiar nele.

Capítulo 15

Lucian desligou seu telefone celular lentamente depois de uma breve discussão com Jesse. Pelo menos sabia onde estava Tally, sabia que estava a salvo. Sua mandíbula se esticou de irritação ante a negativa furiosa de Jesse de lhe deixar falar com ela.

— Se quer discutir sobre essa pequena bruxa viperina, então chama a minha esposa. — lançou. — Possivelmente ela possa falar de maneira razoável. — o que queria dizer que Tally estava ali, ao menos. E evidentemente, de novo Tally tinha introduzido medo no coração de Jesse. Era uma das poucas pessoas capazes de fazê-lo.

Ao outro lado do quarto, Dev olhava fixamente o amanhecer de maneira silenciosa, pensativo.

— A mulher é uma dor no traseiro. — finalmente disse. — Nos tem feito nos apaixonar por um monstro do controle com problemas de compromisso.

Lucian estremeceu, mas sorriu. Não estava contente com Tally nesse momento, para falar a verdade, mas tampouco estava exatamente preocupado.

— E ela pensa que somos uns pervertidos depravados com problemas de compartilhar. — recordou a seu irmão com uma risada. — Ao menos ela é racional e está a salvo. Podemos tratar com o resto.

Controlou sua risada enquanto Dev girava para ele com o cenho franzido.

— Essa mulher nunca é racional. — grunhiu. — Vil, zombadora, psicótica possivelmente, mas nunca racional.

— E nós o somos? — Lucian estava tratando duramente de conter sua diversão. — Possivelmente faça falta alguém ligeiramente desfocado para apreciar a relação em que se está colocando, Dev. Lhe dê tempo, voltará a ser ela mesma logo.

— Sim, isso é o que me preocupa. — Dev introduziu suas mãos nos bolsos da calça e sacudiu a cabeça com exasperação. — Diabos, ela quase me assusta. Lucian riu ante isso. Tally aterrorizava malditamente quase a cada homem que conhecia. Podia colocá-los de joelhos com apenas um olhar, ou lhes destroçar com umas poucas palavras cuidadosamente escolhidas. Ela os

desafiaria, divertiria-os, enfureceria-os até mais à frente do limite; e ele se encontrava a si mesmo desejando-o como nenhuma outra coisa.

— Deixa abaixar a sua guarda. — disse finalmente encolhendo-se de ombros.

— Um dia ou dois e começará a ver que a perda de controle não é um problema tão grande como acredita. Quererá mais então. Tally é aventureira, Dev, e provou a satisfação agora. Voltará.

Dev duvidou enquanto se afastava da janela, encaminhando-se para a porta. Olhou para Lucian de maneira meditativa enquanto uma careta cruzava sua cara.

— Sim, mas, a quem dos dois ferirá quando o fizer? — grunhiu. — Gosta de Jesse, admite que o faz, e o tem aterrorizado. Isso não é um bom sinal, Lucian.

Lucian riu ante isso enquanto golpeava a seu irmão no ombro.

— Não, a simples dor é muito fácil para ela. A castração é mais de seu estilo. Possivelmente deveríamos esconder nossas facas durante um tempo.

— Ou mantê-la atada. — grunhiu Dev. — Eu gosto muito mais de atada e a nossa mercê. Estar a mercê de Tally pode ser aterrador.

Lucian conteve um estremecimento.

— Nem sequer o pense. — não podia imaginar o horror disso. — Diabos, vou trabalhar. Lhe deixe fazer suas meditações e voltar a nos buscar. Maldito seja eu se me dedicar a caçá-la nem uma vez mais.

Dev grunhiu.

— Sim, com uma faca. Vigia minhas costas, irmão, e eu vigiarei a tua; de outra maneira, nós dois seremos sacrificados à fúria da doce Tally.

— Ou a sua luxúria. — murmurou Lucian, e essa era a parte pela que lutava. Eles tinham seu amor, sabia do fundo de seu coração. Tudo o que tinham que fazer agora era assegurar a rendição que ela tinha feito a noite anterior.

Indo para seus respectivos carros, saíram do estacionamento e se encaminharam para a grande casa que possuíam nos subúrbios da cidade, mas em direção oposta ao lar de Wyman. Havia muito que fazer enquanto esperavam que Tally se acostumassem aos acontecimentos da noite anterior. Jesse tinha sugerido ir atrás dela, não lhe dar tempo a recuperar seu equilíbrio ou sua força. Mas Jesse era inusualmente cauteloso sobre Tally. Jurava que seria uma excelente assassina em série. E havia vezes nas que Lucian estava quase de acordo com ele.

— Assim vais deixar lhes escapar com isso? — a voz de Terrie soava divertida, embora com toda a amorosa preocupação de uma verdadeira amiga.

Havia poucas pessoas às que Tally permitisse aproximá-lo suficiente para as considerar verdadeiras amigas. Infelizmente, Terrie era uma delas. As

verdadeiras amigas conhecem seu passado, seus segredos, suas debilidades e suas faltas. A maior parte do qual tinha sido revelado durante mais de uma noite de bêbadas farras depois da morte do primeiro marido de Terrie.

Tally apoiou o queixo na palma de sua mão e olhou seriamente à outra mulher. — A Irmã Redempta disse que a vingança é um pecado. — Ihe recordou brandamente.

A boa irmã tinha uma cara como uma ameixa, com vesgos olhos cor avelã que enviavam estremecimentos de temor pelas colunas vertebrais das boas moças da Academia de São Agustín.

Terrie suspirou.

— Lembrei dela agora que você a mencionou, amiga minha.

Tally esclareceu sua garganta e compôs um olhar inocente. A irmã tinha estado mais que ofendida quando Tally lhe informou que já que ela era a semente de Satã, Vingança poderia ser seu segundo nome, e ela praticaria essa arte com as freiras da academia no momento em que alcançasse todo seu poder.

E é obvio Tally não saiu ilesa daquilo. Aquela condenada regra de madeira com seus lados metálicos tinha golpeado seu traseiro nu durante o que tinham parecido horas. Logo tinha sido encerrada em seu quarto durante duas semanas, tempo durante o qual as freiras que lhe levavam a comida e a conduziam às duchas tinham totalmente proibido lhe falar.

— Ela me quebrou. — suspirou Tally. — Não pensava que o tinha feito, mas sim.

Ignorou o gesto de surpresa de Terrie.

— Tally, é a pessoa mais forte que conheço. — sacudiu sua cabeça confusa.

— Como pode nem sequer imaginar que não ganhou daquele morcego velho? Tally suspirou sombriamente. Levantou a taça, brincando com ela um tempo antes de sorver lentamente a quente bebida e juntar coragem para enfrentar as coisas que justamente acabava de compreender.

— Nunca tinha tido um orgasmo real até a noite passada, Terrie. — disse finalmente, baixando sua cabeça para evitar o olhar de sua amiga. — Me esfrio, perco intensidade, mas sempre acaba da mesma maneira. Posso me esquentar, mas não ter orgasmos. — ela sabia que sua amiga poderia entender a diferença entre os dois.

— Até Lucian e Dev? — perguntou Terrie. — É diferente quando está com alguém que ama, Tally.

Tally inalou antes de lambar seus lábios nervosamente. Sim, era diferente quando amava, quando se sentia amada. Apesar de toda sua dominação e jogo rude a noite passada, Tally havia sentido a diferença em Lucian e Dev.

— Todos os que alguma vez amei se vão se sentido horrorizados de mim. — tratou de sorrir despreocupadamente, mas sentia o ameaçador tremor de

seus lábios. — As irmãs contaram a meus pais que me tinham descoberto com qualquer que fora seu nome. — franziu o cenho tratando de recordar o nome do menino, e sem consegui-lo. Não importava, recordava o acontecimento o suficientemente bem. — Ainda me recordam a vergonha de ter sido chamados ao escritório da Irmã Redempta e ser informados que eu tinha sido agarrada permitindo a algum pequeno e repugnante homenzinho. — imitou a voz da irmã. — pôr sua boca em minhas partes privadas e me atrevendo a lhe suplicar que me fizesse outras coisas igualmente asquerosas. A verdade era que ela tinha estado lhe rogando que empurrasse seu dedo mais profundo em seu ânus enquanto sua língua golpeava seu clitóris. Diabos, tinha estado muito perto quando aquele maligno velho morcego tinha aberto a porta do abrigo do jardineiro e lhes tinha interrompido.

— Seus pais eram uns afetados, Tally. Sempre disse isso. — disse Terrie brandamente. — Por que isso te quebrou?

— Porque permitiram às freiras da academia me castigar como quisessem. Sacudiu sua cabeça. Os açoites tinham sido o pior, os discursos, o silêncio das outras garotas porque as tinham proibido falar com ela. Tinha-o agüentado durante quase um ano antes de ser capaz de ir-se.

Olhando para atrás agora, Tally se deu conta de que sua derrota tinha começado muito antes que esse dia. Devagar, insidiosamente, a academia tinha causado estragos em suas crescentes sensibilidades; convertendo-a na zombadora zorra de coração gelado que outros a acusavam de ser.

Isto não teria sido tão terrível se não houvesse já estado bastante insegura sobre sua emergente sexualidade. A necessidade de sensações mais fortes, essa borda de dor e sexo extremo que tinham ido crescendo dentro dela, já era aterrador em si mesma. Os rudes e depreciativos discursos da irmã Redempta só o tinham feito pior.

— Tally. — Terrie suspirou profundamente. — Sempre te há sentido tão forte sobre as coisas, e lutaste tanto por te esconder, por aparentar despreocupação, frieza e distanciamento de tudo. Era obrigatório que isto te alcançasse algum dia. Negaste sua verdadeira natureza porque tinha medo de que aqueles que amava te desprezassem, envergonhassem-se de ti por isso. Querida, não te deste conta ainda? Entraste em um grupo de amigas que estão casando-se com os Troyanos, por amor de Deus. Isso deveria te dizer algo.

— Deveria. — Tally arrastou as palavras com diversão. — Mas eu não participarei de um ménage ocasional com o Luc e Dev. — disse, suavizando sua voz. — Os quero aos dois, Terrie. Para sempre. E isso me aterra. Ninguém me quis para sempre. Além disso, depois de que me vingue deles pelo ocorrido na noite passada, certamente não me quererão nunca mais, ponto. — suspirou com pesar.

Terrie sacudiu a cabeça confusa.

— Mas acreditei que o tinha desfrutado.

Tally se recostou em sua cadeira, estreitando seus olhos.

— E o fiz. Mas isto lhes dá uma mão ganhadora. Sabe que não posso permiti-lo.

Um ponto de preocupação se refletiu na cara de sua amiga.

— Está conspirando. Oh, diabos. Tally, Lucian e Dev não são homens aos que possa enredar. São mais dominantes inclusive que Jesse.

Tally franziu o cenho ante sua amiga.

— O matrimônio te está abrandando. — acusou maliciosamente.

Uma risada de incredulidade escapou de Terrie.

— Tally, mas bem desfruto mantendo Jesse contente. Os benefícios são incríveis. Não vou mesclar-me em um de seus concertos.

Tally lhe sorriu confidencialmente. Terrie amava fazer-se um pouco a dura quando se tratava de meter-se em problemas.

— Possivelmente ele deveria te açoitar mais forte na próxima vez.

Os olhos de Terrie se iluminaram com relutante interesse.

— Acho que está deixando de lado os benefícios do castigo. — Tally suspirou com pesar. — Os homens se voltam tão confiantes depois de uns poucos meses de sorte conjugal. Bom, acredito que ele pensa que está tão bem treinada agora que não necessita mais que te dar um pequeno e doce golpezinho de amor aqui e lá, em lugar de uma boa palmadas, para te recordar o prazer.

Terrie entreceerrou os olhos perigosamente.

— Isso não é agradável.

Tally encolheu os ombros.

— Mas é certo, não?

Terrie se recostou em sua cadeira.

— Alguma vez estiveste casada. — espetou. — Como sabe?

Tally arqueou uma sobrancelha divertidamente.

— Não sou exatamente virgem, querida. Simplesmente porque tenha problemas com o orgasmo não significa que não saiba como funcionam os homens.

— Problemas com o orgasmo, né? — disse Terrie enquanto brincava com sua xícara de café. Olhou-a fixamente durante um segundo e Tally se deu conta de que a tinha no bote.

— Bom. — Terrie elevou sua cabeça, com a antecipação brilhando em seus olhos. — O que tem em mente?

Tally sorriu lentamente com confiança.

— Realmente é um plano muito simples. — lhe assegurou. — Tudo o que preciso é que me ajude a penetrar no Clube esta noite. — ignorou a cara de

incredulidade de sua amiga. — Eu cuido do resto.

— Ai, Deus, Tally. — Terrie sacudiu sua cabeça enquanto a diversão a alagava repentinamente. — Vamos ao inferno, não?

Um sorriso de satisfação cruzou os lábios de Tally em resposta.

— Bem, se o fizermos, definitivamente seremos companheiras de quarto.

Sabe o difícil que pode ser penetrar pelo sistema de ventilação?

Suas risadas ressonaram por toda a cozinha, um aviso das noites que tinham acontecido rindo e chorando, filosofando e criando alvoroços antes do matrimônio de Terrie. Embora o alvoroço está no olho do espectador, pensou Tally com satisfação. Esta noite, ela simplesmente ia recordar este fato a Lucian e Devril Conover.

Capítulo 16

— Tem certeza de que quer fazer isto, Tally? — Terrie fez uma pausa em frente ao armário, sua mão procurando dentro enquanto olhava sobre seu ombro e encontrava o olhar de Tally.

Tally recusou acovardar-se ou comportar-se como uma galinha. Isto era o resto de sua vida. Não era um esquema, nem um jogo, isto não era uma pequena estimulante aventura. Era a ruptura final com um passado que nunca deveria lhe haver afetado do modo em que o tinha feito.

— Estou segura. — assentiu com a cabeça firmemente. Estava-o. Segura. Até que Terrie tirou a roupa do armário.

Plástico transparente protegiam os objetos e não escondia nada à vista.

Eram inocentes. Uma simples saia vermelha que tivesse chegado aos joelhos de Tally quando era muito mais jovem mas que chegaria ao meio da coxa agora. Uma camisa de algodão branca de manga curta. O uniforme de colégio de uma moça católica muito própria. Pulsou uma corda de medo em seu peito tão forte que ela quase tremeu ante sua visão.

Só eram roupas, disse-se sendo realista, mas sabia que seu subconsciente o via como muito mais.

Terrie deixou o conjunto na cama. Tinha mais de dez anos e deveria encaixar no que Tally requeria. Tinha que exorcizar os fantasmas que as boas freiras da academia tinham colocado em seu interior, e que melhor maneira de fazê-lo que dando esse primeiro passo para sua nova vida vestida como a pessoa que tinha sido tanto tempo atrás?

— Será mais curto. — advertiu Terrie. — E mais cômodo. Mas deverá ficar bem.

Tally inalou fortemente.

— Servirá perfeitamente.

Contemplou a roupa estendida como se fosse uma serpente, enrolada e pronta para atacar. Desde muitos pontos de vista o era.

— Tally, não tem por que fazer isto. — disse Terrie. — Sabe que Lucian e Dev lhe amam...

— Não é pelo Lucian e Dev. — ela sacudiu sua cabeça devagar, ainda contemplando os inocentes objetos de vestir. — É por mim. Preciso de meias brancas. Dessas que ficam sobre o joelho. — disse a sua amiga ligeiramente.

— Tem sapatos que sirvam? Não me atrevo a voltar ainda ao apartamento.

— Tenho tudo o que necessita. — Terrie assentiu enquanto passava sua mão sobre o plástico. — Tivesse desejado que tivéssemos estudado juntas, Tally. Possivelmente poderia ter feito com que as coisas ficassem mais fáceis.

Tally sacudiu sua cabeça um pouco. Nada poderia havê-lo feito mais fácil; nada poderia ter trocado os pais que nunca souberam amar à menina selvagem a que tinham dado a luz.

— Isto realmente não deveria ser um assunto tão grande. — Tally disse brandamente. — Sou uma mulher adulta, Terrie. Não uma menina. Deveria ter confrontado isto faz tempo. Não sei por que lutei tanto.

— Possivelmente porque nada mereceu o risco até agora. — sugeriu Terrie brandamente. — Mudou desde que foi trabalhar no escritório de Lucian, Tally. Parece-te com esta chama brilhante; onde antes uma vez brilhou, agora resplandece. O amor te muda. Disse-lhe isso antes. Possivelmente, Lucian e Dev simplesmente lhe deram a força que necessitava para confrontá-lo.

Tally sorriu quase divertida. Era verdade? Nesse momento, ela não tinha nem idéia. Tudo o que sabia era que de repente nada mais importava que a mudança de curso que sua vida tinha tomado.

O vazio e frio apartamento. A vida sem amor. O calafrio que sentiu quando a escuridão caiu e ela se deu conta de quão vazia estava sua cama. Quando se deu conta de que só podia visionar a dois homens dentro dessa cama com ela. Lucian e Dev.

— Eles estarão ali esta noite? — perguntou a Terrie rapidamente para evitar ter de responder a sua anterior declaração.

Terrie assentiu com a cabeça, um sorriso de conspiração cruzando seus lábios.

— Falei com Jesse faz uns minutos. Ele se juntará com eles para tomar uns drinques esta tarde depois do trabalho. Ele esteve fazendo isto muito ultimamente. — franziu o cenho. — Que demônios fazem eles ali de todos os modos?

— Fodem às esposas de outros? — perguntou-lhe Tally com um sorriso divertido. — Conforme tenho entendido, os Troyanos casados só podem comer a suas próprias mulheres ali, nunca às de outros. Regras da casa. — pôs seus olhos em branco ante esse pensamento.

Não é que ela quisesse que Lucian e Dev tocassem alguma vez a outra mulher.

Ela teria que cometer um assassinato se aquilo alguma vez ocorresse, mas a regra parecia desenhada para manter aos membros casados em um estado constante de luxúria enquanto estavam dentro das sagradas estadias de seu apreciado Clube.

Terrie suspirou ante aquele pensamento.

— Melhor que Jesse nunca sugira tal coisa. Acredito que nem ele mesmo poderia suportá-lo.

— Ele já não te compartilha? — Tally sabia que estava atrasando desesperadamente o momento de descobrir esse maldito uniforme.

Terrie franziu o cenho.

— Não há um tempo. Ele ameaça com... — ela deu de ombros. — Ele parece desfrutar disso. Mas suponho que esteve ocupado... — sua voz se dissipou.

— Os homens conseguem satisfazer-se, disse-lhe isso. — Tally a advertiu distantemente.

— Hmm. Já veremos. — disse Terrie pensativamente, embora seus olhos brilhassem com a luz da batalha.

Outro ponto para Tally contra Jesse, ela riu silenciosamente. De momento, ela estava na frente no marcador e Jesse estava muito, muito longe.

— Tally? — a voz tranqüila de Terrie fez com que desviasse seu olhar para o uniforme, e logo depois de volta para sua amiga.

Terrie a olhava com um ápice de compaixão, de preocupação. Tally podia ver a preocupação em seus olhos agora, o conhecimento de que ela tinha que juntar valor incluso para tocar a roupa, por não falar de Terry ficar dando de ombros.

— Realmente devo amá-los. — Tally refletiu com um pequeno sorriso humilde.

— Porque só o amor pode fazer com que me ponha estas roupas. — elevou a vista para Terrie, arqueando sua sobrancelha em tom zombador. — O que fazemos se me arrancam a roupa?

Terrie deu de ombros com indiferença.

— Eu o consideraria um sacrifício digno então. — riu. — O uniforme não me importa particularmente, Tally. Queima-o quando já o tiver utilizado para o que necessite. Considera-o um presente de casamento.

Presente de casamento. Tally inalou fortemente.

— Só um passo de cada vez agora. — aspirou profundamente e com força. — Um só passo lento de cada vez por agora.

Capítulo 17

— Estão fodidos! — Jesse se sentou na pequena mesa que estava em um extremo do salão principal do Clube e olhou fixamente para Lucian e Dev com sublime diversão. — Sabem, eu me compadeceria se não pensasse que vocês mesmos procuraram isso. Não lhes adverti sobre ela?

Lucian terminou sua bebida e lançou a seu amigo um olhar meditativo. A seu lado, Dev grunhiu como se se sentisse doente. Tally não tinha ido trabalhar nem tinha respondido às mensagens que lhe deixaram em sua secretária eletrônica nem na caixa de mensagens de seu celular. Nenhum dos dois estava de humor para suportar o sorriso zombador de Jesse.

— Não tem coisas melhores para fazer que nos encher? — perguntou-lhe Dev. — Pensava que tinha uma esposa a qual tem que manter bem tratada. Vá a sua casa e faça seu trabalho.

Jesse riu brandamente.

— Já fiz o meu hoje. E vocês, fizeram?

Nos olhos de Lucian se vislumbrou a promessa de uma vingança.

— Que diabos faz aqui de todos os modos? — Grunhiu Dev. — De repente te estragou o matrimônio?

Jesse riu outra vez e sacudiu a cabeça.

— Parecem um par de ursos com a pata dolorida. Sei com absoluta certeza que ela vai estar em casa esta noite. Deveriam retornar e lhe dar uma lição, mas esta vez que seja a correta, assim não estará tão impaciente por lhes criar problemas.

Lucian pensou que Jesse estava verdadeiramente encantado de atormentá-los. Jesse não era mais néscio que qualquer deles. Embora, sexualmente, todos eram muito conscientes de seu vínculo com Terrie, e do dela com ele. Olhou com ar taciturno ao redor do salão. Tinha sido sua sexualidade o que tinha impulsionado Tally a fugir? Sua relação não seria um ménage ocasional, a não ser um compromisso de ficar com dois machos dominantes. Dois homens cuja conduta sexual era considerada pela sociedade como depravada. Cada um de seus desejos sexuais dependia da satisfação final de sua mulher, qualquer que esta fora. Eles animavam a suas mulheres a abandonar todas suas inibições, a ceder inclusive ante os prazeres mais exigentes.

— Jesse, esta noite está alterando meus nervos. — disse Lucian finalmente, com um intento de sorriso. — Sua sorte matrimonial me ofende.

— Bem, ter a sua mulher ameaçando minha vida esta manhã não foi o melhor que me podia passar, digamos. — lhes informou Jesse franzindo o cenho. — E eu estava tentando ser agradável com ela.

— Isso te ensinará. — resmungou Lucian, ainda sem saber exatamente no que se equivocaram com Tally.

Era óbvio que Jesse estava desfrutando da cara dos irmãos. Lucian se fez a promessa mental de lhe devolver o favor à primeira oportunidade que tivesse.

— Pensastes que talvez a levaram muito longe? — perguntou-lhes com seriedade.

Lucian suspirou, moveu a cabeça e se reclinou em sua cadeira. Essa era uma

pergunta que ele e Dev se estiveram fazendo toda a tarde.

— Diabos, Jess. — Lucian respirou fatigosamente. — As mulheres na atualidade estão tomando o controle em muitos âmbitos. Que me condenem se entender como diabos trabalha sua mente.

— Eu poderia lhes haver advertido disso. — grunhiu Jesse. — Por que pensam que lhe deixei acreditar que me tinha controlado? — Inquiriu com seriedade. — Tally funciona com a maior eficiência quando tem tudo sob controle. Vocês não podem conquistá-la. Têm que seduzi-la. É um jogo completamente diferente ao que estivestes jogando.

— Jesse. — suspirou Lucian. — Te recordo claramente que ignorou os conselhos que lhe deram sobre Terrie; agora faremos o mesmo.

Jesse riu.

— Bem, ela me surpreendeu também. Assustou-me até o limite quando levou Tally ao quarto. Vocês não quererão estar atados com Tally no quarto.

Lucian franziu o cenho e Devril pareceu grunhir a seu lado.

— Esqueça essa noite, Wyman. — Dev demandou com brutalidade. — A amnésia pode ser algo muito bom.

Jesse sorriu em silêncio ao perceber a ira na voz de Dev. Reclinou-se em sua cadeira e observou aos dois homens com uma assombrosa ausência de compaixão.

— Considerastes que ao destruir todo o controle de uma vez poderiam desencadear um monstro? — perguntou-lhes com curiosidade. —

Honestamente, acredito que me assustaria se estivesse em seu lugar.

Diabos, não tive nada que ver com isso e agora ela me assusta.

Lucian entrecerrou os olhos. Jesse não oferecia nenhuma solução, mas sim muita provocação. Jogou uma olhada a Dev e assentiu ao ver a careta sardônica nos lábios de seu irmão. Não tinham medo dela. Temiam mais perdê-la.

Suspirou com aspereza e passou os dedos entre seu cabelo com irritação.

Diabos, estava excitado, meio bêbado e pouco contente com o mundo em geral hoje. Não precisava somar a tudo isso a diversão de Jesse.

— Pode ter sido um mau cálculo. — admitiu finalmente. — Nada irremediável, a não ser unicamente um cálculo equivocado.

Jesse suspirou. Haveria dito algo mais, mas uma comoção no corredor exterior fez que os olhos de todos se abrissem com surpresa para ouvir essa furiosa voz feminina.

— Se puser outra vez suas sujas patas sobre mim, pequeno imbecil, farei-o em pedaços.

— Terrie! — o alarme encheu a voz de Jesse e os três saltaram de suas cadeiras e se precipitaram ao vestíbulo.

Aí estava ela. Lucian piscou ante a visão, não acreditava estar vendo Terrie

Wyman vestida dessa maneira.

Levava suaves calças curtas de algodão negros e muito ajustados que acentuavam suas pernas largas. O Top tipo sustento esportivo logo não ocultava as generosas curvas de seus deliciosos seios. Seu estômago plano com seu aro de ouro parecia de fina seda bronzeada em um delicado tom dourado.

Seu cabelo estava recolhido em uma apertada trança francesa e usava sapatos de lona negros em seus delicados pés.

— Os ladrões se vestem bem este ano. — murmurou Lucian detrás de Jesse tratando com dissimulação de não rir.

Jessie lhe lançou um olhar fulminante antes de encarar a sua esposa.

— Em que malditos diabos estava pensando? — disse-lhe com brutalidade, enquanto os olhos dela se abriam um instante antes de entrecerrarse com incredulidade para ouvir seu tom.

— Em que estava procurando a meu marido? — respondeu-lhe com voz adocicada. — Passa tão maldito tempo aqui que estava começando a me perguntar exatamente o que estava ocorrendo. E o imbecil da entrada não me deixava entrar.

— Inteirou-se de quem é, amor? — a voz de Jesse era escura, mas suave como a seda, uma indicação clara de que sua paciência e seu caráter estavam a prova.

Terrie encolheu graciosamente um de seus delicados ombros enquanto seus lábios se franziam em um sorriso morta de calor.

— Bom, não mencionei nenhum nome. — falou arrastando as palavras docemente. — Onde estaria a diversão então?

O silêncio reinou durante um minuto antes de que Jesse se virasse para Lucian. Seu olhar mostrava mais diversão que ira.

— Advirto-te, Lucian. — disse brandamente. — Só uma pessoa poderia ter envolvido Terrie nisto.

Os olhos de Lucian se entrecerraram, enquanto Dev amaldiçoava detrás dele. Tally. Era um fato bem conhecido que só Tally Raines poderia convencer Terrie Wyman a causar qualquer tipo de problema.

— Venha minha linda esposa. — a voz de Jesse soou arruda quando se voltou para sua esposa e seu nada inocente sorriso. — Acredito que se passou muito tempo desde sua última surra.

Lucian teria feito algum comentário sobre a carência de ameaça nessa frase se alguém detrás dele não tivesse soltado um leve assobio e murmurado uma prece.

— Tenha compaixão! — Um dos membros resmungou na entrada do salão principal. — Fui um menino bom depois de tudo, porque vislumbro o paraíso. Lucian virou devagar e caminhou para a entrada. Aí estava ela. A definição

da luxúria carnal, insaciável. Isto não era pecado. Era um anjo de prazer. O sonho úmido de todos os adolescentes tinha pedido na vida.

Terrie Ihes tinha contado que os anos de Tally na academia de senhoritas não tinham sido agradáveis. Era óbvio que tratava de exorcizar alguns fantasmas.

Estava vestida com um apetitoso e ajustado uniforme de moça católica do tipo "Faça com que seu pênis tenha uma ereção e o note".

A saia de tecido escocês vermelho mostrava suas magníficas coxas e pernas.

A curta blusa branca de mangas estava aberta até abaixo de seus peitos, dando uma ligeira vista desse soutien de encaixe negro tão tentador como o pecado.

Seus delicados pés estavam calçados com recatados sapatos negros de couro, enquanto suas pernas deliciosamente formadas estavam cruzadas e cobertas até acima do joelho com meias brancas. Ele recordava o perfeitamente bem que sabia a carne que estava acima da liga elástica das meias e isso fez que lhe desse água na boca.

Seu comprido cabelo negro estava penteado em duas tranças que caíam sobre seus peitos. Era a perfeita imagem da decadência. Era a Tally que tinha sonhado de dia e de noite.

Estava apoiada contra o balcão, com uma bebida na mão; o garçom a olhava com expressão perplexa, verdadeiramente encantado.

— Boa noite, cavalheiros. — os saudou ela em voz baixa, tão cheia de sensualidade que cada pênis no salão requereu atenção imediata. — Que lugar tão agradável esse.

Lucian podia ouvir os ofegos detrás dele. Podia sentir que despertava a possessividade de Dev. Todos aqueles homens malditos, seus pênis e seus olhos centrados nessa luxuriosa carne; era muito para seus corpos sobrecarregados de testosterona.

— Para trás seus trogloditas! — Dev deu volta e grunhiu quando um dos homens tentou passar diante dele.

Tally não ajudava precisamente. Uma unha vermelha perfeita, brilhante, deslizava-se pela borda de sua taça, enquanto ela olhava à multidão a um lado da porta. Seus lábios se uniram em um sorriso e seus olhos escuros piscaram sonolentemente para olhar aos dois homens preparados para lutar contra todos os outros por ela.

— Ouvi um pouco sobre seu pequeno clube. — continuou ela no mesmo tom gutural de voz, Ihes causando uma ereção, enquanto o sangue golpeava com força em suas veias. — Não foi a esposa de Stanton quem relatou a orgia que tinha tido aqui em sua lua de mel? — Seu olhar procurou Drew Stanton e logo os repreendeu ligeiramente. — Que meninos tão maus são. Todos deveriam receber açoites.

Um suspiro coletivo de êxtase se ouviu detrás deles.

— Alguém deveria ser açoitado. — murmurou Drew desde detrás da multidão.

— Tally, meu amor. — Lucian sacudiu sua cabeça ao sentir o calor de mais de uma dúzia de homens detrás dele que a cobiçavam. — Eu não tentaria ao destino se fosse você.

Ela arqueou uma perfeita sobrancelha negra.

— Vão me compartilhar com eles?

— Não há nenhuma maldita probabilidade. — Ihe respondeu Dev, sua voz era arruda pela luxúria e a possessividade masculinas.

— Merda, Dev, nos dê uma oportunidade. — gemeu Sax. — Do que condenado tipo de clube acredita que é membro?

— Quer morrer, Sax? — grunhiu Lucian sem incomodar-se sequer em olhá-lo enquanto avançava pelo salão.

Tally permanecia com a cabeça alta, seu olhar era sedutor, sua expressão eroticamente consciente.

Ele podia sentir a cautela de Dev; ambos sabiam que este era um jogo que Tally tinha que jogar. Sem pressão, sem domínio. Ainda não. Ela tinha que reafirmar sua autoridade, o sentido de sua própria força, ou se não nunca confiaria neles o suficiente para lhes devolver o controle.

— Me digam algo, todos vocês, gentis cavalheiros, trazem aqui a suas mulheres ou amantes para a orgia comunal? — Levou a taça a seus lábios e sorveu prazerosamente em tanto sua voz rouca envolvia a todos os homens do salão.

— Ou há algum critério para pertencer a este pequeno clube?

— Definitivamente há critérios, amor. — Lucian cruzou os braços sobre seu peito e a olhou com ardente luxúria e incredulidade. — Como diabos te escapuliu até aqui de todos os modos?

Um ligeiro sorriso misterioso se desenhava nos lábios de Tally enquanto Ihe lançava um olhar sensual. Aqui vinham, sexo suarento e perversas intenções. Sua aparência era uma tentação que fez o seu pênis doer de necessidade.

— Então, quais são os critérios? — ela ignorou a última pergunta a favor da primeira; olhou a seu redor e seus olhos se detiveram nos grilhões que penduravam da parede ao outro lado do salão. — Provastes alguma vez seus joguinhos em vocês mesmos?

— Foder! — Dev grunhiu detrás dele enquanto uma dúzia de homens se movia incomodamente.

Lucian respirou profundamente e com dificuldade. Por que diabos tinha que perguntar isso?

— Não temos precisado. — disse ele com suavidade. — Temos feito um modo de vida fora de controle, amor. Não necessitamos ajuda adicional. O que me

diz de ti? Qual de nós crê realmente que sucumbirá primeiro?

Ela o olhou através de suas pestanas e ele se perguntou se ela se dava conta da forma tão doce e delicada em que luziam seus duros e perfurados mamilos sob o magro tecido de seu soutien e sua blusa, se ela era consciente de que seus peitos se viam turgidos, de que as curvas da parte superior de seus seios provocavam esse comichão em suas mãos e nas de Dev pela necessidade de tocá-los.

Ela arqueou uma sobrancelha negra e bem delineada com uma curiosa brincadeira.

— Qual de nós será preso?

— Não haverá restrições. — grunhiu Dev. — Não se preocupe, querida, lhe deixaremos perder de maneira justa e imparcial.

Sua risada era um suave sussurro divertido escapado de sua graciosa garganta quando pôs sua bebida no balcão, seus olhos escuros os olhavam com luxúria e emoção. As sensações os alagaram. Puderam sentir o temor que atendia a alma e que se passou por um segundo nas profundidades das pupilas cor tabaco.

— Talvez vocês sejam os que percam. Mas aqui estou, podem me açoitar agora. fui uma moça muito má.— lhes advertiu com voz sensual ao tempo que se separava do balcão, adiantava um quadril e estendia as mãos aos lados, mostrando esse corpo delicioso em uma postura tão provocativamente sexual que Lucian se sentia a ponto de babar.

— Oh, diabos. Este vai ser um desses entendimentos de "olha , mas não toque". — gemeu um dos homens detrás deles. — Infernos. Sabia que ia pagar por meus pecados de algum modo, mas isto é muito cruel para expressá-lo em palavras.

— Toque e morrerá. — grunhiu Dev, em tanto que ele e Lucian começavam a avançar lentamente para a sereia.

A respiração de Tally se acelerou; seus peitos subiam e baixavam com excitação, seus mamilos se endureceram, os aros que os rodeavam se fizeram mais notórios quando os pequenos pontos rígidos se ergueram.

— Fique tranquila, Tally. — lhe advertiu Dev e se moveu detrás dela, sem tocá-la, lhe permitindo tão somente sentir o calor de seu corpo; inclinou-se para ela, suas mãos se dirigiram para as tranças e desatou as grossas cintas de seda.

Lucian parou diante de Tally e a olhou meditativo, com a luxúria comendo-o vivo.

— Aqui ou acima? — deu-lhe a escolher, embora ele sabia que ela já tinha feito sua escolha.

Tally inclinou a cabeça e lhe lançou um olhar divertido, excitada.

— Precisa de privacidade? — perguntou-lhe com expressão pensativa, seu

olhar brilhava de excitação ao pensar em ter audiência. Ela não só queria rebaixá-los, destruir seu controle; também queria que todos no clube soubessem quem os possuía, assim como eles tinham mostrado quem a possuía a ela.

— A privacidade não é necessária, querida. — disse Lucian, enquanto o sangue fervia em suas veias e seu pênis parecia crescer mais que nunca. Era uma ereção de todos os diabos que demandava alívio. Onde encontraria o controle para agüentar durante mais de cinco minutos antes de tomá-la? Não tinha nem idéia.

— Pode parar isto em qualquer momento, querida. — sussurrou Dev inclinando-se para ela; seu fôlego acariciava o cabelo sobre sua orelha. Lucian a olhou piscar de prazer. Seus olhos se chocaram com os de Lucian, fixos, com uma constante excitação sombreada só por seu medo.

— Faz o pior que sabe fazer, Wicked.

Lucian sorriu abertamente; seus lábios se curvaram lentamente com diversão ao pensar em todas as coisas perversas que ele e Dev poderiam lhe fazer.

Levantou o braço e acariciou sua bochecha. As mãos de Dev rodearam sua cintura. Ela tremeu ante seu contato; ele se obrigou a conter seu próprio tremor ao sentir sua pele, tão suave e cálida.

— Está a salvo conosco, Tally. — sussurrou então, para que só ela o escutasse; sentiu-a estremecer-se ao aumentar o calor entre eles. — Sempre. Mas esta noite suplicará...

— Ou talvez o farão vocês.

Capítulo 18

A cabeça de Tally girou, seus dentes se fecharam sobre o polegar de Lucian, sua língua golpeando-o, quente e provocadora enquanto inclinava sua cabeça contra o ombro de Dev, arqueando seu corpo para Lucian ao sentir a língua de Dev percorrendo seu ouvido.

Tally podia sentir o olhar dos outros homens, ocupando seus assentos na sala com todos os olhos cravados neles. Não era a primeira vez que eles haviam deixado louca a uma mulher diante de outros membros de Clube, ela sabia. Terrie lhe tinha dado toda a informação que tinha, embora tivesse sido incompleta no melhor dos casos. Ela sabia que o que passasse esta noite seria sua escolha. Sabia que ao dar este passo, se fazia parte das vidas de Lucian e de Dev de um modo do que nunca poderia arrepender-se.

- Tem idéia de quão excitante isto pode ficar, Tally? - Lucian lhe perguntou brandamente. - Todos os olhos estão sobre ti, te olhando, esperando ver o momento no que não possa suportar mais o prazer e tudo dentro de ti explodir. Isto é o que o Clube é, querida. Isto é o que somos. O que somos. O

que seremos. O disparador que transforma o clímax de uma mulher em uma explosão diferente de algo que ela tenha conhecido jamais. Seus desejos mais escuros, suas necessidades mais profundas. Nós desejamos nada mais que ser o cumprimento delas.

Ela desejou gritar ante sua declaração, desejou enfurecer-se com eles por aceitá-la tão bem, ou choramingar. E aquela necessidade de choramingar a devolveu à realidade. Ela ficaria com o controle aqui. Não eles. Eles aprenderiam que ela poderia ser tão dominante, tão agressiva, como qualquer Troyano existente.

Ela se inclinou afastando-se de Dev, passando a língua devagar sobre seus lábios carmesins enquanto suas mãos se deslizavam sobre os braços de Lucian, que a olhou estreitando os olhos. Oh sim, gostava disso. Ele não estava seguro do que esperar, pelo que ela faria. Permitiu que seus dedos se posassem sobre seu peito, enredando-se nas bordas separadas de sua camisa.

Um puxão rápido e botões se dispersaram. Atrás dela, Dev gemeu, suas mãos apertando seus quadris enquanto ela percorria com seus lábios a ampla extensão de carne musculosa. Sua língua rodeou sobre um duro e plano mamilo masculino ao tempo que sua outra mão se movia mais abaixo, enredando os dedos ao redor da rígida longitude do pênis de Lucian, que aumentava em demanda sob suas calças.

Foder! Seus quadris corcovearam contra a repentina carícia ao tempo que suas mãos agarravam sua cabeça e inclinava os lábios sobre os dela.

Ela o encontrou com seus dentes. Um beliscão forte na curva faminta o fez retroceder, olhando-a fixamente com a cara avermelhada de desejo.

Menino mau espetou ela para logo gemer, um suspiro de prazer ao sentir os dentes do Dev em seu pescoço. Raspando, advertindo. Lucian riu perigosamente.

Nós somos dois, você uma, lhe recordou obscuramente.

É verdade, seus dedos se moveram a seu cinto, afrouxando-o com os movimentos rápidos e deliberados de seus dedos. A próxima vez, talvez use as ataduras em vocês.

Um segundo mais tarde e o pênis de Lucian estava livre. Tally não lhe deu tempo a tomar represálias. Dobrou-se pela cintura, suas nádegas pressionando as coxas de Dev enquanto sua boca cobria a ampla cabeça da carne que me sobressaía do corpo de Lucian. Ele encheu sua boca, estirando seus lábios, queimando sua língua com o calor de seu pênis.

- Tally. - Lucian grunhiu quando sua língua roçou a carne em forma de cogumelo, piscando ao sentir que sua boca o sugava profundamente, movendo-se sobre a ponta de sua ereção com golpes estáveis enquanto ela sentia as mãos de Dev deslizar-se sob a prega de seu vestido, elevando-o.

Todos ofegavam agora. O ar no quarto era cada vez mais quente, e uma dúzia de corpos masculinos se esquentavam enquanto olhavam o espetáculo que se desdobrava diante deles. Enquanto sua boca o chupava, Tally permitiu a seus dedos acariciar, atormentar. Suas unhas raspavam com delicadeza ao longo da parte do eixo que não estava coberta por sua boca, arrastando-se até seu pesado escroto, acariciando, arranhando-o ligeiramente, fazendo com que saltasse em resposta.

Entretanto, Tally lutava contra os estremecimentos. Dev era diabólico, com suas mãos soltando a correia de seus quadris, logo depois de suas coxas, e seus lábios movendo-se pelas curvas de suas nádegas com precisos movimentos enquanto sua língua lambia a carne. Beijando, lambendo, fazendo que sua vagina se esquentasse com a cercania de sua boca.

As mãos de Lucian se esticaram em seu cabelo quando seus lábios escorregaram sobre seu pênis e começou a lambar para baixo o duro eixo. Alternou os movimentos de sua língua com leves e gentis beliscões, e sugando com pressão; além disso, usou os dedos de sua outra mão para atormentar a cabeça palpitante.

— Tire essa maldita roupa, Tally. - disse Lucian enquanto movia uma mão para o broche de seu prendedor, lutando por liberar as inchadas curvas de seus peitos. Ao mesmo tempo, ela deslizou sua boca de novo para seu pênis, encontrando com sua língua a ultrasensível carne sob a acampanada ponta de sua ereção e começando a sugá-la brandamente.

Ele se esticou, apertando a mão em seu cabelo justamente quando ela sentiu o pulso de advertência sob a tensa carne.

— Infernos!! - gemeu ele.

Tentou fazer retroceder sua cabeça, mas as unhas de Tally apertaram como modo de advertência enquanto seus lábios se moviam para cobrir seu pênis outra vez, fazendo-o entrar em sua boca e recolhendo as ardentes e líquidas gotas de fluido que saíam dela.

trás dela, Dev separou mais suas coxas, sua respiração áspera e arruda contra ela enquanto seus lábios se aproximavam ainda mais à empapada carne de sua vagina. Ela se esticou de espera, tentando endurecer-se a si mesma ante a iminente carícia. Se ela pudesse arrebatá-lo o controle de Lucian então estaria satisfeita. Só um deles. As probabilidades estavam em seu contrário, mas certamente um deles se renderia antes que ela.

Enquanto sugava o pênis de Lucian, baixou sua mão, estirando seus dedos entre suas coxas para alcançar a grossa longitude do cabelo de Dev, aproximando-o mais a ela, esfregando sua vagina contra sua língua, repentinamente, lentamente, ao sentir que ele se insinuava entre suas abertas coxas.

Ela se elevou então, liberando o pênis de Lucian e afastando os botões de

sua camisa, separando a malha mais ainda, revelando os globos inchados de seus peitos, os duros mamilos escuros que se sobressaíam deles.

— Oh, infernos, açoita-a ou faça algo. - um dos homens que olhavam gemeu com desespero. — Açoita a essa garota má, Lucian.

Lucian gemeu enquanto a olhava avidamente. Baixou sua cabeça, os lábios dela encontraram os seus e ela gritou de prazer. Como ia ela a suportá-lo? Como ia sobreviver a esses dois, que a empurravam continuamente mais perto dos limites de seu controle?

Ela se esqueceu de sua audiência, esqueceu-se de tudo exceto de cada toque, cada suspiro, a sensação de seus lábios que tomavam, línguas que a comiam. Lucian em seus lábios, Dev em sua vagina. Seu corpo era uma comida e eles eram avaros em sua fome. Mas não mais avaros que ela.

Ela sabia que era uma batalha que em última instância estava condenada a perder. Mas não suplicaria. Não seria a primeira a render-se. Inclusive enquanto seu corpo gritava pela liberação, sua vagina cavalgava a possante língua de Dev e sua boca aceitava cada forte investida de Lucian, ela jurou que não o faria.

— Se renda. - grunhiu Lucian enquanto seus lábios se arrastavam a seu pescoço. Beijos desesperados, pequenos duros beliscões que provavam a fronteira entre prazer e dor, fazendo-a ofegar pelas sensações.

Suas mãos cobriram seus peitos agora nus, seus dedos brincavam com os anéis que os perfuravam, enviando assombrosas e abrasadoras ondas de prazer através dela, que se somavam às sensações que perfuravam seu útero enquanto Dev comia de seu sexo.

— Se renda você. - acariciou com seus dedos o pênis dele da base à ponta, ordenhando a grossa carne enquanto deslizava seus lábios para o ombro dele, raspando-o enquanto ele fazia o mesmo em seu pescoço.

Dev estava gemendo pesadamente entre suas coxas, sua língua lambendo desde seu clitóris à entrada de sua vagina, para logo deslizar-se profundamente em seu interior, empurrando fortemente em uma série de violentas ondas de prazer.

Tally podia sentir seus joelhos debilitar-se, sentir as correntes de energia aumentando em seu ventre, apertando-se, pedindo a liberação.

Lucian afrouxou uma alça do prendedor sobre seu ombro, enquanto seus lábios baixavam a seus peitos. Ela deslizou os dedos até a base de sua ereção, onde o duro eixo se unia com a apertada carne de seu escroto.

Moveu o polegar devagar, em sensuais círculos até que pressionou um pequeno ponto situado ali. Sentiu-lhe esticar-se, escutou o esmigalhado gemido que saiu de seu peito enquanto seus lábios cobriam seu mamilo, e o masculino corpo se esticou em resposta quando ela sentiu e encontrou o sensível ponto que tinha estado procurando.

Seus dentes beliscaram sua orelha e usou a outra mão para enredar-se nos fios de cabelo da parte de atrás de sua nuca ao sentir os dedos de Dev explorando a área que rodeava seu ânus enquanto os dentes de Lucian arranhavam seu mamilo.

A voracidade de suas paixões começou a esquentar o ar a seu redor. O suor se destacava sobre a carne de Lucian; a mão de Dev apertou sobre seu quadril enquanto um dedo encontrava a entrada de seu ânus. O índice, escorregadio por seus próprios jogos, perfurou a diminuta abertura enquanto Tally se dedicava a acariciar ligeiramente para cima, com seu polegar encontrando e acariciando o sensível ponto justo sob a acampanada cabeça do pênis de Lucian.

Gêmeos gemidos masculinos ressonaram ao redor dela enquanto seu próprio guincho perfurava a atmosfera. A carícia de uma dúzia de fixos olhares não ajudava a aliviar a tensão que rapidamente ia aumentando.

— Se renda. - grunhiu Lucian enquanto o dedo de Dev acariciava dentro e fora a abrigada entrada de seu ânus. — Agora, Tally.

— Se renda você. - ofegou ela, com suas pernas tremendo, a transpiração cobrindo sua pele enquanto o obrigava a afastar-se de seu peito, inclinándose para diante e beliscando o mamilo masculino.

As mãos de Lucian sujeitaram sua cabeça enquanto ela movia os lábios para baixo por seu duro abdômen, com sua língua procurando e encontrando a úmida cabeça de seu pênis.

— Maldita seja, chupe-a. - ordenou ele acaloradamente enquanto sua língua bordeava a grossa protuberância. — Agora.

Ela gemeu pelo agarre que ele tinha sobre seu cabelo, prazer e dor percorrendo como um raio seu couro cabeludo. Entretanto, recusou-se a obedecer a áspera demanda. Sua língua seguiu lambendo firmemente, excitando, saboreando as gotas de sêmen que se formavam sobre a cabeça de seu pênis enquanto retorcia seus quadris contra a exigente língua de Dev. O prazer abrasou cada célula de seu corpo enquanto lutava por manter o controle, por empurrar Lucian além de seus próprios limites, até que eles lhe dessem o que ela tão desesperadamente necessitava. Não só a perda de controle, a não ser o conhecimento embriagador, único, de sua força como mulher. Queria ser tomada, sem sujeições, sem nenhuma tentativa de ternura, sem preocupar-se de quem controlava a quem. Precisava ser tomada duro, rápido, até o ponto em que prazer e dor se combinavam, e sabia que os homens que amava estavam tão absolutamente imersos no prazer como o estava ela mesma. Sem restrições. Nem físicas nem mentais.

Sua língua deu pequenos golpes na cabeça do pênis de Lucian; sua boca chupou firmemente, uma vez, duas, para logo parar e poder lhe lamber novamente. As coxas dele estavam rígidas pela tensão de conter-se, sua

respiração era áspera, entrecortada.

Agora seu grunhido a surpreendeu.

Uma excitação primitiva percorreu seu corpo enquanto ele agarrava seus quadris, levantando-a. Rapidamente, Dev se levantou, separando suas coxas; a grossa e dura coluna do pênis de Lucian se introduziu dura e rapidamente nas abrigadas profundidades de sua vagina.

O grito de Tally ressoou ao redor deles. Nada poderia havê-la surpreendido mais.

— Fodidamente ganha. - grunhiu Lucian enquanto ela se arqueava em seus braços, com o prazer golpeando como um raio cada célula de seu corpo. Ele se deixou cair sobre um tamborete, apoiando-se no assento enquanto seus quadris empurravam, introduzindo seu pênis dentro dela com duros e profundos ataques.

— Oh Deus! Lucian! - gritou ela, enquanto seu próprio controle se transtornava.

Detrás dela, sentiu Dev aproximar-se, lubrificando o canal sensível de seu ânus enquanto Lucian a enlouquecia com os fortes impulsos em seu sexo. Ele a estirou, enchendo-a por inteiro enquanto ela se estremecia em seus braços.

Toda questão sobre o controle —quem possuía, quem era possuído — desapareceu. Agora, só havia prazer. Prazer diferente a qualquer que ela houvesse alguma vez conhecido, que pudesse ter imaginado.

Enquanto lutava contra a tensão que crescia em seu ventre, contra o encrespado calor e a energia estática, Lucian se deteve, sujeitando-a apertadamente contra seu peito, respirando asperamente enquanto inclinava sua cabeça para ele, tomando seus lábios com os dele em um beijo que lhe roubou a capacidade de respirar. Ao mesmo tempo, Dev se moveu contra ela, pressionando com seu pênis a entrada de seu ânus, estirando os apertados músculos da zona, introduzindo a escorregadia cabeça de sua ereção dentro do estreito canal, e enviando sensações de ardente larva através de suas terminações nervosas.

Seus gritos foram sufocados pelos lábios de Lucian, mas não havia nenhuma vacilação em sua aceitação do prazer e dor que destruiu sua mente. Ela era uma criatura de sensação, de sensualidade. Uma figura de impulsos elétricos, ofegando a gritos e cheia de calor líquido enquanto a longitude sedosa e acerada do pênis de Dev se introduzia nos apertadas curvas de seu ânus. Não houve nenhuma luta para fazê-lo durar agora. A fome, fascinante e primitiva, encheu-os, uniu-os, vinculando seus corpos de um modo de que Tally sabia que nunca se livraria. Duros, enloquecedores golpes a encheram uma e outra vez. A fronteira entre prazer e dor se alargou enquanto cada sensação crescia dentro dela até que afastou desgarradoramente sua boca

da de Lucian, recostando sua cabeça contra o peito de Dev enquanto seu grito de liberação saía do mais profundo de sua alma. Seu orgasmo nasceu desde seu ventre, percorrendo seu corpo, apertando cada tenso músculo até o ponto de ruptura enquanto eles fodiam os apertados orifícios de seu corpo, com seus gemidos e roucos gritos masculinos unindo-se a seu grito quando encontraram sua própria liberação. O sêmen quente e rico jorrou em seu apertado sexo, em seu ardente ânus, enchendo-a, marcando-a de um modo que ela sabia que a tocaria para sempre. Longos minutos mais tarde ela se derrubou contra o peito de Lucian, confiando nos duros braços que se envolveram ao redor dela, os lábios que acariciaram sua bochecha, seus ombros. Palavras sussurradas, fragmentadas, mesclaram-se a seus redor enquanto eles a reclamavam, com suas duras vozes exigindo, firmes, apesar da debilidade que se arrastava agora por seus corpos. Minha... Eles disseram as palavras unidos, e ela lhes aceitou como um sozinho.

Capítulo 19

Tally despertou cedo na manhã seguinte, apesar do fato que logo que Lucian e Dev chegaram a sua isolada casa a tinham levado direto ao dormitório e a tinham castigado estranhamente. Tinha que pagar, riram-se, por atrever-se a deslizar-se no Clube e romper seu controle dessa maneira.

Desavergonhada, tinha-a chamado Dev enquanto a sujeitava na cama. Lasciva, Lucian se tinha rido enquanto golpeava seu ânus, olhando-a elevar seus quadris para cima, procurando mais da erótica estimulação. Tinham-na mantido na borda por sempre, enquanto ela rogava, implorava e lhes pedia que a penetrassem até o esquecimento. O que tinham feito, e bastante bem, tinha que admitir.

Tensa, lhe doendo em lugares que nunca soube que podiam doer, arrastou-se sobre o corpo de barriga para baixo de Dev, ignorando seu irritado grunhido quando ela golpeou seu bem definido traseiro.

— Chegaremos tarde ao trabalho. — lhe informou enquanto ficava a camisa de Lucian sobre seu corpo nu. — E ainda tenho que ir para casa e me vestir.

- agarrou sua própria camisa e franziu o cenho ao ver os rasgados buracos onde uma vez tinha havido botões. — Arruinaram minha roupa.

— Era ilegal. — grunhiu Dev.

— Estou de acordo. Rasgar minha roupa deveria ser uma ofensa mortal. — lhe lançou um olhar zombador. — Talvez te castigue esta noite.

Ele abriu um olho, olhando-a turvamente.

— Volte a dormir.

Voltar a dormir? Nunca se havia sentido tão estimulada. Empurrou em seu ombro, rindo em silêncio enquanto ele gemia, mas se virava apesar de tudo.

Seu pênis estava ereto, esticando o lençol, um grosso convite ao prazer enquanto ela se sentava escarranchado sobre seu duro abdômen e lhe olhava perigosamente.

— Espero que tenham falado a sério ontem à noite. — disse brandamente, consciente de que Lucian tinha rodado aproximando-se do sentir seus lábios em seu joelho, sua mão percorrendo sua coxa. — Tentem escapar de mim e lhes prometo isso, me transformarei em seu pior pesadelo.

Ela tinha lido sobre atadores. Estava bastante segura de que poderia fazer uma imitação maravilhosa.

Dev apartou as mechas soltas de seu cabelo detrás de seu ombro. Seu sorriso, normalmente malvado e provocador, era suave e aprazível pela emoção.

— Cada palavra. — lhe disse brandamente. — Nós dois, Tally, para sempre. Tally inalou fortemente. Estava dando tanto de si mesma a estes dois homens. Olhou para Lucian.

— E o que passará se um de vocês quiser a alguém mais depois? Ele a olhou com surpresa.

— Tally, é nosso coração. Não parece entender, amor, que somos dois lados da mesma moeda. Não pode ter um sem o outro. E esperamos isto por muito tempo, você, para querer ou necessitar de alguém mais.

Como ela não podia lhes acreditar? Estavam-na olhando, com seus olhos brilhantes cheios de amor, de promessas.

— E o que tem que os filhos? — sussurrou finalmente. — Se tivermos filhos? Lucian sacudiu sua cabeça confusamente.

— Bom, seria agradável. — sorriu brandamente. — O que aconteceria eles? Ela pigarreou com delicadeza.

— Não estarão seguros, sabe. — agitou sua mão expresivamente. — De quem é o pai, com certeza.

Ambos franziram rapidamente o cenho enquanto se elevavam para ficar a seu nível. Mas era mais desgosto masculino que a pena que ela pensava que ia ver.

— Qualquer filho que tenha, Tally, é nosso filho. Nunca importará quem de nós o gerou, ambos conheceremos essa possessividade, esse amor por um menino que é nosso. É parte de nosso vínculo, amor, e parte de nosso presente para você. — a voz de Dev era baixa, profunda, cheia de emoção enquanto a mão de Lucian acariciava quase reverentemente seu plano abdômen.

Deixaram-na sem fôlego, roubando seus medos, e por uma vez em sua vida ela acreditou. Acreditou que era adorada e que as necessidades que a obcecavam e a atormentavam seriam aceitas. Ela os amava a ambos. Devagar, assustadoramente, os dois homens se introduziram em seu coração e o

tinham cheio até derramar-se.

— Bem. — deu uma olhada a Lucian, tragando o nó de emoção de sua garganta. Sorrindo perversamente, ele afastou a borda inferior de sua camisa.

— Pára com isso. — Ihe pegou na mão e antes de que qualquer deles pudesse detê-la, saltou fora da cama e correu para o banheiro. — Tenho que estar pronta e ir em casa antes de ir ao escritório. Vou necessitar de café, se não lhes importar. Espero que tenham uma máquina de fazer capuccino. — fechou a porta do banheiro atrás dela, com um agradável sorriso cruzando sua cara. A vida estava definitivamente começando a lhe sorrir.

Dev jogou uma olhada a Lucian enquanto rodava da cama, olhando fixamente a porta fechada do banheiro com um olhar bastante menos que agradado.

— Estamos fodidos. — disse Lucian simplesmente. Dev soube que não se referia ao ato, a não ser ao estado de dominação que podiam ver que ia envolver sua vida nos poucos momentos não sexuais de sua vida com Tally.

— Infernos, deixa-a divertir-se. — Dev raspou seu peito prazerosamente. — Se nos escapa das mãos, sempre podemos voltar a atá-la à cama.

Lucian olhou divertidamente para seu irmão.

— Ah, não tem nem idéia do monstro que vamos criar. — sacudiu sua cabeça com cautela. — Estamos fodidos, irmão. Plena e simplesmente.

Não soava aborrecido.

— Estou esperando. — os chamou ela do banheiro. — Quem tinha a tarefa de me lavar as costas esta manhã?

Lucian olhou para Dev ao mesmo tempo que seu irmão encontrava seu olhar. Olharam para a porta do banheiro, logo o um ao outro, e começou a correr. Podiam compartilhar a maior parte do tempo, mas não havia maneira de que essa condenada ducha pudesse lhes abrigar aos três. Infelizmente, chegaram à porta ao mesmo tempo.

Suspiraram a unísono.

— Certamente, uma ducha maior. — disse Lucian com uma careta enquanto Dev conseguia lhe empurrar e, sorrindo com ar de suficiência, entrou primeiro à ducha.

Apoiou-se contra o batente da porta, rindo quando a risada de Tally ressonou do cubículo. As sombras de seu irmão e sua amante se retorceram, giraram, com suas mãos tocando-se e os lábios encontrando-se. Excitante e absolutamente possessivo, Dev a apertou contra a parede e começou a lhe demonstrar quem era o chefe... ao menos na ducha.

A vida definitivamente mudaria para todos, mas eles a tinham agora, sua enfasiada pequena consorte, disposta a amar e querendo aceitar os prazeres que eles podiam lhe dar, para a adoração que tinham protegido só para ela.

Como os Troianos antes deles que tinham encontrado à mulher perfeita, eles a sustentariam, ocultariam-na quando pudessem, olhariam com orgulho quando não pudessem, e a protegeriam enquanto tivessem fôlego. Suas perversas intenções tinham dado resultado quando puseram sua vista nela. E agora seus corações, suas mesmas almas, regozijariam-se para sempre no resplendor do sorriso de Tally.

Epílogo

— Fácil, Red. Foder, sim, querida, lá vamos, toma-o todo. — Red, ou Kimberly Madison, como a conheciam na elite política de Washington DC, estava estendida na mesa de nogueira, suas mãos atadas pelas correias dos lados, com suas pernas elevadas por Sax enquanto ele lentamente introduzia seu pênis no escuro e bem lubrificado ânus.

Sua cabeça golpeava sobre a dura superfície; as gotas de transpiração dedilhavam sua cara, seus peitos cheios e deliciosos e seus eretos mamilos. O suor corria em riachos para sua cintura, formava um pequeno atoleiro no diminuto botão do umbigo e fazia brilhar suas coxas, unido aos espessos sucos que se acumulavam desde sua nua e ruborizada vagina.

Sax a fazia estender amplamente suas coxas, abraçando-os com seus musculosos braços enquanto ele penetrava lentamente à pequena ruiva ao tempo que ela gritava e se retorcia contra ele, rogando por liberar-se. Era uma vista que Jared Raddington estava seguro que arderia em sua mente por sempre.

Compridos e ferozes cachos vermelhos caíam a um lado da mesa, fios de grossa seda que deveriam acariciar seus quadris, mas que roçavam o chão em lugar disso. Cabelo que desafiava a um homem a tocá-lo, a acariciá-lo.

— Por favor, Sax. — gritou ela enquanto lutava contra as ataduras. — Deixe ir. Não posso gozar assim. Por favor.

A escura carne masculina brilhou suarenta enquanto aumentava as duras investidas, e a bronzeada longitude de seu pênis se apoderava do pequeno e ajustado canal em duros ataques, separando as deliciosas curvas de seu ânus e enchendo-a com cada polegada de sua escura e acerada ereção.

Jared se levantou de sua cadeira no rincão isolado que tinha escolhido horas atrás quando entrou no Clube. Em sua primeira noite ali queria habituar-se ao lugar e a seus membros, mas não tinha esperado a assombrosa cena que lhe tinha revelado.

Kimberly tinha entrado tão linda para agradar, tinha pedido uma taça e tinha dado um passo para o escuro engenheiro da Delacourte Electronics. Pela primeira vez no ano que fazia desde que Jared a conhecia, não levava maquiagem, sua expressão mostrava uma honesta e nua emoção, inclusive embora fosse luxúria, e a fina capa de fria altivez que sempre mostrava ao mundo se esfumou.

— Mais duro. Por favor, Sax, por favor. — ela estava quase as lágrimas agora, rogando por sua liberação. Retorceu-se contra as ataduras que a sujeitavam, seus quadris retorcendo-se contra a dura penetração do grosso pênis que perfurava seu ânus com golpes crescentes.

Seu clitóris estava inchado, aparecendo desesperado por cima das dobras de carne que o protegiam, o pequeno nó de nervos avermelhado e brilhando ansioso.

— O que acontece com ela? — Finalmente perguntou Jared a outro dos membros que estava sentado junto a ele.

— Red? — A voz de Lucian Conover se suavizou ao olhar a cena. —

Normalmente, muito estresse. Está acostumada a aparecer mais ou menos cada três meses, normalmente depois do exame físico forçado para demonstrar que ainda é virgem, e se permite um desafogo. É uma boa menina Menina? Tinha vinte e quatro anos e gritava agora por sua liberação, pedindo a outro homem que penetrasse seu ânus mais duro, mais profundo. Se fosse muito mais profundo lhe estaria fazendo ao bastardo uma mamada quando saísse por sua garganta. Era diminuta, media 1,65 M., delicada e tão frágil como uma princesa de conto de fadas. Ou isso tinha pensado ele. Nenhuma frágil princesa poderia tomar um pênis em seu ânus dessa maneira e pedir por mais.

— Exame forçado? — Finalmente encontrou sua língua o tempo suficiente para perguntar.

Conover fez uma careta.

— É a filha do Senador Madison. O testamento de sua mãe estipula que ela tem que ser virgem em sua noite de casamento para conseguir qualquer que seja sua maldita herança. Evidentemente, o querido papai a quer. — se raivou. — Consegui uma ordem judicial para lhe fazer exames trimestrais que provem que ela ainda reúne os requisitos para herdar antes de seu casamento, quando for que isso seja. Se ela não passar a prova, o bom do senador herda tudo.

Jared apertou seus dentes pela informação. Ele sabia que Madison era um bastardo, mas até isto era mais do que tinha esperado do homem.

— Maldito seja, Sax. — gritou ela. — Não pode suportá-lo.

— Ela necessita de estimulação no clitóris. — suspirou Lucian. — Sax terá que atrasar-se até levá-la ao ponto em que ela goze fácil. O resto dos membros que estão aqui hoje, fora ele, estão casados. — havia um fio de diversão em sua voz. — Exceto você.

Jared olhou fixamente para ela. Estava corcoveando, rogando, enquanto Sax lutava contra sua própria liberação.

— O que é o que necessita? — Perguntou, sabendo que se estava condenando a si mesmo.

— Não muito. — Lucian se encolheu de ombros. — Golpeia sua vagina um pouco e gozará como se fosse em Quatro de Julho. Depois, tomará uma taça, jogará umas poucas mãos de cartas e irá para um quarto dormir.

Jared se levantou lentamente. Esbofetearia aquela bonita e pequena vagina, por agora. Mas seu pênis precisava de mais. Logo ele a foderia duramente igual.

Enquanto cruzava o quarto, Sax elevou o olhar; a tensão de conter-se refletia claramente em sua escura cara.

— Ajuda-a. — ofegou. — Não vou agüentar.

— Não. Não, não pare ainda. Por favor... — A voz dela se acalmou enquanto Jared rodeava a mesa.

Seus olhos se abriram, sua cara empalideceu e então duros e violentos estremecimentos começaram a percorrer seu corpo enquanto ela explorava repentinamente, com o nome de Jared exalando como um grito rouco entre seus lábios ao tempo que Sax empurrava repentinamente mais duro e forte antes de deter-se, distorcendo sua cara por sua própria liberação.

Jared se inclinou perto, uma mão grande que emoldurou sua cara quando ela ofegou.

— O próximo pênis em seu ânus será o meu. — jurou ele com convicção. — Nenhuma mais, Kimber, não sem mim. Nunca mais...

FIM